A MULHER

REDACTORES

XAVIER DE CARVALHO—XAVIER PINHEIRO

PROPRIETARIO: F. MARIA RODRIGUES

A MULHER

A educação essencialmente burgueza de nossos dias, encheu a mulher de uma pessima educação mesquinha, impropria da dignidade pessoal d'ella, insufficiente, incapaz de comprehender o ideal moderno, e de acompanhar este movimento para a verdadeira luz.

A mulher de hoje vive geralmente para a *moda* e para a elegancia, para os grandes aspectos requintados e luxuosos, para a improductibilidade: pólos entre os quaes se encerra a sua limitada vida moral. E uma das causas do seu atrazo é ella estar alheia completamente a toda esta renovação intellectual que é a gloria do nosso seculo, é ella não viver inspirada pelas novas leis artisticas e scientificas, não lhe impressionarem as grandes luctas da politica, não poder comprehender nem saber dirigir os trabalhos do *ménage* tão bons e tão alegres, por lhe faltarem todas as noções positivas do Dever, da moral na familia, da sua philosophia sublime; não ter uma intuição poderosa das bellezas do conforto domestico, desconhecer a hygiene, e deixar-se absorver pelos romances de tão prejudicial leitura.

Filha de uma educação retrograda, de maus principios, de terriveis fins e amplamente saturada de velhos preconceitos, a mulher, em geral, apenas sahe do berço, ensinam-n'a a enfeitar uma boneca, a enfeitar-se ella propria; mandam-n'a depois para um collegio onde lhe ensinam entre muitas frivolidades, a mal fallar duas linguas, e a arrastar ao piano os sons plangentes de algumas polkas. Ensinam-lhe a combinar as diversas *nuances* do algodão, a bordar a missanga, e em talagarça, e quando muito a esboçar incorrectamente um desenho.

D'essa educação incompletissima e illogica que ha a esperar de bom, de grande, de generoso? Que ha ahi que se possa apontar como inspirador de verdadeiros sentimentos, de sãos principios, de altamente moral, e de profundamente util?

Assim como a educação fidalga,—a educação palaciana—acabou com o nascimento do elemento burguez, assim este ultimo ha-de acabar quando se realisar o ideal do nosso seculo que é a Revolução.

A nossa epoca é de renascimento, de reconstituição. Na philosophia debatem-se as bellas deducções de Kant até as grandes theorias do positivismo de A. Comte, e do monismo de Haeckel, na archeologia, na anthropologia, desviam-se para muito além as edades do homem, contam-se novas camadas geologicas, descobrem-se novas raças, pelos soberbos trabalhos de Lyell, Lubbock, de Vogt, de Boucher de Pertes; analysa-se a descendencia animal do homem pela philosophia zoologica de Darwin; na physica, na chimica, novas experiencias maravilhosas; na arte, desce-se do frio e esteril romantismo para as frontes de pura luz, jovens mas promettedoras, do *realismo;* na biologia, na philologia, na economia politica, que enormes clarões de vitalidade, que assombrosos estudos!

O molde arruinado do passado cahiu; e a mulher viu vagamente desmoronarem-se as velhas ideias; desconfiou mais que com a aurora das ideias novas lhe havia de alvorecer nova vida! «Ella vê confusamente, como diz uma das nossas primeiras litteratas,—despontar no horisonte a influencia que ha-de transformal-a sem que os espiritos esclarecidos, viris e indulgentes, a ellucidem e guiem no caminho que ha-de forçosamente trilhar, para seguir o seu tempo, para antecedel-o até como compete a quem por indole e por natureza tem de ser a inspiradora honesta e sã de todos os commettimentos masculinos.»

Michelet, o divino author de *La Femme, e L'Amour;* Paulo Janet com *La Famille;* Legouvé. *Histoire morale des Femmes;* Pelletan: *La Mère,* e outros tem empregado todas as suas forças para a completa emancipação da mulher, e para a guiar no caminho do futuro e os seus esforços quasi que passaram desapercebidos. Mas quem conta os raios d'uma luz no meio da escuridão? Quem conta as estrellas n'um firmamento baço, n'um firmamento de bronze?

A culpa é toda nossa, temo-nos deixado absorver inteiramente comnosco mesmos, com o nosso bem estar; temos sido egoistas, grandiosamente egoistas. Temos dado á mulher por unica distracção umas *gazetas de modas,* um dos mais terriveis venenos,—veneno lento; que vae esterilisando a mulher, e que depois de desconjunctar a familia desorganisa a sociedade. Não temos pensado na nossa companheira, na nossa educadora moral, por assim dizer; agora é tempo que lhe lancemos um olhar de amizade e de interesse, um olhar de pae, de amigo que zela os seus direitos.

E' preciso educar a mulher, educal-a modernamente em bases solidas, com um criterio profundo, philosophico; arrancal-a ás molles essencias dos *boudoirs* que

enervam, que matam o espirito, que annullam a intelligencia. E' preciso fazer da mulher um ser util. «Na nossa época de fria analyse, de implacavel utilitarismo, a primeira das obrigações da mulher consiste em tornar-se util. Ser util é para ella o grande segredo de ser querida, de ser forte, de ser dominadora. Toda a educação feminina deve partir d'este principio»—diz R. Ortigão. Ora a educação actual d'ella, a educação burgueza, não segue este principio, se não é antes a morte d'elle. Pela educação, pela cultura do espirito é que a mulher póde ser o que deve, isto é, —é que ella tem direito a requerer á sociedade a parte do poder e da influencia que assume n'ella. A esta educação não satisfazem nem a escóla nem os preceitos moraes adquiridos actualmente nas casas paternas. Adquire-se pela experiencia e pela pratica da vida domestica, e quaes as noções elementares para essa cultura do espirito?—Uma bôa educação. Havel-a-ha?

Cumpre educar a mulher «*Eduquer la femme c'est seconder sa transformation*, exclama Michelet; é ensinar-lhe o papel que lhe compete no seio da familia. E' preciso educar a mulher pela moral, pela economia, pela philosophia, pela sciencia, pela litteratura, pela arte, pela critica, por todos os ramos da actividade humana; é preciso que ensinemos a ser boa mãe e boa dona de casa; excellente esposa e carinhosa filha.

O programma da «*Mulher*» está, pois, traçado: é altamente reformador: é um brado de indignação contra essa falsa educação de nossos dias. «*A Mulher*» é o orgão, entre nós, da renovação que lá fóra se vae declarando d'um modo sympathico.

Nas suas columnas encontrar-se-hão abundantes artigos de litteratura, de moral, de hygiene, e de varios conhecimentos uteis, como monographias, viagens, critica, com um ideal elevado como a Sciencia e sublime como a Justiça.

COMEDIA ETERNA

DAS «DOLORAS» DE CAMPOAMOR

I

Um galan a adorava,
Emquanto ella sorria, elle chorava.

II

Mas desde certo dia
Trocaram-se os papeis—elle sorria...

Lisboa, 1879.

JOAQUIM D'ARAUJO.

ERNESTO MONACI

De ha muitos annos competia á Academia Real das Sciencias de Lisboa restituir á nação portugueza um dos principaes monumentos da sua lingua e litteratura, o *Cancioneiro portuguez*, que desde o seculo XVI se guardava inedito na Bibliotheca do Vaticano. Pelo lado do governo, nenhum ministro teve ainda a menor comprehensão de que era uma vergonha nacional o deixar ao interesse dos sabios extrangeiros o revelarem por breves excerptos esse grande thesouro da nossa poesia palaciana dos seculos XIII e XVI; nenhum embaixador em Roma, depois da incompleta tentativa do visconde da Carreira se lembrou de usar da sua influencia para obter uma copia d'esse incomparavel monumento do fim da idade-media.

O Cancioneiro do Vaticano teria de ficar inedito e em breve estaria pulverisado por causa da tinta corrosiva com que foi escripto, se um intelligente e joven filologo, o snr. Ernesto Monaci, e um activo editor allemão, Max Niemeyer, não emprehendessem restituil-o a todos os que estudam por sacrificios de iniciativa individual o que era stricta obrigação moral da nossa Academia e do governo portuguez. Da Hollanda reclamam um portuguez que vá tomar conhecimento dos importantes documentos historicos das nossas relações internacionaes do seculo XV e XVI, que se guardam nos seus archivos; mas os governos acham esses cuidados improprios do programma, que tem por fito unico a sua conservação no poder.

E já que nenhuma distincção existe no cofre das graças governamentaes para o homem que dotou a nação portugueza com o primeiro dos seus monumentos litterarios, aqui compendiamos alguns traços biograficos de Ernesto Monaci, para que mais de perto se conheça o erudito filologo a quem sempre serão reconhecidos todos os que estudarem a lingua e litteratura portugueza. Nasceu Ernesto Monaci em Roma, em 1844; seu pae, velho e distincto magistrado, deu-lhe uma educação litteraria, destinando-o para a carreira da advocacia. Sem bens de fortuna, Monaci comprehendeu mui cedo que pelo trabalho serio e decidido é que tinha de encetar o combate da vida; em 1866 acabava a sua formatura juridica, e começou logo os primeiros ensaios pela advocacia criminal. Assim como a Italia ainda hoje conserva a antiga tradicção juridica das escholas romanas, ainda hoje tambem o jurisconsulto tem, mais do que em nenhum outro paiz essa cultura litteraria que brilha na jurisprudencia de Roma. Monaci era seduzido constantemente pelo gosto da litteratura, e todos os seus momentos vagos eram dispendidos com fervor na investigação das bibliothecas. Dava-se um combate na sua alma, entre o dever da profissão e as predilecções do talento; o estudo de Dante despertava-lhe o amor da litteratura e da idade-media da Italia, e admiração dos monumentos artisticos ia localisar-lhe a sua paixão no estudo da poesia provençal. No conflicto entre o dever, a que o ligavam mil obrigações da familia, e o disvelo pela litteratura, liberal e improductiva, Monaci não se atrevia a romper directamente, seguindo o caminho para onde a vocação o arrastava. Um grande facto historico, assim como foi influir na marcha do seu paiz, modificou tambem a sua vida; em 20 de setembro de 1870, Roma ficou a capital a Italia, e uma nova legislação e uma outra administração trouxe esse membro paralisado á revivescencia da nacionalidade. Foi então que Monaci abandonou a jurisprudencia que repentinamente ficara sepultada na historia; este passo decisivo encontrou mil censuras no circulo dos amigos praticos, que lhe objectavam com os auspiciosos interesses da clientela e com os encargos da nova familia que formára. N'esta conjunctura foi-lhe offerecida romana *Il giornale del Foro*, onde se manteve durante quatro mezes do anno de 1872. Investigando sempre nas bibliothecas, ahi contrahiu relações de amizade com Stengel e Manzoni, e combinaram a creação de um jornal de filologia romanica, a *Rivista di filologia romanza*. Monaci tinha já prompto para o prélo o poema inédito provençal

Gli causel alsador; nos seus estudos filologicos é que lhe acertou de cair nas mãos, o *Cancioneiro portuguez* da Bibliotheca do Vaticano, n.º 4803; foi um dia memoravel na sua vida, esse de 11 de março de 1872. A resolução de dar publicidade a esse codice importantissimo produziu uma longa illiada de decepções: Monaci continuava a ser o objecto de recriminações praticas da parte dos que não comprehendiam uma tal dedicação pela sciencia. Monaci adoeceu do peito, seu irmão fallecia quasi subitamente, seu filho parecia quasi succumbir; tudo conspirava para o desalentar.

Apezar de tudo, Monaci superou as dificuldades com um trabalho tanto mais heroico quanto era sem esperança. Com um intelligente e tambem joven livreiro allemão, Max Niemeyer, fundou uma publicação monumental intitulada *Communicazione dalle Bibliotheche di Roma e da altre Biblioteche per lo studio delle lingua e delle letterature romanze*. Formou o primeiro livro d'este importante corpo o *Cancioneiro portuguez*, cuja reproducção diplomatica e seguro tino critico nas propostas de restituição do texto litterario fazem a gloria de um filologo. Pouco antes d'este livro ser publicado, era Monaci chamado na manhã do dia 27 de dezembro de 1875 a casa do ministro Bonghi, para lhe participar que havia sido creada na Universidade de Roma uma cadeira de litteraturas romanicas, que lhe seria confiada; a honra d'esta nomeação é maior ainda quando se sabe que Monaci foi indigitado para o magisterio pelos eminentes filologos A. Bartoli e d'Ancona, e pelo marquez Ferrajoli. Eis coroada a vocação que abriu o seu caminho sem se acovardar com os obstaculos; a sciencia italiana soube conquistar para si mais um valente obreiro. Monaci consagra toda a sua actividade ao desempenho da sua cadeira; á realisação da ardua empreza das *Communicazioni* e n'este anno começa o plano das edições criticas de uma vasta *Bibliotheca classica italiana*. Monaci é auctor de muitos outros trabalhos valiosos, taes como, sobre as origens do theatro italiano, *Apunti dei Disciplinati dell' Umbria*, os *Canti antichi portoghesi* e os *Cantos de Ledino*; d'estes dois ultimos trabalhos já fallamos detidamente. Monaci é um rapaz ainda, e o seu retrato accusa em tudo o lume da intelligencia, a paixão do bello e da verdade; as suas cartas singelas exprimem a candura de quem vive na sciencia.

Tal é o homem a quem Portugal deve a restituição de um dos titulos mais gloriosos do seu passado.

THEOPHILO BRAGA.

CHRISTO NA MONTANHA

Si cadens adora veris me...
SATAN

I

Quando Jesus sombrio e solitario,
longe *d'elles*, subiu para a montanha,
com as paixões travando a má campanha,
e envolto no seu lucto voluntario.

Triste, expiado do poder cezareo,
e dos sabios da Lei da occulta sanha,
a icoroado n'uma dor tamanha,
como a cruz que levou para o Calvario.

Alli foi que, isolado e em paz comsigo,
no manto do silencio, como abrigo,
involvendo o espirito abattido...

Fraco, e esquecendo o seu papel divino,
como um mortal sobre o seu crú destino,
emfim, chorou, de todos escondido!

II

Emfim chorou, e dolorosos dias
levou n'um largo extasis profundo,
e, n'uma dor maior que o proprio mundo,
libou todas as velhas agonias.

Alli as horas viu correr sombrias
cavado de jejuns e moribundo;
alli foi que tentado pelo Immundo
subiu, um dia, ás longas penedias.

Em face, alli, d'essa indisivel magua,
apontando-lhe, em baixo o abysmo, a agua,
n'uma voz lamentavel lhe soprou...

O *desejo da morte*... e o desalento
de Deus, do azul sublime... o *esquecimento*
— Mas Elle nem sequer se debruçou!

III

Que magua é essa que o teu seio encerra?
bradou-lhe então: «*que a morte nem convida!*
«tem-te sido, talvez bordada a vida
de flores? teu destino nem te aterra?

Ergue-te, ó Forte então, accende a Guerra
e já que a Lei é lettra escarnecida,
faze luzir a Espada, ella decida
e se proste a teus pés, viuva a Terra!

Põe na ponta da lança o Livro Novo,
mostra-o assim aberto e erguido ao Povo
Faze-te rei... mais tragico e suspenso... »

Parou aqui, sombrio e triste, o Immundo,
que a isto, a isto dolorido e fundo,
leu-lhe nos labios um despreso immenso.

IV

Ó Hostia triste! ó *Triste abandonado!*
doce filho da Luz aqui perdido,
na noite fria, ao vento desabrido,
sem um ninho d'amor agazalhado;

Emquan dos jejuns magro e curvado
vaes sobre o teu caminho estreito e unido,
teu pae dorme, de ti, longe esquecido,
entre os seus Paraizos embalado!

Que lei prégas em vão? Deixa a abstinencia?
ó Justo! o Céo por fome é a demencia!
—Mas Christo a isto consternado então...

Caindo, a face, contra a terra dura,
bradou: ó Carne vil! Miseria escura!
—*Sempre o Homem tentado pelo pão!*

Lisboa. Gomes Leal.

A MULHER EM TODAS AS EDADES

Acabadas as questões da emancipação dos escravos, arrancada a pesada corrente da tyrannia que uns ataram aos pés dos outros homens, conseguidas muito valiosas transformações sociologicas, levanta-se e agita-se o problema da emancipação da mulher. Se ella deve viver adstricta ao lar como os escravos de gleba viviam adstrictos á terra que cultivam para os senhores feudaes; se os direitos do homem devem ser tambem os seus; se não convém que se desenvolva de modo que a sua mente se remonte ás regiões do saber e voe pelos espaços do bello e do philosophico, se é justo, util e necessario que a mulher se cultive no vasto campo da sciencia, são problemas muito tractados e ainda pouco comprehendidos.

Agradam estes assumptos pelo menos á sua vaidade; muitas que ignoram o mais generico desejam saber o que se lhes desenrola como mysterios impenetraveis, mas nada lhes toma cuidados tam solicitos e frequentes, como os adornos que são a arte das seducções da mocidade.

A arte de agradar ou de se mostrar bella retira-a de todo ao estudo. Pensa no dia de hoje, e esquece-se do seguinte; não lhe passa pela mente que todos esses ouropeis desapparecem como as petelas que o tempo destaca da flor.

Alongar o seu reinado, tal deve ser o seu segredo, que nada mais esmaga o espirito do que a ideia de abatimento.

Em quanto a bellesa lhe resplandece e a engrinaldam os verdores da mocidade, a mulher triumpha em toda a parte, como a flor em quanto está cheia de perfumes subtis, todos a afagam; mas quando a acção do tempo lhe enrugar a macia cutis e lhe desfeiar o rosto formoso e o gelo do inverno lhe embranquecer os lindos cabellos d'ouro ou d'ébano?

Quando lhe não disserem como o poeta inglez:

«Nos olhos traz o céo, no andar as graças.
«O amor e o brio nas maneiras todas.»

Com a educação que recebe agora, na velhice é, quando muito, reliquia de bello monumento d'arte, safada pintura que todavia ninguem comprará por punhados d'ouro como uma virgem de Raphael desbotada e esquecida sob as ruinas de convento abandonado.

Radiante de mocidade e formosura, esta mulher impera na terra e dizem-lhe que é capaz de levar o homem ao céo; com um sorriso inspira os poetas e os grandes artistas, desenvolve a imaginação aos romancistas; dá vigor aos tribunos, valentia e atrevimento aos guerreiros, penetração aos philosophos e que sei eu? bondade ao proprio Satanaz.

Mas, quando esses encantos desapparecem, acaba o seu poder, porque eram o seu talisman, a corôa da sua magestade.

O duque de Gardia, depois S. Francisco de Borja, um segundo Santo Ignacio de Layola, amou a gentil irmã de D. João III; sentiu-se capaz de arrastar com as tias do grande imperador por um dôce olhar da sua encantadora esposa; mas, assim que as graciosas fórmas de Izabel de Portugal, a imperatriz de Allemanha, e rainha de Hespanha, foram presa da morte, e ao fazer entrega do cadaver, vendo ao abrir o caixão, o formoso rosto da esposa de Carlos V horrivelmente alterado pela gangrena e putrefacção, teve vontade de fugir como todos os circunstantes. O todo informe, em que se converteram tantas graças, foi para o cortesão o que é para muitos a velhice da mulher que unicamente se formou nas molduras da plastica. Dura-lhe o valimento, em quanto tem o carmim da rosa, a alvura do jasmim, o arôma da violeta, a candura da açucena, e assetinado do lyrio, e a frescura do orvalho.

Para estas formosuras derrocadas a velhice é um supplicio, e a existencia um pesado fardo.

Se lhe aformosearem o espirito, a velhice não a atormentará; todos reverencearão uma nobre cabeça de mulher quando é enriquecida pelo saber, e toucada pelos prateados cabellos a que longos annos de meditação tiraram o ferro que lh'os esmaltava de negro na mocidade; a sua belleza continua, porque com o tempo augmenta a auctoridade da intelligencia.

Cada edade tem a sua missão. O inverno é tam necessario como a primavera. Quando parece morta, a natureza prepara o vigor com que se reveste na estação propria.

Da arvore velha brotam viçosos rebentos.

E assim é a mulher tambem. Quando parece envelhecer, avigora-se nos filhos. Quando poderia julgar-se abandonada, goza carinhos como nunca, e exerce a mais suave auctoridade, quando a suppõem sem vassallagem.

Os que a tractam com indifferença passam desapercebidos para ella. O mundo trivial já não a fere e commove. É que está muito distante das suas imperfeições. Vive em outro, que não tem lisonjas ridiculas, mordacidades, mentiras sacrilegas, refalsados juramentos, invejas mesquinhas, rancorosas vinganças e torpes calumnias.

Pode-se dizer que entra nas regiões do bello ideal, porque começa a vida do desenteresse, porque escuta os doces acordes de sua alma, porque está mais perto do céo.

Kepler, Kant, e outros assombros da intelligencia humana tudo quanto foram o attribuiram a suas mães. Nunca ellas na mocidade, com todos os encantos da época mais florida da vida, tiveram um diadema assim rutilante como o que lhe collocou na fronte esta attribuição dos seus filhos.

Que seria do orphão Parmentier, sem o amparo e direcção do espirito profundo de sua mãe!

Viu-se envolvida nos crepes da viuvez e ameaçada pela miseria com dous filhinhos ao lado, sem recursos, e com as flores da mocidade murchas, chegou a ver-se rodeada das maiores grandezas da França e de toda a Europa. Gosou o respeito dos maiores sabios do seu tempo.

A corôa de espinhos que lhe cravára o infortunio foi-lhe arrancada pela força do animo que lhe deu a sua instrucção superior.

Concebeu o plano de fazer do filho um sabio. Faltavam-lhe, porem, os meios para metel-o em um collegio.

Que importava que os não tivesse! Tinha-os no coração de mãe e na cabeça de mulher que não era vulgar. Transmittia-lhe o que sabia, e aprendeu o que ignorava para lhe ensinar os preparatorios. Com o auxilio de um ecclesiastico, estudou a lingua latina; e o discipulo

de uma mãe chegou a receber os maiores diplomas das sociedades scientificas do seu paiz e a ser saudado pelos sabios mais eminentes de toda a Europa.

(Continúa).

OLIVIA TELLES DE MENEZES.

(A.)

Quando o luar tem sorrisos
E a noite diz uns segredos,
Que ouviamos dos arvoredos
Em vozes do paraizo.

Assoma tu á janella,
O' minha doce violeta!
Pois o amor de Julieta
Faz cantar a filomela.

Abrem seu calix as flores;
Que tu és a madrugada
D'uma campina doirada,
A patria dos trovadores.

Mas não te esqueças, formosa,
Que o drama de Julieta
Foi um amor de poeta,
Uma nuvem côr de rosa.

Coimbra — 1875.

SERGIO DE CASTRO.

ATRAVEZ DO ALEMTEJO

I

No Alemtejo a vida é de uma monotonia cruel e bestial, deslisada entre asperas canceiras, e um continuo espectaculo de bruteza, ignorancia e inaptidão para quanto seja elegante, fino, de bom gosto — que enfastia, enerva e adoenta. No verão, o sol faisca ardencias lancinantes, os campos amarellados, das colhidas cearas, tem uma desolação contemplativa. Pelas ondulações das colinas, alastram-se, como manchas de zincagem, as ramarias metallicas e cinzentas dos olivaes. Cabeços calvos, aridos, requeimados, accumulam-se em fiadas. Ao longe, uma linha nua, separa os terrenos cultivados, do abandono — a charneca. E para lá, a vista em balde quer repousar n'um molho d'espigas, n'um grupo de figueiras. E' sempre a mesma monotona continuidade sequiosa e inutil, enorme como um deserto, sulcada de despenhadeiros seccos, franjados de carrascaes, a mesma abrazada natureza, sobre que os corvos, os milhafres pairam esfaimados, em grandes circulos, com evoluções d'uma audacia de rapina. Azinheiras seculares, torcem os seus troncos vetustos, informes, obesos, como quem padece, pelas clareiras forradas de gramineas amarellecidas. Aqui e alem, rolas timidas, pardentas, esvoaçam, rolando, pelo montado. Restos de choças, abandonadas pelos pastores, dão uma tristeza hypocondrica e doente. Pelas veredas irregulares, trabalhadores tostados, vão lentos, preguiçosos, de polainas de feltro, nos seus jumentos, para os trabalhos. O ladrar dos cães tem um echo extranho até, n'aquellas solidões bravias, e um vento, abrazado — o suão — passa sobre as cousas, como a exhalação d'uma cratera em actividade.

Tudo n'esta região é triste e abatido. A forte raça do campo, robusta e viva, por mim sonhada na minha anemia pallida de alfacinha, não existe. Em vez d'ella, corpos angulosos, emmagrecidos, miseravelmente allimentados a pão duro e a sardinhas salgadas, typos d'uma raça decadente, degenerada e envilecida, em que se mistura alta percentagem de sangue negro, de escravos. Pelas caras, uma fealdade grutesca; cordoveias injectadas pelos pescoços e pelos pulsos, mãos osseas, calosas e miseraveis, pessimos dentes fetidos de carie e de tabaco, uma sordidez nauseabunda, que enoja. As mulheres, o mesmo.

Nenhum typo delicado, nenhuma epiderme lisa e fresca, falta absoluta de salero, alegria e intelligencia. A gente pobre, accumula-se sob os tectos de casas tristes, feitas de terra calcada, sem vidros, sem uma trepadeira verde nas janellas, sem um mirante, sem um jardim. Os moveis de pinho, toscamente lascado, com assentos de junco secco, carecem de elegancia e de commodidade, recordando os tempos biblicos do papá Abrahão, por ventura o inventor de tão grosseira mobilia. As paredes nuas, offerecem um aspecto da pobreza fatidica. Desconhecem os meios mais rudimentares de manter confortavel e bonita, uma cabanita qualquer; não usam cortina branca na janella, a persiana verde, de um tão pictoresco aspecto campestre é desconhecida; não utilisam, tão pouco, as flores nas pequenas jarras de louça, sobre o bufete, meios tão modestos e tão simples de promover o aconchego dos ninhos domesticos, de refrescar dos ardores tropicaes do dia as pequeninas camaras rusticas. Nota-se sempre uma cousa com as mulheres dos varios departamentos. Onde ha agoa em abundancia, rios azues e navegaveis, bahias placidas povoadas de barcos latinos, quedas d'agoa da aresta dos grandes montes pedregosos; as mulheres apresentam uma certa indole artistica, uma suavidade de meneios e de palavras, que captiva e domina. A alma da mulher como espelha o azul benigno do lago ou da enseada, e na sua contemplativa doçura parece aspirar a um grande ideal de amor, ter uma culta noção de graciosidade, que encanta. Quem percorreu as povoações do littoral reconhece isto. A medida que se penetra o interior e especialmente o Alemtejo, experimenta-se, a differença que apontámos. A mulher só conserva as noções de arranjo de trafego domestico que seus avós lhe transmittiram. Cozem os vestidos do mesmo modo, cortam as suas roupas como ha cem annos, e este facto que para as mulheres de Aveiro tem uma belleza indiscutivel porque são elegantissimos os trajos seculares das ovarinas e das aveirenses, no Alemtejo só serve para mostrar a mulher camponeza sob o aspecto mais chato, mais vulgar, mais chocho que temos visto.

(Continúa).

FIALHO D'ALMEIDA.

EDUCATION ET INSTRUCTION DE LA FEMME

GÉNÉRALITÉS

Il ne suffit point pour être estimable et recherchée de s'assujettir extérieurement à quelques règles de bien-

séance, et aux vaines formalités du monde. La base et la mesure de toute estime véritable n'existent qu'en raison directe de la solidité, et de la pureté des sentiments. Et maintenant, quels seront les principes, ou pour parler plus correctement, quelle sera la pierre fondamentale de ces sentiments: L'éducation et l'instruction.

Un ancien philosophe a dit: «Je me couvre du peu que je sais comme d'un manteau qui rend invisibles aux yeux du vulgaire, les infermités de l'esprit et du cœur.»

La raison, à son tour, dit à la femme: «Revêts-toi de la double envelloppe de l'éducation et de l'instruction, avant d'affronter la vie nouvelle du monde et de la famille. Cette enveloppe te servira contre les faiblesses du cœur humain; elle te frayera les sentiers les plus ardus de la société; enfin l'éducation et l'instruction pourront devenir ton refuge, si jamais le malheur vient frapper à ta porte.»

Si l'homme se doit à son pays, la femme, à son tour, se doit à la société. L'éducation et l'instruction sont donc absolument nécessaires, non pas seulement à l'homme, comme l'ont affirmé quelques écrivains à ideés erroneés et anciennes, mais elles sont absolument nécessaires à toute femme qui ne veut point seulement vivre et végéter de la vie matérielle, à l'exemple de la brute. Enfin, elles le sont encore plus à toute femme, qui, par sa position ou sa fortune, peut briller d'un certain éclat dans la société.

Et que voyons-nous dans cette bonne terre de Portugal, plus que dans tout autre pays? Nous voyons l'opulent dédaigneux de laisser à ses filles les occasions de s'instruire; nous voyons le riche bourgeois asseoir ses enfants dans l'or et la mollesse, tandis que l'humble artisan s'impose de pénibles privations pour doter ses filles de quelque savoir; et, en un mot, chercher par une éducation sage et proportionnée, à developper en elles les précieuses qualités du cœur.

Que voyons-nous encore?

Nous voyons un honnête homme du peuple chargé parfois d'une nombreuse famille, travailler du matin au soir, non seulement pour subvenir aux nécessités de la vie, mais encore pour faire de ses filles de sages e instruites mères de famille, qui, à leur tour animées du même esprit, et du même amour propre, enseigneront à leurs enfants à aimer l'étude préférablement à ces richesses incertaines que rien ne saurait leur garantir.

Et vous n'avez pas honte, vous riches blasonnés par 'adulation générale! vous n'avez pas honte de voir vos emmes, étrangères à toute notion de la science, même elementaire, ne point colorer de leur ignorance, et vouloir deténir leurs enfants dans le même esclavage!

Quant à vous, femmes de sens et de raisonnement, ne vous déclarez-vous point contre cette coutume qui vous maintient avilies, et vous conservent sous le joug dégradant de l'ignorance, sous prétexte que vous n'êtes ni aptes, ni capables à de plus hautes aspirations? Savez-vous bien ce que l'on redout et ce que l'on ne veut pas?... On redoute et l'on ne veut pas l'influence et l'émancipation de la femme, ramenée par l'étude au sentiment de sa propre dignité!

(Continúa). ANDREA NEYRAND.

MADAME DE STAEL

Entre as individualidades femininas que se tem creado na litteratura nenhuma ha que tenha tanto direito á admiração do que o vulto verdadeiramente grande e bello de Anna—Luiza—Germana Necker, mais geralmente conhecida pelo nome de Madame de Staël.

Na historia da litteratura está ella de ha muito gravada pela ferverosa homenagem e pela critica justa que os seus admiradores e varios mestres lhe tem dedicado juntamente com os louros com que tem sido engrinaldado o seu genio brilhante.

A firmeza de convicção do seu caracter, a sua penna, a sua independencia de pensar, todas as bellezas que ella possuia, tornaram-n'a credora dos elogios que mesquinhamente lhe tem sido tributados. Por isso quando a contemplo, e vejo que os mais importantes homens da sua época, que exerciam um alto professorado nas lettras, nas sciencias e nas artes, se curvavam respeitosos deante d'esta formosura feminina, quando vejo que Goethe, Chateaubriand, e outros cuja reputação era mui superiormente reconhecida n'aquelles tempos, se sentiam orgulhosós de a conhecerem pessoalmente, quando me lembro que a sua conversação tinha uma fatal influencia nos personagens illustres da politica, quando a vejo passar risonha por todos os obstaculos que se lhe levantaram na sua vida, e tributar um sagrado amor filial a seu pae, então M.me de Staël adquire uma corpulencia famosa, tem alguma cousa de enorme, de excepcional que só se póde encontrar nas lendas repletas de gigantes e nas formas epicas das epopeias cheias de heroismos. E desde essas eras nenhuma capacidade se lhe tem anteposto nem nenhuma litterata lhe tem hombreado, nem mesmo George Sand, em todos os explendores de uma romancista e de uma estylista notavel, nem Ackermann, a grande poetisa, no meio dos seus arrebatamentos philosophicos, nem Rattazzi, a beldade completa, a escriptora de mais *pur sang* dos ultimos tempos, nem a douta Sévigné, nem Recamier, a Phryne moderna, nem as duas irmãs Delphina Gay, e Sophia Gay, nem Girardin, nem Valmore...

Decerto que me faltariam nomes, assaz raros, que se podessem incluir na lista e dignos de mencionar. É que a superioridade de M.me de Staël não tem nada de commum, porque é a do seu pensamento, porque é a das suas obras, porque é a do seu trabalho, que todos conhecem. Pois quem não leu aquelles formosissimos livros que ella intitulou: *Influencia das paixões?* E *Da litteratura considerada nas suas relações sociaes*, onde ella interlaçou com as paginas mais bem pensadas, as mais bellas flores da sua alma?

Paremos aqui. Nas breves linhas biographicas que vão seguir-se e nas quaes procuraremos delinear o caracter de M.me de Staël, teremos muitos occasiões de exaltarmos as suas qualidades e o seu trabalho! a grande corôa d'esta mulher, a grande, a sublime, a maior gloria d'ella, que se para o seu ideal teve uma inspiração divina que era a Arte, para a sua alma teve uma preciosidade rarissima que era a virtude.

A 22 de Abril de 1766 nascia em Paris Anna—Luiza—Germana Necker.

Seu pae era então enviado da Republica de Genebra em Paris, e sua mãe M.me de Necker encarregou-se a principio da sua educação. Apenas desprendida do berço trava-se temerosa lucta entre M.me Necker e sua mãe que a queria educar debaixo d'um pessimo e mortal plano que mais tarde, se ella não o evitasse, se lhe deveria tornar em perpetuo manto de chumbo. É, pois, desobedecendo

ás ordens maternas e seguindo a sua consciencia que M.^me Necker se vê amaldiçoada e renegada por sua propria mãe. A sua alma ardente, cheia de vivas emoções, avida de affeições puras, procura no amor paternal o que de outro lado se lhe negava.

Comprehendendo-se reciprocamente, M. Necker dá plena liberdade a sua filha e educa-a segundo as suas convicções de homem justo e de homem sabio, reconhecendo qualidades extraordinarias, e uma immensa aptidão para o estudo, alliada a um talento raro.

(Continúa)

XAVIER PINHEIRO.

MANOEL DEL PALACIO

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INÉDITO)

Á proporção que nos adiantamos na investigação da litteratura de Hespanha, novos thesouros deparamos, novos horisontes se rasgam surprehendentes. Metter pé n'essa enramada floresta das lettras é pascer logo a vista em variados taboleiros de productos, por onde vae cambiando a luz vivida do progresso moderno. N'esse labyrintho agradavel, onde, a nosso contento, nos perdemos, é grato ouvir gemer nas ramarias floridas a guitarra do trovador namorado, como Zorrilla; ou os desesperos byronianos de Espronceda e Larra, a par dos cantos marciaes e entusiasticos d'aquelle velho Quintana, coroado pela patria agradecida, por ser elle uma de suas maiores glorias. Os vultos dos modernos escriptores hespanhoes surgem ali suavemente banhados de luz, como se na fronte lhes baloiçára já a aureola gloriosa da posteridade. Os raios que diffundem, tomal-os-iamos por auroras boreaes, se não foram já tão permanentes e intensos, que nem a ingratidão dos homens alcançará apagal-os. Tudo presagia que dentro em pouco a litteratura de Hespanha retomará aquella originalidade que tanto a destinguiu na poesia popular e principalmente no theatro.

Dizemos isto por que, de dia para dia, a litteratura n'essa abençoada terra, tão fertil de engenhos, se desenvolve harmonica, methodica, regular; e quando as forças intellectuaes de um povo convergem para um ponto luminoso, qual é a elevação do homem pela moralidade e pela instrucção, o seu imperio é irresistivel.

Os escriptores hespanhoes são em geral democratas, e quando a parte pensante d'uma nação se pronuncia na escóla e no campo de batalha pelos direitos individuaes e pela maxima liberdade na esféra legal da actividade, para grandes destinos deve de estar guardado esse povo. Sob a influencia liberal a litteratura caminha a par da sciencia, e as artes bellas de envolta com as mecanicas. Com especialidade a poesia, a pintura e a musica attingiram ali um grau de desenvolvimento para invejar.

É um espectaculo grandioso este que vamos contemplando. O parlamento e a escóla, a officina e a tertulia estão revelando uma vitalidade notavel. Ao sairmos de qualquer d'estes estabelecimentos de educação e instrucção, quasi que nos toma as forças e nos tolhe o passo um incidente agradavel. É um suspiro de alguma harpa suspensa do loendro florido? É o coração de Barbieri que se desentranha em harmonias á similhança da alma de Paganini, revoando pelas rivas do mediterraneo. Andam remeniscencias de Almaviva nas guitarras andaluzas. A musica foi composta por um grande maestro que se chama povo e a lettra por um grande poeta que tambem se chama povo. A facil inspiração peninsular é o mais significativo characteristico da litteratura hespanhola.

Não se cuide, porém, que a Hespanha se deixe embeber sómente em arrebatamentos poeticos, especie de fogos fatuos, creados, e perdidos em volta da guitarra que geme na serenata, ao rés do balcão ou das *rejas*; se passarmos alem surprehender-nos-ha o prelector sentado na cadeira do dr. Aguirre. E' um canonista celebre, como o dr. Montero Rios, e ao lado um economista como o dr. Luiz Maria Pastor, ou um critico como Py y Margall, um orientalista como Garcia Blanco e Gayangos, ou um publicista como Lourenzana, ou um philosopho da historia como o dr. Amador de los Rios, ou... longe nos iriamos em citações, quando nos propozemos fallar sómente de Manoel del Palacio, poeta distinctissimo, superior a qualquer elogio nosso.

Filho de um antigo militar, nasceu em Lerida, provincia da Catalunha, a 24 de dezembro de 1832. Desde muito cedo se revelaram no joven os dotes do grande poeta. Basta recordar que aos nove annos escrevia já alguns versos latinos, dando mostras d'aquelle espirito festivo e facil que hoje admiramos no snr. Manoel del Palacio. A sua biographia não anda enredada em peripecias romanescas. Sabemos que, depois de alguns ensaios litterarios, publicados nos periodicos de Madrid ali pelos annos de 44 a 50, passou a Granada, em companhia de seu pae, que para ali foi nomeado thesoureiro de fazenda, e por lá se deu a conhecer vantajosamente, formando parte da Academia de sciencias e do Liceu granadino, em que figuravam, como seus companheiros e amigos, grande numero de escriptores célebres hoje, como são Fernandez e Gonzalez, Moreno Nieto, Peres Cossio, Orti y Lara, Fernandez Gimenez, Garcia, Gonzalez Andrez, e outros já fallecidos.

Voltando a Madrid em 1854 se lançou Palacio na vida publica, sem deixar por isso a sua querida poesia, que em verdade é o seu primeiro titulo de gloria, e desde esta época tem figurado em todos os acontecimentos politicos, mostrando-se por vezes... inimigo irreconciliavel da dynastia bourbonica. São dignos de nota os artigos publicados no *Pueblo*, periodico republicano unitario, de que era redactor, e no qual publicava diariamente e em verso duas partes telegraphicas, sempre da actualidade, uma de critica politica do interior e outra do estrangeiro. A collecção d'aquelle jornal é um monumento brilhante da sua veia poetica e de sua rara imaginação. Porém o arrojo das suas ideias, a indole caustica de seus versos, a satyra constante com que verberava os inimigos da liberdade, não escapando o governo lhe deviam ser fataes, e foram effectivamente.

No ultimo periodo da dominação de Izabel foi Palacio perseguido por causa de um certo soneto, que publicou clandestinamente e no qual o poeta photographava os defeitos e immoralidades de certas pessoas tão reaccionarias, como hypocritas—soneto malfadado, que serviu de pretexto para que o seu auctor fosse desterrado para Porto Rico, onde soffreu os horrores do tremor de terra, que tantos estragos ali deixou por aquelles annos.

Estava preso o grande poeta, compondo o seu interessante livro, que é a historia do seu desterro—*Um liberal passado por agua*—, (volume de 207 pag., 1868, Madrid) quando felizmente rebentou a revolução de setembro. Voltou Palacio aos braços de seus amigos e admiradores e logo pelo governo provisorio foi nomeado secretario da Legação de Hespanha na Italia — logar que

exerceu até que entrou para o ministerio de estado, onde subiu a official.

Jornalista notavel, é tambem um dos poetas mais populares em Hespanha. Desde que a sua feição humoristica e critica se manifestou de vez no *Pueblo* e no *Gil Blaz*, Manoel del Palacio é redactor obrigado de todos os periodicos liberaes, e principalmente litterarios.

Alem dos mencionados jornaes dirigiu e redigiu os seguintes: *El Latigo, El mundo nuevo, La Discussion, El Periodico ilustrado*, e outros. Sem fallarmos de seis ou oito obras escriptas e traduzidas para o theatro, leva Palacio já publicados os seguintes volumes: *Doce reales de prosa* (artigos litterarios), *De Tetuan a Valencia* (poesias politicas), *Cabeças y Calabazas* (retratos em verso), *Un liberal pasado por agua* (poesias de varios generos, escriptas no desterro), *El amor, las mugeres y el matrimonio* (collecção de pensamentos proprios e alheios), *Cien sonetos*, e um sem numero de folhetos e artigos de occasião.

Temos presente uma collecção de sonetos, publicados no *Imparcial*, que muito desejáramos traduzir, se podessemos alongar este esboceto. N'elles encontrará o leitor, a par, da correcção da linguagem, e da harmonia da metrificação, todas as graças, engenho e finura poetica, que Deus só concede aos seus eleitos.

Jovial e facil em seus cantares, agudo em seus conceitos, correcto em sua fórma, intencionalmente satirico, cheio de vivacidade caustica, D. Manoel del Palacio occupa um lugar invejavel na poesia hespanhola. Quanto ás suas ideias politicas na actualidade, abstemo-nos de emittir juizo, por não ser esse o nosso proposito.

1879

SIMÕES DIAS.

O HOMEM PRIMITIVO

Mutum et turpe pecus...
(HOR., SAT. I, 3, V. 100)

Miseravel, coberto de folhagem,
Occulto nas cavernas, assustado
Ao ouvir o manso perpassar da aragem
Ou dos trovões o majestoso brado;

Rijo de fôrças, falto de coragem,
N'um combate cruel desesperado,
E cheio de deleito, embriagado
Deante do sangue do animal selvagem:

Eil-o ahi está: cabello solto ao vento,
Aspecto bestial e somnolento,
—Talvez sem inda ideaes aspirações...

Mas não o insulte nunca a sociedade!
Esse homem representa a humanidade:
Foi d'essa massa que sahiu Camões.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

AMETHYSTAS

I

Nos campos as violetas,
Ao vêr a luz da manhã,
Vão convidar os poetas
A um impudico can-can.

E as sensiveis Julietas,
Sem que tal saiba a mamã,
Vão já furtar ás gavetas
Os livros de Hugo e Renan.

Tudo é vão, prozaico e razo:
O throno azul do Parnaso,
E os templos de Jehovah...

E ao som dos ultimos canticos
Dizem os pobres romanticos:
Et le lyrisme s'en va!

II

VITA NUOVA

Quereis abrir os céos ao monstro e ao vil ladrão?
E incutir a Esperança ao homem que não crê?
—Enchei de nova luz as trevas da prisão
E entregae ao bandido a carta do A, B, C...

Porto—1879.

XAVIER DE CARVALHO

VOZ INTIMA

O homem pensa e suspira;
Nas sombras d'aquelle seio
Tem uma lyra escondida;
O ouro d'aquelle veio.

E o amor...—Tudo conjuga
O verbo mysterioso,
Que Deus creára na sombra
Para ser mais luminoso.

O mysterio é eternidade,
Crystal que o mineiro busca,
Quando a luz em si projecta,
O proprio olhar da aguia offusca.

A luz é dia.—A penumbra
Tem onde uma ave se acoite;
Ha flôr que ao sol fecha o calix
E os lyrios abrem-se á noite.

Assim é que, no mysterio,
Se esconde do amor a essencia...
Quanto elle está mais fundo,
Mais alta está a innocencia.

PEDRO DE LIMA.

SOTTO VOCE

I

O titulo precisa d'uma explicação. *Sotto Voce!* a meia voz! uma conversação que não tem pretenções a fazer-se ouvir longe, uma cousa humilde, branda e tranquilla, como a luz do candieiro que allumia, o meu trabalho.

Sotto Voce! tudo se pode dizer d'este modo, e eu sem querer dizer tudo, quero seguir sem plano, fixo as inspirações mais ou menos caprichosas d'uma phantasia á qual para ser inquieta basta ser feminina como é.

Tenho a sobeja consciencia da propria inferioridade, para não tentar accordar com os echos da minha voz, os que jazem em voluntaria e bemaventurada somnolencia; quero ser discreta e não importuna.

Os que julgarem que ha nas minhas palavras alguma cousa aproveitavel prestarão o ouvido para me escutarem.

Estará explicada a apparente extranheza da rubrica que adoptei?

Resta agora saber o que eu venho dizer a meia voz aos leitores da «*Mulher*.»

Aos leitores nada! A's leitoras tudo que souber.

Os jornaes em geral são feitos para os homens. Industria, finanças, sciencia, politica, administração, eis o que elles tratam, analysam e discutem: Ninguem cuida das necessidades intellectuaes da mulher; a essa de quem o homem moderno tanto exige, bastam na opinião d'elle, pela mais absurda das contradicções, as *gazetas de modas*, e o que ha de mais ridiculo e mais adocicado, uma especie de rebuçados litterarios que fabricam para uso das pobres de espirito os confeiteiros charlatães.

Eu tenho a audacia de preoccupar-me profundamente com o destino da mulher nas sociedades modernas.

A mulher, de todos os entes da creação o mais malleavel e o mais fragil, recebeu do conjunto de cousas boas e más que constituiam o passado, o molde pelo qual affeiçoava as más crenças, as suas aspirações, o seu modo de vêr, toda a sua educação moral.

Hoje, o molde partiu-se ao rijo embate das ideas novas, e ella vê confuzamente despontar no horisonte a influencia que ha-de transformal-a sem que os espiritos esclarecidos, viris e indulgentes a ellucidem e guiem no caminho, que ha-de forçosamente trilhar para seguir o seu tempo, para antecedel-o até como compete a quem por indole e por natureza tem de ser a inspiradora honesta e sã de todos os commetimentos masculinos.

D'esta situação incerta e dubia provém o divorcio que na sociedade e na familia existe hoje entre o homem e a mulher. Um adianta-se na senda de todos os conhecimentos progressivos, outra conserva-se ignorante, incompleta, envolta nas trevas densas d'uma devoção incompativel com a grande luz da civilisação.

Arrotear esse terreno pela maior parte inculto, que é o espirito da mulher, fazer alguma claridade n'essa escuridão desconfrontada e triste, destruir os erros arreigados pelo tempo, apontar as verdades mal entrevistas de longe pelos entendimentos femeninos que a ignorancia perverte;—eis a missão que deve sorrir a todo aquelle que se interessa pela felicidade da familia, pela transformação luminosa ante-vista por todos os sonhadores do futuro.

N'estes artigos sem plano é meu intento, conversar com as leitoras n'alguns mil assumptos que dizem interessal-a e em que os homens absortos por outros interesses directamente utilitarios, desdenham de fallar-lhes.

A educação da mulher moderna é uma cousa que precisa inteiramente ser refundida. Na vida da côrte a mulher era simplesmente um ornato gracioso, agradavel á vista, delicado e ephemero. D'este ponto de vista artificial partia a educação frivola, toda composta de superficialidades douradas, de que ainda resta o plano, a base e o conjuncto mais ou menos modificado pelas circumstancias. *Agradar* eis a divisa que instinctivamente formava pelo meio em que nascia e medrava; toda a mulher tinha de escolher para norma de sua vida.

D'aqui as educações fidalgas que se resumiam em saber fazer uma mezura com propriedade, em conhecer as diversas *nuances* com as quaes se distinguia um superior, se obsequiava um igual, se collocava no seu logar secundario um inferior pela posição e pelo nascimento, em dançar com magestade e desenvoltura elegante, em responder com mais ou menos agudeza aos madrigaes perfumados dos galans de salão, em ter emfim todos os pequenos defeitos graciosos que tornam a mulher a mais adorada das *coquettes* e a mais insoffrivel das companheiras.

Mais tarde o elemento burguez invadiu as altas regiões da educação fina, e a todas estas graças postiças juntou-se uma educação mais postiça ainda, a que ensina a bordar na talagarça, a assassinar ao piano e estropiar duas ou tres linguas, e a supplicar os ouvidos delicados cantando com grandes gestos dramaticos as arias mais romanticas e desoladas do reportorio sensualista dos mestres italianos.

Em todos esses requintes da educação das classes ociosas o que ha de util, de pratico, de positivo, de inspirador de sãos principios, e de constantes e santas abnegações? Em que concorre todo esse luxo parasita, para a completa florescencia d'uma alma feminina? Que se deve e pode fazer para dar uma direção inteiramente opposta ás altas faculdades nativas da mulher?

A todas estas perguntas complexas e importantissimas procuraremos responder conforme a consciencia e o bom senso nos proximos artigos.

Lisboa. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

IMPECCAVEL

Morreste! clamam as rozas,
N'um largo choro desfeito.
Morreste! e as maripozas
Vão pouzar sobre o teu leito.

Foste luz e illuminaste
Com grandes deslumbramentos...
E flôr, cahiste da haste
Com terror á voz dos ventos.

Oh! passaste, como passa
O jasmim, o sol e um beijo:
Voaste ao reino da graça...

Hoje—divina creatura—
O meu ultimo desejo
Serve-te de sepultura!

Porto—1879. XAVIER DE CARVALHO

A MULHER EM TODAS AS EDADES

(CONTINUADO A PAG. 4)

A' sciencia deu um sabio e á humanidade um amigo.

Vemos assim a mulher feliz rejuvenescendo no espirito do filho.

Mas, como diz um illustre companheiro de Lamartini:

«Ha uma hora marcada em que os filhos devem deixar as mães. O ninho paterno já não é bastante espaçoso: voam os passarinhos; dispersa-se a ninhada: são precisos á aguia outros rochedos; á pomba outras sombras; a todos, outros amores.»

Com effeito, entrando os filhos no grande mundo, constituindo familias novas, acabou uma importante missão da mulher; mas nem se torna inutil na verdadeira velhice.

A todas as edades destribuiu a Providencia um papel de importancia.

Em familia imperfeita dirão os genros: Sogra nem de barro á porta; as creanças que ellas escondem sob os seus vestidos aos vigores paternos dirão sempre com doçura: Avó!

Se lhe tiram a continuidade dos carinhos dos filhos os cuidados da nova familia que constituem, não tarda que elles renasçam nos netos.

Outra vez a mulher volta a ser mãe; recomeça o seu exercicio de mestra e conselheira.

Se Parmentier deveu á mãe o seu renome, tudo deveu á avó Estevão Geoffroy Saint-Hilaire.

Ora a santa anceã lhe contava lendas e narrativas que vivificavam a sensibilidade e a imaginação da creança, ora lhe fallava dos trez Geoffroys, seus parentes, que no seculo XVII tinham sido socios da academia das sciencias de Pariz.

Tanto a boa avó lhe fallou com respeito admiração n'esses seus illustres antepassados, que o neto lhe pediu o seu auxilio para os imitar. Immediatamente Saint-Hilaire recebe das mãos de sua avó um precioso livro que tem formado o espirito de grandes homens e de mulheres famosas, essas excellentes paginas de Plutarco que fasem amar a virtude, a sciencia e a gloria, paginas que deveriam ler-se em todos os lares, ampliados com a vida de outros homens illustres que de então para cá se pozeram ao serviço da sciencia e da humanidade.

Foi esta a iniciação scientifica do creador da Zoologia moderna, um dos mais perfeitos typos do homem sabio d'este seculo.

Era ainda estudante e dizia-lhe o mestre do nosso Brotero que o discipulo sabia mais que elle, e pouco tempo depois de receber esta homenagem que a um sabio só outro presta, era Saint-Hilaire o maior d'aquelles Geoffroys com que o estimulára a sua velha avó.

Em pouco tempo se viu admirado do mundo; estava a França convulsionada pela maior das suas revoluções e a Europa ensaiava essa grande tragedia que havia de durar vinte e dous annos tornando-se em um apostolado armado, e comtudo o nome de Saint-Hilaire era pronunciado com respeito.

Em 1830 outra revolução preocupava a Europa; mas nenhuma noticia de Pariz é comtudo successo maior para Gœthe do que o triumpho de Saint-Helaire na academia franceza. A sua these sobre as analogias que existem na organisação da infinita serie de seres, para demonstrar a unidade de composição como lei primaria e capital de todo o reino animal, mereceu que o grande poeta allemão lhe chamasse revolução do espirito humano. Cuvier, que elle tinha chamado a Paris para substituir Linneo, o legislador da historia natural, não póde destruir-lhe a gloria da Philosophia anatomica.

A cidade de Etampes, sua terra natal, deu o nome do grande sabio a uma das suas praças, fez collocar uma inscripção commemorativa na casa em que nasceu, e levantou-se-lhe uma estatua de marmore; mas a maior estatua que nos falla e nos impõe respeito por este philosopho e grande homem de virtude é a admiração com que se falla d'elle.

Aquella levantou-lh'a o nobre orgulho de uma cidade de França. Esta foi-lhe levantada pela sciencia em todo o mundo.

E' tambem a estatua de uma mulher. No seu pedestal infunde-nos respeito a sympatica figura de sua avó apertando ao coração o seu querido Plutarco.

OLIVIA TELLES DE MENEZES

TO DIE, TO SLEEP

(A FIALHO D'ALMEIDA)

Estremeceste flôr! se acaso scismo
N'aquelle olhar de tanta piedade,
Na funda escuridão do meu abysmo
Derrama-se uma santa claridade.

E parece-me então que inda te vejo
Junto de mim, oh! pomba palpitante,
E que ecôa no espaço aquelle beijo
Como som d'uma muzica distante...

Passa ainda no ar aquelle effluvio,
Tão casto, tão suave, que eu sentia
Espraiar-se a minha alma n'um diluvio
De perfumes, de luz e de harmonia.

Sonhos doudos de amor! quem pode agora
De entre as larvas da tua sepultura
Arrancar-te bem como a luz da aurora
D'entre as sombras da noite fria, escura?

Fugi de mim, oh! sonhos de alegria,
Pombas mansas do meu perdido amor:
Rouba-me a grande luz que me allumia,
O' abutre tristissimo da dôr!

Lisboa, Abril de 1879.

FAUSTO D'AZEVEDO

ATRAVEZ DO ALEMTEJO

(CONTINUADO A PAG. 5)

I

Comquanto honestissima, virtuosa e cheia de amor pela familia, a alemtejana é secca, sem expansões e sem attractivos. E' claro que fallamos da mulher do campo. As palavras saem-lhe difficil e incorrectamente; não teem o pitoresco da phrase como as das mulheres do norte de Portugal, o rythmo feliz e sonoro, ligeiramente cantado, das mulheres do Porto. Inflecções nasaes, a ausencia do *ei* tão elegante na pronuncia das mulheres de Lisboa, uma maneira especial e caracteristica de dizer o *em* dão ás suas palavras tons insipidos e um pouco caricatos, e á sua voz e terminologia uma imbecilidade enfartada de mau gosto. Demais não são *bellas*; a sua pelle é secca, trigueira, em manchas lividas, os olhos pisados, profundos, olhos arabes, revelam a anemia geral das organisações decadentes; as formas duras, de lebre tisica, sobresaem esqueleticas, sob os vestidos de chita. Do mesmo modo, as creanças—umas creanças murchas, como florinhas sequiosas, de uma fealdade classica, descalças e miseraveis, cheias de fome e de bichos, que abrem os olhos espantados, febris, deante d'uma camiza limpa, d'uma côr delicada, de uma senhora elegante, e seguem pelas ruas, boquiabertas, abaladas, qualquer d'estas cousas, como quem nunca viu nada que não tenha o nome de farrapos, immundicies ou desolação.

Sobre tudo isto, um céo immenso, azul e inclemente, estende-se concavo, e um sol caustico atravessa o immensidade tranquilla, em que as andorinhas de um escuro magnetico, passam laboriosas, em grandes elipses alongadas, chilreando poemas de uma meiguice aerea.

II

N'esta monotona existencia, tão prosaica e tão vulgar, ha um episodio capital: a feira. A feira fornece aos pequenos lavradores dos casaes, perdidos na solidão das charnecas, aos pobres trabalhadores das aldeias, os legumes de que se sustentam, as marmitas de lata onde elles levam para os trabalhos a magra refeição dos parias, as polainas de couro cru, cabelludo e duro, os ceifões de pelle de borrego debruados de trancelim vermelho, os amplos chapeus de Braga, armados da elegancia irrisistivel e vilã de duas barbas de algodão negro, as cintas vermelhas de lã que usam nos bailes e nas romarias, á missa conventual e nos casamentos, quando, esvasiando canadas, dizem tolices ás raparigas.

No Alemtejo, a feira tem um cunho proprio, uma funcção determinada na vida do campo. E' um conclave de homens e uma exposição de animaes; as grandes boiadas fulvas, guiando-se pelas estradas ao grito dos maioraes tisnados, as recuas de muares zebrados, castanhos, de todas as edades—e a *troupe* de quem vende e quem compra, *troupe* lenta, agarrada ao genero e ao dinheiro, como quem sabe quanto custa a vida, temendo enganar-se a cada passo, cigarro ao canto da bocca, uma parranice desenxavida e ignara. A feira é pouco mais ou menos isto.

Imaginem o costado d'uma povoação qualquer, uma vida antiga, agrupamento de casinhotos caiados, de telha-vã, no meio dos quaes se levanta, como um decrepito mendigo, a torre negra e derruida do relogio de pezos, que bate pancadas brutas. Junto d'esse costado, uma esplanada qualquer, cortada por um caminho.

D'um lado, grandes bois que olham gravemente quem passa, na grande placidez severa das organisações gigantescas, pequenos novilhos leviamos, que brincam, junto das mães. A' sombra das arvores, os guardadores, de pampilho e barrete, comendo as suas assordas, de manta ao hombro.

Marchantes ricaços, de jaqueta e botas altas, giram a cavallo por entre as manadas, importantes nas suas figuras de proprietarios e de senhores independentes.

(*Continúa*). FIALHO D'ALMEIDA.

VARIAÇÕES SOBRE UM OLHAR

Quando o seu olhar me innunda,
Esse olhar avelludado,
Eu fico então dominado
D'uma alegria profunda.

E' como um lago dormente
O seu olhar que dá vida,
Lago onde boia perdida
Minh'alma, tranquillamente.

E como d'um lago á flôr
A onda se forma e agita
Na sua luz infinita
Ha mil effluvios de amor.

Confiar a alma, alguem
A'quelle olhar de bonança
E' dormir uma creança
Sob o olhar de sua mãe;

Que o seu olhar que seduz
E' como um manto de fada
Que envolve a alma cançada
N'um ambiente de luz.

Demais, n'esse olhar sem fim,
Tão tranquillo como um lago,
Existe um perfume vago
De baunilha e de jasmim.

Assim, minh'alma, em resumo
Abre as pétalas agora
A' luz d'este olhar, bem como
As flôres á luz da aurora;

E fica quando *ella* assoma
De um modo que não traduz,
Toda inundada de luz
E rescendente de aroma.

Mais, vendo-o, e não se desfine
Esta luz, som e fragrancia,
Eu julgo ouvir a distancia
Uma aria de Bellini...

Eu n'esse olhar seductor
De luz, de som, de perfume
Ouço os *allegro* do ciume
E os *pianissimo* do amor

Quando eu á campa baixar
Não quero ter, sob a louza,
Por orações outra cousa
Do que esse limpido olhar;

E se uma lagrima ardente
Rolar na face mimosa,
Como pérola dormente
Sobre uma folha de rosa,

Então minh'alma radiante,
Livre de dor e martyrios,
Ha-de desfazer-se em lyrios
De um viço luxuriante

E d'este modo ella, flôr,
Tão ardente como o lume,
Ha-de pagar-te em perfume
O que recebe em amor.

—

Emfim, ao ver esse olhar
Que me dá vida e coragem
Julgo ver uma payzagem
Que me hade sempre encantar.

Vejo um lago illimitado,
Cheio de luz infinita,
Aonde boia e se agita
Um cysne branco e nevado.

Mas o que é mais, e resume
Esta attracção que me encanta
Parece que o lago canta
E se desata em perfume.

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR

JUSTIÇA DIVINA

A MINHA IRMÃ BEATRIZ VIDAL

Marchava lentamente ao longo d'uma estrada
Um velho, e uma creança
De face desbotada;
Estendem em silencio a descarnada mão,
Ou pedem—cinco reis—para comprarem pão.

Alguem que vãe passando em seu caminho segue
Sem ver o triste par,
Embora o velho allegue:
«Uma esmola, senhor! Ai, pelo amor de Deus
«Dae a esmola ao ceguinho e ganhareis os ceus!»

Outros que vão em trens, deitados na brandura
Dos flacidos coxins,
A vista fria e dura
Apartam d'esse quadro, o quadro da pobreza
Que se mostra, insolente! aos olhos da grandeza.

Cançado o pobre velho, exhausto, sem vigor,
Se assenta n'uma pedra
Pedindo com fervor
A Deus, que lhe depare em seu negro caminho
Um'alma bemfazeja onde ache algum carinho.

No entanto o tempo corre, e o ceu ha pouco azul
Agora mostra um cumulo
Que avança pelo sul,
E estende lentamente, em todos os sentidos,
Com fervor ameaça os braços denegridos.

O ar é suffucante, as nuvens vem descendo
Electricas, inchadas,
E vão assim cedendo
Á influencia do solo aonde activamente
Se vai accumulando o fluido differente.

Precipita-se a chuva: o fluido positivo
Em plena liberdade
Se abraça ao negativo,
Produzindo depressa os rubidos clarões
Que rasgão bruscamente o ar em convulsões.

Assim se vae seguindo a uma outra descarga
Com breves intervallos;
Ora uma fita larga
A nuvem que outra chama accende com furor,
Ora do chão se eleva um vivido esplendor.

Os pobres a tremer com frio, terror e fome,
Imploram, sepultados
N'uma angustia sem nome
Um soccorro do ceu, um bafejar de graça
Que os possa reanimar nas ancias da desgraça.

«Reza, meu filho, e pede a Deus pae dos pequenos
«Que abrande a tempestade,
«Ou nos indique ao menos
«Onde acharemos pão, e taboas p'ra dormir,
«Que eu não posso mais tempo á fome resistir!»

E os dous a quem o medo afflige e terrifica
Exclamam soluçantes
«Minh'alma magnifica......»
Mas n'isto rasga o espaço e cáe verticalmente
O raio que os fulmina...oh! Deus como é clemente!

Coimbra—78. ANGELINA VIDAL

EDUCATION ET INSTRUCTION DE LA FEMME

—

GÉNÉRALITÉS

(CONTINUADO A PAG. 5)

Chez quelques nations plus avancées, ou peut-être mieux éclairées par cet éclatant flambeau que l'on nomme la civilisation, la femme jouit d'une prépondérance remarquable. A quoi doit-elle cette prépondérance, ou plutôt cette souveraineté? Le voici: Chez ces nations, la femme, reine au foyer domestique, n'a point pour seul apanage ce doux empire que lui ont su conquérir les charmes qui l'accompagnent: elle régne aussi par l'élévation de son caractére et la fine délicatesse de son esprit. Jouirait-elle de cette espéce d'indépendance, si

la généralité de ses connaissances ne lui montrait la vérité du devoir sous son plus pur aspect, ou si elle ne pouvait ouvrir son âme aux libres aspirations de la science?... Comment serait-elle capable de ces généreux sacrifices, de ces généreux élans qui en font le prototype du dévoûement et de l'abnégation, si elle n'avait en elle cet amour du beau et de l'inconnu modifié par un tact et une pénétration admirables? Et comment cet amour du beau et de l'inconnu se développerait-il en elle, si une éducation libre et soignée ne venait lui élargir cette rude et étroite écorce qui enserre l'être livré à ses propes instins?...

Comme je l'ai déjà dit, beaucoup de personnes s'élèvent tous les jours contre cet affranchissement intellectuel de la femme. Ces personnes aimeraient donc mieux nous voir réduites à cet état d'ignorance et de torpeur où se pouvaient classer toutes les femmes d'il y a quelques siècles? Et ne serait-ce point, comme je l'ai dit encore, dans la crainte de nous voir échapper à son despotisme, que l'homme nous refuserait, l'entrée au Temple du Savoir, et la liberté du culte des Muses.

Sommes-nous donc moins que lui capables de sentir ce qui est élevé, sublime et infini?

Préjugés absurdes, raisonnements faux et insensés!

L'homme reçut la femme comme compagne et comme égale; et tous deux héritèrent de la nature d'organes infiniments parfaits. Mais cette dernière proportionna à la seconde un plus haut degré dans la subtilité de l'entendement, et dans l'impressionabilité de l'imagination. Et enfin, si l'homme eut plus particulièrement en partage la profundeur et la gravité dans la pensée, sa compagne eut aussi plus de délicatesse, et plus de richesse dans le sentiment.

Mais pour avoir tous deux ces avantages divers et separés, le génie de l'un se lie intimément au genie de l'autre; et si le premier croit sa supériorité incontestable, l'autre est en droit de se juger la premiére par l'influence immense qu'elle exerça toujours sur les pensées et sur le coeur de l'homme. Car enfin, dans l'immense tableau où se meut l'espèce humaine, la femme est ce ton doux et suave sur lequel l'œil se repose; c'est la fleur qui relie l'idéal au matériel, et mélange le sublime avec la caïre et charmante simplinité.

Comment donnerez-vous de la consistance à cette union, si l'homme gardera seul le droit de se perdre dans les régions du savoir, et dans les méditations de l'étude? Où chercherez-vous le respect et l'estime réciproques, cette douce chaîne de la famille, si l'homme seul explorera la vérité? Ne rougira-t-il pas de luimême, si, lorsque venant s'asseoir au foyer domestique, il n'y trouvera que des esprits grossiers et essentiellement matériels, incapables de raisonner et d'apprécier quelque noble sentiment? Des esprits livrés au sot égoïsme engendré par la bêtise, l'incurie et les uniques préocupations de la matière?...

Croyez-le, car je ne suis ni la seule à le penser, ni la première à le dire: la société serait mieux respectée, et plus respectable, si l'homme se voyait retenu au foyer domestique par le triple aimant de l'instruction, de l'éducation qui tous les deux uniraient la sagesse à l'amour.

Je ne me hasarderai point à accuser d'égoïsme ces hommes qui se font les adversaires les plus intraitables de l'instruction et de l'éducation a donner à la femme; je ne risquerai qu'un simple raisonnement:

(*Continua*). ANDREA NEYRAND

EPIGRAMMA

Tu és a flôr e eu presinto
— Toda a mulher assim é —
Que não passas d'um jacinto
Tendo a cebola no pé.

Lisboa. JOÃO DE DEUS

INEDITO DE FR. MARCELLINO JOSÉ DA SILVA

Como poeta é escassamente conhecido o nome de Fr. Marcellino José da Silva. D'elle ha conhecimento apenas de uma obra: *Versos compostos na lingua arabiga, e com traducção em outros portuguezes em louvor do grande rei D. José I.* Estes mesmos versos vem na *Academia celebrada pelos religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do convento de N. S. de Jesus de Lisboa no dia da solemne inauguração da estatua equestre d'el-rei D. José I, Nosso Senhor.* Lisboa, na Reg. Off. Typ. 1775. E' um folheto de 176 paginas que contem varias composições em prosa e verso, escriptas em francez, inglez e portuguez; e nas linguas latina, grega, arabiga e hebraica. Não se sabe de outras obras d'elle; isto mesmo confessa Innocencio (V. Diccionario. vol. VI, pag. 127).

De Fr. Marcellino José da Silva, possuo entra os meus inéditos portuguezes, um soneto assaz curioso, que hoje publico, e que é original d'elle por me ser fornecido por pessoa ainda de seu parentesco remoto; demais é o producto de uma concepção phantasiosa e mostra bem o ecletismo de duas orthographias differentes:

Ao R.° M. R. P.° M.° G.sm Fr. João, de Lobrigos, na Festa dos Reys.

SONETO

Das festas de que a Igreja faz memoria,
E aos fieis por solenes anuncia,
Tem somente a Sagrada Epifania,
De ser festa real; a grande gloria:

Esta faz mais plausivel, mais notoria,
De Lobrigos Prelado a bizarria,
Que no Regio dispendio d'este dia,
Excede a quantos narra a Larga Eistoria:

Com heroicas acções ennobrecido,
Em ũ, e outro Pólo celebrado,,
Seu nome não será nunca esquecido;

Pois Rey dos guardiões oje aclamado,
Para ser dos vindouros aplaudido
Vive na voz da Fama eternisado

De resto só se sabe que era Franciscano da Congregação da Ordem Terceira, e depois Freire conventual de S. Bento de Aviz, e Doutor de theologia pela Universidade de Coimbra; mais tarde foi nomeado Bispo de Macau por decreto de 14 de Julho de 1789.

Nasceu em Sernache de Bomjardim, em 1749, sendo baptisado a 30 de Março, d'este mesmo anno.

Porto—1878. XAVIER PINHEIRO

O ANJO BOM E O ANJO MAU *

(Ao meu amigo Fialho d'Almeida)

A mulher—esse ideal agradavel e attrahente para o amante que sonha, que é poeta, que ama, pelo que se lhe opera n'alma sensações inquietas, ternos sentimentos, nem sempre retribue e se nivella á phantasia a que se vê elevada!

A dissimulação, essa especie de dever de estado na mulher, torna-lhe os sentimentos d'alma tão intraduziveis, tão secretos que, por melhor que se observe, analyse e estude, o resultado é sempre duvidoso e erroneo.

Póde comparar-se a alma da mulher á sua formosura; tanto uma como outra só deixa imaginar! porque, como um espelho, reproduz todos os objectos taes quaes os recebe e não os fixa, não os conserva, desapparecem apenas perde a influencia da acção.

Na mulher, em geral, tudo é equivoco e ficticio! a mais indifferente parece-nos as mais das vezes sensivel, porque o amor ou o despeito que lhe tributamos são os dictadores do juizo que d'ella fazemos e aquelle que se julgue mestre, pratico, um *Newton* n'este *problema*, nada mais consegue do que propôr outro *problema* de novo.

Na mulher, a constituição, a fraqueza, a timidez tudo concorre para a nutrição de seus maiores e naturaes defeitos—o artificio, a falsidade e a vingança.

A sua delicadeza de orgãos torna-lhe a imaginação mais viva e, por conseguinte, mais apta para enganar.

A sua fraqueza e timidez originam a vingança premeditada e cobarde, porque é esta a lei geral da natureza em todos os animaes sensiveis. Ninguem duvida, que a crueldade absoluta se vê, de preferencia, nos entes mais apoucados, mais fracos, mais timidos.

A politica moral da mulher é o absolutismo e, para se enthronisar como tal, emprega as suas armas traiçoeiras,—a esperança, a doçura, o mysterio, o sorriso, as lagrimas, o ciume e o amor: apanhada a preza, afasta-se logo, de inspirar deixa sentir de amor ou esforça-se por encobril-o e atira com todos os seus sentimentos naturaes e verdadeiros, até alli encobertos —a descrença, a aspereza, a indiscrição, o sarcasmo, a tortura, a mentira e por fim o odio!

—Eis o anjo mau.

Ha porém excepções, como em tudo, e a mulher que tem o espirito para se fazer amar e não para saciar a sua vaidade e os seus caprichos frivolos d'imaginar ciumes e outras pueris e extravagantes paixões que reinam no seu intimo em geral, tornando-lhes a vida nulla e contenciosa, é o modelo da humanidade; é o anjo bom. Como amante consiste exclusivamente a sua gloria, a sua felicidade em viver ignorada. Entregue ao sentimento do amor puro e santo, como a Divindade que o formou, dedica toda a sua alma ao objecto do seu afecto e procura todos os meios de lhe agradar, calando muitos vezes ciumes verdadeiros ou suspeitos, mas que domina, embora soffrendo em silencio, porque ama e não tem forças para adquir, para magoar o seu amante; já não é o espelho, mas o *clichet* que reproduz e fixa para sempre o objecto que recebeu.

Casada, emprega-se unicamente nos deveres de esposa e mãe; occupa-se do governo de sua familia e então é rainha absoluta por unanime aclamação, porque sabe reinar, pela complacencia, sobre seu marido; pela doçura, sobre seus filhos e pela bondade, sobre seus servos: porque despida de si todas as paixões mundanas e perigozas, só se entrega d'alma e coração ao amor de mãe, aos preceitos da ordem que é o que offerece a paz interior, o claro descanço do somno, a base da saude, da moral, em fim.

A mulher assim, faz-se respeitar e admirar; é como o sol... espalha em deredor de si o calor e a luz.. esclarece e vivifica tudo o que abrange.

Bemaventurado o homem que a possue.

Mas, como adivinhar?

Qual o meio de *matar* esta *charada*?

—O que acertar será o verdadeiro Œdipo!

Porto. Oscar Tidaud

O CREPUSCULO

A' minha amiga

D. Maria Julia Moreira de Magalhães

Vem, amiga, vem sentar-te
sobre a relva d'este monte,
encosta-me ao seio a fronte
em sereno repoisar.
Deixa que a brisa da tarde
te solte as negras madexas:
escuta as magas endechas
que nos vem alem do mar.

Contempla a vaga calmosa
a espreguiçar-se na praia;
e do sol que alem desmaia,
a sua breve immersão;
deixa o brilhante luzeiro
antes que triste se ausente,
dar-te um beijo inda candente
que te anime o coração.

E no crepusculo, n'essa hora
de tanta melancolia,
que tudo nos diz—poesia,
que tudo nos diz—amor,
verás tu'alma olvidada
do laço que á vida a prende,
que vôa no espaço, e ascende
demandando o seu Auctor.

Verás as aves ligeiras
buscando o abrigo do ninho;
o olôr do rosmaninho
ir espalhar-se subtil:
manso o arroio deslisar-se
entre a relva da campina:
e a luz, alem, da collina
surgir em limpido anil.

Tocar na torre da ermida
o sino ás Ave-Marias:
d'um orgão as melodias
erguerem-se até aos céus:
quaes mensageiras da terra
subirem nuvens d'incenso,
que transpondo o espaço immenso,
vão poisar aos pés de Deus.

Repoisar a natureza
levemente adormecida,
pudicamente envolvida
no seu singelo sendal:
acalental-a em seu berço,
qual terna mãe carinhosa,
a filomela saudosa
cantando no salgueiral.

Horá a que tudo se curva
ao Creador do universo.
Que peito ha tão preverso
que possa audaz, repellir
esta poesia sublime,
que do céu serena e calma
vem despertar dentro d'alma
indifinido sentir?

Quem não vê na tela immensa
que ante nós se patentéa
a grandiosa epopéa
do Senhor da creação?
Só o atheu negar podia
Esta potencia infinita!
O atheu, alma precita
de natura aberração!

Amiga, tu, que no seio
guardas affectos sublimes,
que das maguas te redimes
buscando o asylo da Cruz:
vem comigo ajoelhar-te
ante esse quadro infinito
onde se nos mostra escrito:
Deus — Verdade — Crença e Luz!

Porto — 1878. CLORINDA DE MACEDO

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

I

Os grandes successos da Revolução Franceza agitaram no fim do seculo passado, toda a Europa.

Os soberanos, ou pelo parentesco em que estavam com Luiz XVI, ou pelo temor de que o exemplo da França se tornasse contagioso em seus estados, formaram liga geral offensiva contra esta nação. Não previram que uma guerra externa, tão injusta como imprudente, contribuiria com efficacia para reunir todos os partidos que dividiam o paiz revolucionado, e para assegurar o exito da revolução que, sem aquelle estimulo, teria degenerado talvez em guerra civil. Não poderam advinhar que nas batalhas em que pretendiam abater, supprimir talvez uma nação, para assombro do mundo se formaria o genio guerreiro, de quem receberiam os damnos que intentavam fazer.

A Inglaterra, esperando engrandecer-se com a total ruina da França, pôz as maiores diligencias para que os soberanos se colligassem, particularmente os da Italia, e dessem principio a uma guerra que ella desejava, mas que se não atrevia a declarar primeiro que as outras nações.

O rei do Piemonte, Victor Amadeu, rompeu as hostilidades da parte de Nicea e Saboia. Mal succedido em principio redobrou de esforços, auxiliado pelos outros soberanos da Italia, soccorrido com tropas austriacas e protegido pelos inglezes. Os exercitos da França não sómente impediram a invasão, mas avançaram victoriosos pelo paiz inimigo.

Estas primeiras guerras tendo começado em 1792, prolongaram-se até ao anno de 1796, em que Bonaparte, enviado á Italia, iniciou por uma serie de victorias successivas, a sua gloriosa carreira.

A 17 de Outubro de 1797, quando a Europa absorta esperava do novo general ainda mais brilhantes feitos que os que já lhe illustravam o nome, assignava-se a paz em Campo Formio com as condições estipuladas pela França.

Mas a paz nem dava a esta nação quanto ella podia exigir, depois da campanha da Italia, nem contentava os estados que não podiam ficar sendo peior do que estavam antes da guerra. Assim com pretextos não muito fundados, os francezes occuparam Roma em Fevereiro de 1798, e expulsaram Pio VII para a Toscana.

Por outra parte, o rei de Napoles, o imperador da Austria, o duque da Toscana e o rei da Sardenha, protegidos e incitados pelos inglezes, apresentavam-se para continuar a guerra.

Nas Duas-Sicilias e, portanto, em Napoles, reinava Fernando IV, casado com Maria Carolina da Austria, irmã de Maria Antonieta. Ambiciosa, imprudente e vingativa, a rainha aquem o fraco animo de Fernando se humilhava, dirigia com o ministro Actor os negocios do governo.

Os inglezes, que desejavam avassallar o reino de Napoles e ao mesmo tempo voltar contra a França o seu dinheiro, tropas e navios, aproveitaram-se das condições favoraveis que lhes offerecia a corte napolitana para conseguirem os seus fins.

Excitando o odio da rainha, para com os francezes e outras más paixões que a dominavam, persuadiram-lhe, desde 1793, a pratica de um systema odioso, que havia de alienar-lhe as simpathias do povo e promover as dissensões intestinas.

Tomada de imaginarios sustos, Carolina acreditava que milhares de napolitanos tinham relações com os francezes, e se aprestavam para a precepitarem do throno, como estes haviam feito á sua irmã.

Uma junta do estado, aquem foi commettido o encargo de julgar os suspeitos, atulhou as cadeias de accusados, e condemdou alguns á morte. A rainha cobria o reino de espiões e gabava-se de «*ir assim destruindo o velho preconceito que reputa infame e denunciante.*»

Ao mesmo tempo sobrecarregava o povo de tributos onerosos para levantar tropas de mar e terra que servissem não sómente para apoiar os seus vexames e abusos dentro do reino, mas tambem para expulsar os francezes da Italia.

Não estavam os napolitanos educados para a revolução, nem comprehendiam as ideas que a tinham produzido e sustentado em França. Porém, a tyrannia do governo, a devassidão da côrte, e as exações do fisco, desenvolveram antecipadamente um fructo, a cuja maturação obstavam a rudeza e a ignorancia do povo.

O castigo injusto de revolucionarios suppostos fez que apparecessem os verdadeiros.

Havia em Napoles alguns homens, superiores por sua illustração ao vulgo, capazes de apreciar as instituições liberaes e de ver que o governo impolitico, despotico e oppressivo da rainha e de Actor precipitaria o reino de Napoles n'um abysmo. Esses, aquem ameaçavam já a cadeia ou a forca, associaram-se secretamente com o nome de *philomati,* escolhendo para as suas reuniões

o *Palacio da rainha Joanna*, velhas ruinas de uma casa que não chegára a ser concluida, na encosta de Pausilippo.

Era ahi que liam as cartas e as gazetas de França e, em conversas e discussões animadas, tratavam de radicar as novas ideias, e de constituir um partido que tomasse á sua conta promover, de accordo com os francezes, a queda do throno e a expulsão de um rei imbecil e de uma rainha cruel e impudente.

A victoria de Nelson nos mares de Alexandria em 1798, reanimando as esperanças dos soberanos colligados, fez redobrar a actividade do governo de Napoles. N'um só dia recrutou quarenta mil homens. Nos fins de outubro mais de setenta mil formaram o exercito da fronteira.

Para lançar os francezes fóra da Italia, o exercito napolitano contava com o apoio do imperador da Austria do duque da Toscana, e do rei da Sardenha.

O imperador não se moveu, transtornando assim o plano da campanha, que era cercar os francezes por todos os lados. O exercito napolitano, commandado por Mack, foi sobre Roma e Civitta Castellana, onde pelos revezes que padeceu se deixou entrar de tal desanimo que, em vez de expulsar os francezes, lhes abriu o caminho de Napoles.

(*Continua*). A. Filippe Simões

AS INSIDIAS DA SEDA

(IDILIO REALISTA)

I

A seda tem mil insidias
Mas tem a mesma expressão,
Sobre uma estatua de Fidias
Ou posta sobre o balcão.

E' um tecido orgulhoso
Que me irrita, que faz mal
Ao meu sisthema nervoso
E ao constitucional.

Tem scintillações funestas
Na *vitrine*, á luz do gaz,
Fitando as almas honestas
D'uma forma pertinaz

E além de tudo os tecidos,
Que eu fulmino com meu plectro,
Custam aos paes e aos maridos
Um dinheirão cada metro.

II

Entretanto certo dia,
Uma travessa modista,
Que em amor e ortographia
Tem varios pontos de vista,

Pega no estofo preverso,
Retalha, traça com giz,
Deixa-o na casa disperso,
Calcando aos pés o infeliz.

E emquanto a voz caprichosa
Em volatas se requebra,
Na maquina *silenciosa*
Negro mysterio celebra!

O estofo toma outro aspecto
Em vagas ondulações,
Começa a estar inquieto,
Começa a ter crispações.

Chega uma dama gentil
E veste-o, dá-lhe calor,
Afaga com mão febril
O grande triumfadôr

O estofo anima-se, fala,
Palpita, faz-se orgulhoso
E á carne que nelle estala
Aspira o fluido nervoso!

Depois na valsa, a voar,
No ritmo dos violinos,
Ruge, ri, morde no par
Com arremessos tigrinos!

No corredor, na alameda,
Quando a bella se abandona,
A um beijo—é sempre a seda
Que grita mais do que a dôna.

E solta um grito selvagem
De ciume ou amargura
Como os tigres na carnagem,
Quando a abraçam na cintura.

Na alcôva a furia leonina
E' tão lubrica, tamanha,
Que remorde a musselina
E diz frases á bretanha.

Depois na alvura do linho
Desenha-se um cólo nú,
E ella então geme baixinho
Um prolongado *fru-fru*...

III

O' bellas a nova Musa
Não é, como vós pensaes,
Uma matrona de blusa
De fascinações carnaes!

Canta a vida universal,
Uma flôr, um astro, um sapo,
E acha um flagrante ideal
Em quatro palmos de trapo.

Lisboa. Guilherme d'Azevedo

SOTTO VOCE

II

Falla-se hoje a respeito da dissolução domestica manifestada e provada continuadamente por casos de divorcio, suicidios, questões miseraveis entre parentes proximos, rebelliões filiaes, etc, etc.

Surprehende a todos aquelles que sem profundarem radicalmente as questões sociaes se preoccupam todavia com ella um pouco mais do que o vulgo, que este mal que todos sentem e que poucos definem, que este estado inquieto e doloroso que depois de agitar a familia assusta e perturba a sociedade, se haja aggravado justamente na época em que o homem, auxiliado por grandes immortaes pensadores, tem adquirido a mais elevada e justa noção do Bem, que ainda lhe foi dado alcançar no seu caminho de seculos.

A manifesta e clara contradicção que hoje mais do que nunca existe entre as ideias e os factos desnorteia e desanima os espiritos ainda os mais penetrantes:

Porque é que o homem que tem domado a materia a ponto de fazer d'ella a escrava submissa da intelligencia, que forçou a grande e muda natureza a tornal-o seu confidente e seu senhor, que arrancou ao astro e á planta, o segredo immortal da Vida que os anima, que penetrou investigador nas catacumbas das mortas religiões e que ouviu de cada uma palavra fecunda e suprema que as explica e desvenda, porque é que o homem que tem hoje a percepção lucida e clara do seu destino, não soube ainda prostrar, vencer, amordaçar o animal indomito que vive n'elle, que o martyrisa, que o refreia, que o leva ás vezes ao abysmo quando o não leva ao lodaçal!

Se o bom e o bello lhe revelaram a sua larga claridade benefica, porque se não revigora e rebustesse n'esse grande banho de luz, porque não estabelece uma harmonia victima e perfeita entre a ideia que forma dos deveres, e a sua manifestação prática e vizivel?

Depois de conceder ás paixões humanas o imperio relativo que ellas não podem perder, somos ainda forçados a confessar que na culpa d'esta desgraça que lamentamos, compete ás mulheres um grandissimo quinhão.

Concorrem ellas em grande parte para dar força ao impulso que contraria a marcha triumphante e ainda invencivel que leva a civilisação no caminho da verdadeira luz. E concorrem por varias e complexas razões.

Ignorantes, oppõem resistencia inconsciente ás transformações continuas do progresso; retrogadas por educação e por natureza, cada innovação se lhes afigura um perigo; amesquinhadas pela profunda escuridão intellectual em que jazem immersas, em vez de auxiliarem o homem ao cumprimento tantas vezes difficil do dever, afastam-o pelo desdem, desanimam-no pela frivolidade; gastam-lhe a força, o alento, as aspirações arrojadas e grandes, na satisfação de exigencias pueris ou lhe destroem a dignidade e lhe annullam a força obrigando-o a transigir com os desvairamentos d'uma imaginação doentia.

Mas se as mulheres produzem este effeito funesto, confesse-se, para bem da justiça, que á incuria dos homens se deve o atrazo intellectual em que todas nós estamos.

Sentem elles e sentem bem a meu vêr, que para conservar este equilibrio necessario á manutenção da ordem na sociedade e na familia, cumpre que a mulher se não revolte contra a inferioridade a que fatalmente a condemnam os costumes e as leis.

Para alcançarem, porém, esta submissão voluntaria entenderam desde de muito que o melhor meio consistia em condensar as trevas da ignorancia e da superstição em torno d'aquella de quem fazem a sua companheira na vida, o seu consolo nas horas terriveis da provação, a mãe dos seus filhos, a carne da sua carne.

Terrivel contradição, systema absurdo que tem como resultado a lenta desorganisação da familia!

D'um lado querem conservar-nos n'uma planna muito inferior á sua como illustração e como intelligencia para que nunca nos venha á ideia aspirar á perfeita egualdade dos direitos e dos privilegios: d'outro lado exigem de nós prodigios de virtude, de abnegação, de paciencia de que só são capazes as almas bafejadas pelo sopro ideal da eterna perfeição.

A mulher precisa de ser moralmente, mais forte do que o homem para conseguir levar a cabo a tarefa relativamente superior que a sociedade e a natureza lhe impõem.

No dia em que se assentar este ponto como verdade incontestavel, o mundo terá dado um dos seus passos mais gigantescos no caminho da felicidade.

Educar a mulher é arrancal-a na infancia do seu berço fôfo e tepido de beijos e leval-a por caminhos d'uma magestade austera, que ella nunca trilhou.

E' preparal-a para a grande lucta moral, que é a vida, com os cuidados com que Esparta, a guerreira cidade, preparava os seus filhos para as luctas do corpo, para as victorias da destreza physica.

E' associal-a pela comprehensão e pela sympathia a todos os trabalhos e investigações do homem moderno, é dar-lhe ao lado d'este um logar honroso e definido, não egual, pois que são diversas as attribuições d'ambos, mas equivalente em direitos e previlegios.

E' fazer-lhe comprehender bem claro que as seducções do corpo, quando não são involucro e reflexo de formosura e da robustez da alma não passam d'um laço ignobil armado ao animal, malefico e bravio que todo o homem encerra em si.

Educar a mulher é leval-a a compenetrar-se do seu papel providencial no seio da familia, e portanto na sociedade, e a achal-o grande, util, elevado, digno de saciar as mais levantadas ambições, e tambem de pezar como uma responsabilidade tremenda no animo mais altivo.

E' dar-lhe uma ideia perfeita do Dever e da Justiça, novo Ideal a que tendem incessantemente as aspirações do seu espirito, uma Religião que a hypocrisia e os calculos interesseiros não maculem, que se resuma para ella no sacrificio e no amor, mas sacrificio sem voluptuosidades dissolventes, e amor sem extasis hystericos e sem raptos de paixão sensual.

Antes porém de exprimirmos tudo o que ousamos esperar da mulher de amanhã, lançaremos um olhar demorado e justo no que é a mulher de hoje.

Lisboa. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

REQUIEM

Eu sinto em meu coração
Umas estranhas pancadas,
Como sêcas marteladas
Sobre a tampa d'um caixão.

Fantasmas que me cercaes,
Como um circulo de ferro,
Vinde assistir ao enterro
Dos meus amores fataes.

O' vasto mar socegado!
Onde a vista se me perde,
Esconde em teu seio verde
Meu coração mutilado.

O' noite profunda e calma!
Lança o teu manto sombrio
Por sobre o tumulo frio
Das illusões de minh'alma.

Tu serás, lua dormente,
Com tua luz solitaria,
A lampada funeraria
Da minha camara ardente.

O' flores do espaço ethereo!
Estrellas! vertei a flux
Por sobre o meu cemiterio
Vossos orvalhos de luz.

O vento misterioso
Entoará nas florestas
O *De Profundis* saudoso
Das minhas ultimas festas,

Que eu sinto em meu coração
Umas estranhas pancadas:
—São as seccas martelladas
Que estão pregando o caixão...

ACACIO ANTUNES.

EDUCAÇÃO DA MULHER

DE MICHELET

I

O Sol, o Ar, e a Luz

Affirma um illustre observador que grande numero de seres microscopicos não passam de vegetaes, emquanto que conservados á sombra, expostos ao sol animalisam-se e tornam-se verdadeiros animaes, o que é certo, incontestavel, acceite por toda a gente, é que todo o animal vegeta, retirado da luz e que o proprio vegetal por essa mesma razão, não floresce, e a flor permanece pallida, definha e morre.

A flor humana é de todas a que precisa de mais luz. Esta é para ella o primeiro e o supremo iniciador da vida. Comparae a creança nascida de um dia e que veio das trevas com a creança de um anno: a differença é enorme entre o filho da noite e o filho da luz. O cerebro d'este ultimo posto a par do outro offerece a realidade palpavel d'uma transformação completa. Não é de admirar ver-se no cerebro o apparelho da vista occupar mais espaço que todos os orgãos reunidos dos sentidos. A luz innunda a cabeça, atravessa-a de lado a lado até aos nervos profundos e recuados d'onde sae a medulla espinhal de todo o systema nervoso, todo o apparelho da sensibilidade e do movimento. Mesmo além dos conductos opticos onde circula a luz—a massa central do cerebro parece ainda impregnada de luz.

O primeiro dever do amor consiste em dar á creança e tambem á mãe joven, creança hontem, tremula, enfraquecida pela recente maternidade, fatigada pela creação, muita, muita luz, a salubridade, a alegria de um bom quarto, que o sol innunde com os seus raios matutinos, e ame, e olhe quasi todo o dia até as duas horas, aquecendo-o, illuminando-o, deixando-o com saudades, afinal.

Aos que vivem na alta vida, na vida artificial, compete o explendor dos apozentos voltados para a escuridão. Os occiosos, os grandes, os reis procuram nos seus Versailes, os salões que estejam voltados para o occaso, glorificador das suas alegrias.

Mas áquelle que santifica a vida pelo trabalho, aquelle que ama e deposita a sua alegria no filho e na esposa amados, áquelle compete o novo dia, a manhã.

Assim assegura a elle proprio a jovialidade dos primeiros annos em que a vida, ainda completa, é inergica e productiva. Aos seus, dá o contentamento, a prima flor da alegria que encanta todo a natureza na felicidade do despertar. Que ha a comparar á graça innocente e ligeiramente suave d'estas scenas da manhã quando o trabalhador honesto, e honrado descobre os raios do sol, fugindo por debaixo dos cortinados, vir illuminar a mãe e a creancinha timida no berço. E a mãe surprehende-se, e exclama: «Tão tarde já!»—«Filha! são cinco horas só. E' cedo. O pequeno acordou-te muitas vezes de noite. Descança ainda por uma hora.» E ella cahe deslisando n'um somno tepido.

Corramos as cortinas e afastemos de nós estes doces ciumes. Mas o dia na sua ascenção rapida e triumphante, não se retira e constitue uma curiosa batalha entre a luz e a sombra. E mal de nós se adoptarmos esta ultima!

Que magnifico quadro se perderia então! A mãe, curvada sobre o leito de seu filho, cerca-lhe a cabeça com a curva agasalhada e amorosa do seu braço... No entretanto, um brando raio de luz consegue ir bater n'este grupo... Soffrei-o, deixae em volta d'elles ambos esta commovente aureola que é a benção de Deus.

(Continúa.) XAVIER PINHEIRO

A TRINDADE DA NATUREZA

I

Espaço

O espaço, o incomprehensivel infinito,
Onde voltejam astros flammejantes,
Nebulosas e massas de granito,
De metaes e de gazes fermentantes,
Mundos em construcção, sóes consumidos,
E átomos soltos, nimios e espargidos.

O espaço, o perennal laboratorio,
Onde se operam mutações constantes,
Do globo enorme, opaco, e rico emporio,
Aos lucidos e limpidos diamantes,
Das estrellas, das mil constellações
A's do cerebro esplendidas funcções;

Onde a força, onde a vida se transforma,
Onde se encerra tudo quanto existe,
Onde as *cousas* recebem e dão norma,
Onde em luctas perpetuas se resiste,
Onde é certo e continuo o movimento;
O espaço, o immensuravel monumento,

Sobre um ponto do qual firmes vagamos
Com loucas ambições e cruas guerras,
E, como o nauta, olhando ao longe vamos,
Que só vê céu e mar e não vê terras,
Assim nós prescrutando os céus profundos
Não achamos limites, mas só mundos;

O espaço, a vastidão illimitada
Dos átomos, dos sóes e dos planetas,
Que conquistar tentamos de assaltada
Com essas telescopicas lunetas,
Que vem a ser o espaço immenso, incrivel?
—Um mysterio, um mysterio irredutivel!

II

Tempo

O tempo, a eterna successão das *cousas*,
Das gerações, dos povos, dos imperios,
A successão dos berços e das lousas,
Dos dias, annos, seculos ethereos,
Que se lançam febris, vertiginosos
Do passado nos seios espaçosos;

O tempo que vem rapido e que passa,
Qual no cerebro humano o pensamento,
Ou qual tenue o vapôr que o ar devassa
E se afasta da vista n'um momento,
O tempo inexplicavel, dilatado,
Que foge como timido veado;

Que vê as perennaes metamorphoses
Das particulas debeis da materia;
Que vê formar os sóes grandes, velozes,
E perderem depois a luz siderea,
Que as leis do mundo vê —a rotação,
E dos mundos na face—a evolução;

Que as mudanças produz da natureza,
Que dos successos traz a serie infinda,
Que as gerações humanas á grandeza,
Viu ascender e vê subir ainda;
E que encerra no ventre enorme e escuro
O presente, o preterito e o futuro;

O tempo interminavel—o colosso
De seculos e seculos frondentes,
Ao qual a vida comparar nem ouso,
O passageiro sopro dos viventes;
Que vem a ser o tempo indeffinivel?
—Um mysterio, um mysterio irredutivel!

III

Materia

A materia, o conjuncto de muleculas,
Que enchem os vãos reconditos do espaço;
Dos planetas, dos sóes, ao pó, ás féculas,
Dos orgãos cerebraes ao rijo aço,
Tudo, tudo que foi e que ha de ser,
Tudo o que soffre a dôr ou tem prazer;

A materia que formas mostra varias,
Que logo que uma perde outra recebe,
E vae com forças nunca perdularias
Mudando sempre as *cousas* que concebe,
Como em trabalhos plasticos o artista
Que deseja crear obra imprevista;

Os átomos pequenos e incoerciveis,
O sol de luz brilhante que deslumbra,
Os vapôres e os gazes invisiveis,
Os cometas que julguem na penumbra,
As nuvens que se arrastam na atmosphera,
O mar convulso, os cedros e a panthera;

Tudo que tem calor e movimento,
Tudo que nasce, cresce, vive e morre,
Tudo que possue voz e pensamento,
Tudo que brilha, sôa, pára, ou corre,
Tudo que é forte ou debil que é de vulto,
Ou que a nossos olhares jaz occulto;

A materia, o total das existencias,
Que enche o ceruleo circulo profundo,
Onde vagueiam lucidas potencias
De que é parte integrante o nosso mundo,
Que vem a ser o pó indivisivel?
—Um mysterio, um mysterio irredutivel?

IV

Materia, tempo e espaço! tres enigmas
Que busca decifrar a humanidade
Ha seculos sem conta, paradigmas
Da perpetua e fecunda immensidade,
Vasto mar em que o homem jaz immerso,
Trindade irredutivel,—o *Universo.*

Lisboa. TEIXEIRA BASTOS

ATRAVEZ DO ALEMTEJO

(CONTINUADO A PAG. 11)

II

Para lá dos gados — a corredoura dos asnos, dos muares, dos magros cavallos de trabalho, que os aldeões observam, notando defeitos, e explorando o mercado.

Ao cabo d'isto, os productos que o Algarve manda aos povoados agricolas, expoem-se, em desordem, em grandes fillas; cordas de esparto, exhibidas nos rolos, ceirões enormes para guardar os trigos, grandes saccas asperas que levam moios d'areia, a alfarroba, como requinte de goloseima, artefactos grosseiros de sola e de lata, peixes seccos, de uma magreza esqueletica, o atum rançozo, bugigangas varias. Em seguida, saccos de queijos amarellados, de ovelha, pequenos e duros, fabricados nas pequenas herdades do alto Alemtejo, louças rudimentares, toscamente brunidas, de um barro vermelho, ornado de pequeninos grupos salientes de pedrinhas brancas, bordam evoluções caprichosas, no meio da confuzão. Arlequins, de uma sordidez miseranda e de uma fome insolente, proclamam, de cima de toneis, o programma dos seus prodigios; saltos mortaes, suspensões extraordinarias, jogos malabares, a ultima palavra da gymnastica, da nigromancia, da alchimia, da phantasmagoria e da prestidigitação; em estylo grandiloquo, e saccodem ao sol, como insectos lamacentos, os seus mantos reaes de chita vermelha, fazendo a apotheose do lixo, o triumpho da obscenidade, a febre da pantomima, cheios de esgares, de guinchos, de parasitas da epiderme e de remendos agaloados! Ao fundo dos barracões da *comedia*, escorregam, sobre a plataforma, as bailarinas forradas a papel dourado, caiadas e duras, que acenam amorosamente aos magnates da terra, aos escrivães de fazenda, aos filhos dos lavradores ricaços, vendendo-lhes as graças por dois pintos e os colloquios por um lenço d'algodão escarlate.

Mais longe, os bufarinheiros alastram-se, no meio das suas tendas, atulhadas de cestos, de pelles de coelho, de frageis quinquilharias; pequenos sabonetes imitando fructos, com as mais bizarras côres; rimas de ligas de frócos azues e vermelhos, que fascinam as lavradeiras novas; botões de latão serapintado, que tentariam, *regulos* e *sobas*; fitinhas transparentes, baratas, que servem para os arabescos chinfrins dos casibeques. Os ourives offerecem a arte dos lavrantes do Porto, pezada de ornatos selvagens, sob a forma vulgar de arrecadas enormes, de cordões bonitos para prender papagaios aos poleiros, de anneis apparatosos, que costumam brilhar nos grandes dedos curtidos da saloiada, em tardes de arraial. Para além, os fanqueiros de Evora, surgem com pompa cidadã, no meio de rimas de chitas de côres vivas, de lãs de bizarro lavor, de pormenores de um luxo pelintra, vaidoso e chulo — bom para a fascinação das creadas, e das segadoras ardentes. E uma turba encantada gira por um lado e por outro; as meninas ricas, com os seus lenços de seda, os seus vestidos de folhos, de cujos seios escorre, como um pus brilhante, o cordão de ouro legendario, que herdaram da avó; camponios endurecidos pelos ingratos trabalhos, a jaleca de saragoça ao hombro, o varapau em descanço, riscando a areia. No meio de tudo isto — notavel couza! — ninguem comete o sacrilegio tremendo — de usar gravata. O que é talvez um heroismo; o que pode ser uma infammação; conforme......

Porque para nós, homens que idolatramos a forma e nos deixamos — ai! — levar pelo exterior, a gravata é a unica couza que separa o homem do javardo, n'este abençoado paiz de Viriato e João Fernandes.

Vidigueira. FIALHO D'ALMEIDA.

EDUCATION ET INSTRUCTION DE LA FEMME

GÉNÉRALITÉS

(CONTINUADO A PAG. 12)

Vous consentez à ne donner à la femme, et même à la femme de la société que cette éducation vulgaire et superficielle que dans certains pays tels que la France et l'Angleterre, la fille du peuple étale au milieu de sa simplicité? par exemple: avoir quelques notions confuses d'histoire et de géographie, enlever une polka plus ou moins bien exécutée, parler bals, modes, amants et quoi plus?... romans, sotte littérature à pleines mains dont elles ne retirent qu'illusions, raison creuse et démoralisation naissante. Ainsi qu'il en a été jusqu'à présent, vous serez les premiers à déplorer les facheux résultats d'un pareil semblant d'éducation. Et c'est pourtant vous, méres de famille, vous qui les premiéres devriez affermir vos enfants dans les voies sérieuses de l'étude, c'est vous qui leur procurez ou leur facilitez de pareils et de si oisifs passetemps! C'est vous, dis-je, qui leur fournissez ces occasions où leur légèreté peut devenir préjudiciable à leur repos et à votre tranquillité!... Ah! si dans l'avenir vous avez à pleurer sur vos enfants, ne serez-vous pas obligées de vous écrier: je l'ai bien voulu!

Si nous parcourons du regard les établissements d'instruction et d'éducation pour les demoiselles dans ce pays, nous y trouverons des filles de quinze ans au plus prétendant raisonner comme des femmes, s'entretenant de ce qui court le monde, et discutant sur tous et sur tout, comme l'aurait autrefois fait un tribun de l'ancienne Rome, lorsqu'il discutait les droits du peuple contre l'ambition des patriciens! Et en conséquence, nous y trouverons l'education et l'instruction dans un complet retard; pourquoi? parce que ces enfants n'ont ni le temps, ni l'encouragement nécessaires pour avancer dans toute étude sérieuse, ou pour consolider le poli qu'on aura voulu donner à leur esprit; parce que les pères et les mères se font, (je ne sais pour quel motif,) une espéce de honte de voir leurs filles assises jusqu'à un certain âge sur les bancs d'un collége; et qu'enfin, ignorants ou victimes d'un si faux préjugé, ils ne veulent pas qu'une fille surpasse en connaissances de sa mère.

Triste raisonnement!

Vous chercherez, maintenant les causes du retard de certains peuples dans les progrès de la civilisation; vous chercherez pourquoi, à quelques exceptions prés, chez telle ou telle autre nation, vous rencontrez tant de types grossiers, tant de types qui semblent morts à l'intelligence et si peu de ces nobles figures où scintille l'étoile brillante du genie? Vous vous demanderez pourquoi ce peuple demeure dans une position secondaire, tandis que d'autres nations, aussi obscures dans leurs principes,

et malgré les révolutions par lesquelles elles ont passé, sont montées si haut dans l'histoire des siècles?...

Laissez à la femme le droit de stimuler l'homme, en lui laissant à elle même le droit de partager son labeur; donnez à cet être que vous appreciez si mal la part qui lui revient dans vos pensées et dans vos travaux; laissez la à votre exemple se livrer aux désirs de la science; vous en retirerez autant de profits pour votre bien être intérieur que pour votre satisfaction personnelle. Celui qui traite d'esprit pédant la femme inclinée à l'étude, n'est lui même qu'un pédant jaloux de l'avantaje de son semblable, on tout au moins un esprit faible qui n'adopte-tel préjugé que parce que l'opinion vulgaire en a décidé ainsi.

Il est vrai que la part d'intelligence proportionnée à chaque femme ne se trouve pas dans toutes à la hauteur que je leur ai fait entrevoir. Si donc vous ne pouvez concilier en quelque'une d'elles le développement à donner à son intelligence, avec le besoin général qui veut que vous en fassiez une bonne mère de famille, et une entendue mâitresse de maison, dirigez du moins son âme dans le sentier de la saine et droite morale, en donnant tous vos soins à l'éducation si vous ne pouvez rien quant à l'instruction. Enfin; si vous ne pouvez en faire un bel esprit, faites en une femme de sentiments nobles et délicats, une de ces femmes dont le caractère énergique peut contribuer à constituer une nouvelle et forte société. Vous éviterez par là un défaut grave dans lequel beaucoup sont tombés; en donnant à leurs enfants une instruction restreint et inappropriée joint à une éducation mauvaise et peu entendue, ils ont formé des femmes qui, grâce à un verbiage aussi insipide qu'immodéré parviennent à se convrir d'un certain prestige, ou d'un certain faux brillant qui ne trompe jamais les gens sensés et raisonnables.

Porto — 1878 ANDREA NEYRAND

DEO IGNOTO

(IMITAÇÃO DO FORMOSO SONETO DE F. ARVERS)

Tem um segredo est'alma! E um lugubre mysterio
enlucta a minha vida. Em vão penso luctar!
Amo sem ter esp'rança! avergo ao triste imperio
d'aquella, cujo nome até devo occultar.

Sem um riso sequer, sem um olhar siderio
perto de mim que a adóro e vejo prepassar.
E sem me haver fictado, irei n'um cemiterio
sobre a virente relva a fronte descançar!

E ella que nem presente a minha sombra errante,
que passa descuidosa, alegre e fascinante
sem o meu nome ouvir e a minha voz saber,

Hade, talvez (quem sabe?) ouvindo a minha lyra
os hymnos que me infunde, os cantos que ella inspira
diser comsigo a sós: — «Quem é esta mulher? — »

JOSÉ CALDAS.

AS CREANÇAS

A JOAQUIM D'ARAUJO

O' minhas louras creanças,
De roseas faces douradas:
Tendes as formas sagradas
D'um bando de pombas mansas.

Dos vossos labios candentes,
Engrinaldados de soes,
Pululam omnipotentes
Os cantos dos rouxinoes.

Dos vossos olhos formosos,
Mais limpidos que o crystal,
Surgem os tons gloriosos
D'uma aurora oriental.

Não sei que aroma e frescura
Ha n'esses corpos suaves,
Que fazem lembrar as aves,
Voando sobre a verdura;

Não sei que brilho profundo
Ha n'esses labios vermelhos:
— Os sagrados evanjelhos
Que teem as mães n'este mundo;

Que eu tenho pensado,
Se o coração infantil
Foi por Deus embalsamado
Das castas manhãs d'abril.

E' que a Infancia passa a vida
Como um eterno paraizo:
Desponta toda florida
E morre á luz de um sorriso.

II

Ó estrellas da innocencia,
Ó pérolas do Idial:
O que é a fulgida essencia
D'um coração maternal?

Nas noites bellas d'agosto,
Quando a lua tristemente
Inclina o pallido rosto
Sobre o azul do occidente:

Vinde contar-me então, fadas,
Os poemas de illusões
E as notas immaculadas,
Que sahem dos corações.

Contae-me os sonhos divinos,
Que vos segredam as flores,
E os reflexos diamantinos,
Que ha no intimo das cores.

Quero ouvir d'uns frescos labios,
D'uma luz viva e aurora,
As theorias dos sabios
E a bella canção da sonora.

Porque só vós — pombas bellas,
Contemplaes sem um grito:
O scintillar das estrellas,
O palpitar do infinito...

Porto — 1879. XAVIER DE CARVALHO

A MULHER NA FAMILIA

(EXTRACTOS D'UM DISCURSO)

AO DR. JOSÉ BAPTISTA ZAGALLO

N'esta constante aspiração do espirito á suprema luz da verdade, n'esta fecundante lucta de principios que pretendem estabelecer a sociedade sobre novas bases permittindo-lhe assim o seu completo desenvolvimento na esphera politica e economica, a mulher tem sido objecto de cuidadosos estudos como ponto obrigatorio de partida para toda a reforma social.

Examinar a mulher nas suas faculdades e tendencias, estudar o melhor meio de a educar condignamente, marcar o papel que ella póde e deve representar, eis os tres aspectos sob os quaes o nosso seculo tem encarado este problema.

Opiniões diversas se apresentam, perfilhando este ou aquelle modo de ver, ora considerando-a como egual ao homem, dando-lhe portanto os mesmos direitos policos e civis; ora restringindo-a n'um limitado campo, subalternisando-a, concedendo-lhe apenas o papel de *dona de caza*.

Alguns espiritos, porém, dotados d'uma grande serenidade, isentos de paixões, a não ser a da verdade, elevam-na a companheira do homem, e ahi, n'esse alto e legitimo logar, apresentam-na com uma tal abundancia de provas concludentes, com uma tão relusente aureola d'affectos que a nossa alma se apossa logo d'uma convicção profunda e consoladora.

E, na verdade, quando por um momento pensamos nos demorados olhares affectuosos de nossas mães, nos meigos sorrisos, suavemente injenuos de nossas irmãs, nos doces carinhos que mães e irmãs nos prodigalisam quando nos invade a tristeza, ou nas fartas alegrias que ás vezes, as vencem quando nos sorria a ventura, não podemos deixar de pensar que a mulher é a nossa legitima companheira, a qual com uma esmerada educação, isto é, com a intelligencia robustecida pelas mais claras, justas e reaes noções das coisas, e o coração provido dos mais generosos sentimentos, nos póde guiar e consolar nos asperos trilhos da vida.

Educar, pois, a mulher, afim de que a sua acção seja eminentemente civilisadora, é um dos nossos mais imperiosos deveres, porque, sendo innevitavel a sua intervenção nos destinos da Humanidade, esta não escalará senão tropeçando, desde o momento que a sua educação seja descurada, a ingreme e luminosa montanha da Verdade, do Bem e do Bello. O progresso é uma resultante de varias forças concorrentes; ora logo que uma d'ellas se não dirija para o determinado fim das outras, ha fatalmente desiquilibrio, e d'aqui um retardamento na ascenção lenta, mas progressiva da Humanidade.

A mulher, este ser que tem servido de modelo ás mais formosas estatuas, derramado finas tintas na mais iriada paleta, despertado diversas melodias ao mais arrebatado maestro, inspirado versos immortaes ao mais inflamado poeta, dictado paginas sublimes ao mais profundo philosopho e revelado eternas verdades ao sabio mais investigador, finalmente a mulher, sem a qual nada de bello e de grande avulta na extensa biblia da Humanidade, a Historia, attinge nos tempos modernos, tão asperamente marcados por luctas tremendas, a sua maior corôa de gloria, o difficil papel de educadora das gerações *de amanhã*.

Ella já não é um objecto de praser como nas antigas e enervadas civilisações, um culto de mystica adorações como nos bons tempos da cavalleria andante, periodo que marca sem duvida o começo da sua elevação moral, uma arma d'intriga politica como nas monarchias absolutas. Ella já não assiste ás pugnas permiando os vencedores com um sorriso, um olhar, já não ouve, riclinada no gothico balcão, cantar em baixo a serenata dolente, em quanto que a lua enchia d'uma luz doce a vasta concavidade muda do céo; já não é a lasciva cortezã, triumphante belleza d'hombros e braços nús, brancos, rijos, marmoreos, que offuscava os deslumbrantes salões da regencia. Não. Ella é a educadora do homem moderno, o cidadão, porque só ella tem a faculdade de innocular na alma da creança todos os principios que mais tarde, os livros, as conveniencias, os costumes, as instituições desenvolverão. Os sagrados clarões com que a mãe espanna as trevas de nossa alma já mais se apagarão. Todos nós respeitamos este fundo de sentimentos que uma boa e santa mãe nos ligou, sentimentos que são como um forte escudo contra suggestões más. Quem se não sentirá como paralysado quando ao feril-o a garra adunca do mal perpassar-lhe pelo espirito a imagem veneranda da mãe!

Quem ao encalhar no agitado e tenebroso mar da vida não verá lá ao longe uma luz carinhosa a indicar-lhe um bom porto amigo?! Não será esta grande lampada que devemos trazer constantemente aceza na nossa alma que nos esclarecerá e guiará na dolorida estrada da existencia? De certo. Perguntemol-o á Historia. Quem inflammou os Grachos e os Cornellios no santo amor da patria! Sua mãe. Quem despertou na alma de Lamartine tudo o que ha de mais puro, apaixonado, vago, luminoso — a religião, o amor, o sonho, a estrella — que n'um admiravel conjuncto formam as «Harmonias e as Meditações?» Sua mãe.

A quem, senão a sua mãe, deve lord Byron á constante ironia do seu D. Juan? Napoleão, o potente e audaz Cesar do seculo, confessava que a sua mãe devia as suas grandes glorias militares.

Victor Hugo que nos arrebatados impetos sagrados de sua colera tem flagelado despota e reis, já vibrou na sua immensa lyra que comprehende todos os segredos da Natureza e da Alma Humana, canções a Carlos x obedecendo assim ás influencias ligitimistas de sua mãe.

Evidentemente é fatal a influencia da mãe, e atravez todas as nossas acções ella transparece. A imagem d'aquella que palpita jubilosa ao nosso primeiro sorriso e acolhe magoada a nossa ultima lagrima, é para nós um culto sagrado e é realmente notavel que a ironia que n'este seculo tem alargado as suas azas d'um baço brilho mordente, se quede respeitosa perante a mãe, a que cumpre o rude, mas grato trabalho de educar o seu filho.

O futuro da creança, dizia Napoleão, é a obra de sua mãe.

A educação dos primeiros annos, com effeito, pertence á mãe.

Ella, pela sua penetrante intuição, pela sua delicada sensibilidade, e pelas suas maneiras persuasivas, é naturalmente chamada a exercer este papel. Ninguem melhor do que ella sabe insinuar-se na alma da creança e gravar ahi, como em cera, noções, ideias, sentimentos, pontos de vista, paixões, em summa todos os elementos constituitivos d'um caracter. Realmente a primeira educação, da qual depende todo o nosso futuro, é extremamente difficil; exige uma rigorosa observação da natureza, temperamento e tendencias da creança, porque consistindo a educação no mais perfeito desenvolvimento das faculdades activas e especulativas, é nos primeiros annos que se deve obstar a tudo o que se opponha a esse desenvolvimento. Ora para isto se conseguir quanto não é preciso penetrar na alma da creança, examinal-a, e quantas vezes esta operação não é bastantemente dolorosa ?! Quanto á mãe, por esta fina intuição, que é uma das suas grandes qualidades, descrimina no filho uma natureza perversa, que de solida coragem se não revestirá ella, afim de que o seu almejado intento— de formar em homem de bem—se realise ?! Que portentosa somma de recursos não lhe será precisa para o não fazer desviar do caminho honrado que ella lhe pretende traçar ?! Mas tambem que são contentamento, que serena alegria, a recompensam se ella vence! Ella com a forte consciencia de que, por um esforço constante, de todos os dias, tem a seu lado uma creatura digna, em cujo coração palpitam os seus sentimentos e em cuja intelligencia brilham as suas ideias.

(*Continua*). FRANCISCO CARRELHAS

DESAPONTAMENTO

Quem possa enumerar os varios mundos
que nos ceus espalhou a natureza:
estrellas, lua e sol, astros fecundos
de luz, brilho e calôr, summa belleza,

as differentes flôres, ornando os campos,
os mil aereos ser's transpondo os ares,
o seu cantar, divino os pirylampos,
a luz, a vida o ceu, a terra e os mares,

absorto fica ao ver-te... ó creatura!
que póde, só em ti, o scismador
os mundos abranger em miniatura,
ter ceu, e crença e vida e luz e amor!

Se vem negro bulcão toldar o dia,
a luz do teu sorrir, tão radiosa,
de prompto a afugentou, vindo a alegria
na curva azul brilhar pura e formosa.

Se traiçoeiro véo te encobre a fronte
e de subito a noite o mundo enluta,
logo o sol de teus olhos, qual Phaetonte
em pyras divinaes o véo transmuta-a.

Assim dizia eu, pensando «n'ella»,
no mais terno scismar do que bem ama;
quando ouvi uma voz echoar na cella:
«Isso não é mulher... é um cosmorama!»

Porto, 1879. OSCAR TIDAUD

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

(CONTINUADO A PAG. 15)

II

O povo de Napoles, como ha poucos dias o de Paris, passára de uma confiança vaidosa e cega ao extremo da desesperação. Aguardava as grandes victorias do exercito, organisado á custa de tantos sacrificios, e o exercito trouxera-lhes os francezes sobre a cidade. Esperava gloriosos feitos da esquadra, em que vira despender milhões, e a esquadra desapparecera incendiada pelos seus proprios alliados, os presidentes inglezes Contava com o rei, que deveria servir-lhe de pae e guial-o, como cabeça que era de todos, e o rei fugira, abandonando cobardemente o seu posto. Depositára, emfim, a ultima esperança no principe Pignatelli, a quem Fernando IV commettera o governo da cidade, e o «vicario» tratára com o inimigo o armisticio mais que em tempo algum se fizera, promettendo por umas treguas de dois mezes, grande parte do reino e dois milhões e meio de francos.

O povo julgou-se trahido por todos. Invadiu as castellos e, apossando-se das armas, assenhoreou-se da cidade. Muitos magotes percorriam as ruas gritando: «Viva a religião—Viva o povo napolitano»! E, ao som d'estas e outras vozes, saqueavam e incendiavam as casas dos que passavam por «jacobinos».

Da parte de fóra os francezes ameaçavam, a cidade. Dentro reinava o terror.

Havia infelizmente, devotados á causa de França muitos napolitanos, de quem, a plebe não desconfiava. Esses misturavam-se com os populares e os guiavam conforme podiam, fingindo-se adversos aos francezes para obstar a maiores horrores. Alguns conseguiram, apoderarse do castello de Sant'Elmo, que domina a cidade, e o entregaram ao general Championet, inutilisando d'este modo todo o projecto de defeza que não serviria senão de aggravar horrivelmente os males que ameaçavam os napolitanos.

Apenas se avistou na fortaleza a bandeira da republica recresceu o furor da populaça. O tumulto subiu ao maior auge. Foram invadidas com mais violencia as casas d'aquelles que se suppunham em relações com os francezes.

Um dos magotes, que andavam em tal dilligencia, pretendia arrombar a porta de certa casa, saltando brados de vingança e de morte, principalmente contra uma mulher, cujo nome, com temerosa sombra, muitas vezes repetia.

Quando chegaram ao ponto de consummar o attentado, abriu-se de subito outra porta da mesma casa, por onde sahiram á rua muitas damas armadas.

Seguiram-se alguns momentos de silencio e de estupefacção.

Emquanto estas se punham em ordem, como a companhia de um batalhão disciplinado, uns d'aquelles homens enfurecidos deixaram cahir por terra as alavancas e machados com que trabalhavam no arrombamento, outros, mais deshumanos, erguiam-nos ao alto, como se quizessem preparar-se para a lucta.

Estavam frente a frente o bando dos amotinados e a gentil cohorte que os surprehendera. Que singular contraste. De uma parte, os «lazzaroni» cobertos de andrajos immundos e esfarrapados. A colera decompunha-

lhes as feições que o cabello e a barba hirsuta tornavam mais hediondas.

De outra parte as damas elegantes e graciosas, penteadas e vestidas com esmero, não deixavam transluzir na serena tranquilidade dos rostos senão a resignação do valor com que affrontavam a morte, ou o desprezo que sentiam para os ferozes assassinos, de quem tinham de aproximar-se para achar meio de fugir-lhes.

Pareciam os anjos de Milton apresentando-se para a luta. De um lado os bons, do outro os maus.

Vinha commandando as damas armadas aquella a quem mais se dirigiam os clamores do povilheo. Era uma mulher elegante e formosa, de aspecto nobre e varonil.

A figura, os olhos, e o gesto impunham silencio e respeito á turba enfurecida. Avançando resoluta entre ellas, com uma pistola em cada mão, disse com voz clara e firme:

«Não precisaes de subir as escadas para nos assassinardes. Aqui, á luz do sol, e com a cidade de Napoles por testemunha, executareis o vosso intento. Saibam, porém, que venderemos caro as vidas. Nem todos de entre vós se hão de gloriar de punir com a morte algumas mulheres, que não tem culpa senão deabonimar os tyrannos que vos enganaram e trahiram».

Os «lazzaroni», estupefactos de tamanha audacia na occasião em que menos a esperavam, ou receiosos de lutar sem armas de fogo contra quem as trazia, ou enfim, porque as palavras d'aquella que fallára os convencessem da injustiça com que procediam, ficaram-se quietos e silenciosos.

As damas, aproveitando-se d'esta inercia, affastaram-se apressadamente da turba, que, de um para outro momento, poderia recuperar a perdida sanha, e, proseguindo. não sem perigo, pelas ruas da cidade foram refugiar-se no castello de Sant'Elmo.

Mas, quem era a dama que, por seu animo varonil e pela coragem que soubera incutir ás que a seguiam, pôde fugir com ellas aos insultos do populacho, refreiar os impetos, e escapar á morte horrorosa que a esperava?

Aquella mulher, illustre na historia moderna da Italia, aquella mulher, a quem um de seus notaveis contemporaneos applicou a divisa: *Audet viris concurrere virgo*, era uma portugueza, e chamava-se Leonor da Fonseca Pimentel (1).

(Continúa). A. FILIPPE SIMÕES

JURAMENTO DO ARABE

Baçús, mulher de Ali, pastora de camellas,
Viu de noite, ao fulgir das rutilas estrellas,
Waïl chefe minaz de barbara pujança
Matar-lhe um animal. Baçús jurou vingança.

Corre, célere vôa, entra na tenda e conta
A um hospede de Ali, a grave e inulta affronta

«Baçús, disse tranquillo o hospede gentil,
«Vingar-te-hei com meu braço, eu matarei Waïl.»

Disse, e cumpriu. Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrivel, carniceira,
Que as tribus dividiu; na lucta fratricida
Omar, filho de Amrú, perdera o alento e vida.

Amrú que lanças mil aos rudes prélios leva
E que em sangue inimigo irado os odios ceva,
Incansavel procura, e é sempre, em balde, o vil
Matador de seu filho, o trédo Muhalhil.

Uma noite na tenda a um joven prisioneiro
Recem-colhido em campo, o indomito guerreiro
Falou severo assim: «escravo, attende e escuta:
«Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta
«Em que vive o traidor Muhalhil, dize a verdade;
«Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade.»

O moço perguntou: «é por Allah, que o juras?
—Juro.
Ouve-me: sou o homem que procuras
«Muhalhil é o meu nome, eu fui que o subjugei.

E entrepido fitava o atonito inimigo.

Amrú tornou: «és livre; Allah seja contigo.

Lisboa. GONÇALVES CRESPO

ERRATAS

No artigo «A mulher em todas as edades» de Exc.ª snr.ª D. Olivia Telles de Menezes, a pag. 4, do 1.º numero, ultima linha onde se lê, «tias do imperador,» deve de ler-se: iras do imperador.

No 2.º numero a pag. 9, «Sotto Voce» artigo da Ex.ª snr. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, onde se lê «mulher,» deve ler-se Actualidade. Estes artigos são publicados com a devida auctorisação da sua authora.

Na poesia do snr. Fausto de Azevedo, pag. 10, onde se lê «1879» deve ler-se, 1878.

A pag. 12, poesia da Exc.ª snr.ª D. Angelina Vidal, na 1.ª linha, onde se lê, «Marchava» deve lêr-se Caminhava; e mais adiante na 2.ª columna linhas 6, onde se lê «Com fervor ameaça os braços denegridos,» deve lêr-se: Com feroz ameaça os braços denegridos.

Pag. 14: linhas 37 onde se lê «afasta-se logo, de inspirar deixa de sentir amor,» leia-se: afasta-se logo de inspirar, deixa de sentir amor... etc.

Pag. 15: 1.ª linha onde se lê «porque despida de si,» leia-se: porque despidas de si... etc.

---

(1) O nome de *Leonor da Fonseca Pimentel*, soa harmoniosamente ao ouvido, como, fino e legitimo portuguez. Todavia ninguem, que nos conste, observou antes de nós, que poderia ser oriunda de Portugal a heroina que viveu com distincção e morreu gloriosamente entre os campeões e martyres da revolução republicana de Napoles.

Vannuci diz que Leonor da Fonseca Pimentel nasceu de uma familia conhecida de Napoles.

Alexandre Dumas, n'um romance que o snr. Pinheiro Chagas traduziu em 1865, chama-lhe napolitana de origem hespanhola.

SOTTO VOCE

III

Prometti no meu artigo antecedente fallar da mulher de hoje.

Irei em primeiro logar buscal-a á classe média, classe que considerada no seu elemento masculino representa a intelligencia, a riqueza, a industria e o progresso d'um paiz.

A mulher d'essa classe divide-se em dous generos: aquella que as vaidades sociaes ainda não corromperam e aquella que pretende offuscar com os deslumbramentos da sua opulencia as finas graças e as exterioridades elegantes que pompeiam nas regiões mais elevadas da sociedade.

A primeira é laboriosa e sensata, tem o amor dos filhos, um amor animal, um amor physico, mais instincto do que religião. E' d'uma ignorancia absoluta, ingenua e profunda, imagina-se investida d'um dever supremo a que todos os outros se subordinam: o de proporcionar o bem estar material do marido e da familia.

Não tem conversação, não tem espirito, não tem aquella doçura benevola e intelligente que é para o coração do homem o que o algodão em rama é para o ninho das aves. E', porém, activa, aceada, robusta, fiel e nas horas da adversidade, de miseria, de doença, de desfallecimento, tem os carinhos rudes, tem a dedicação humilde, tem a vigilancia perseverante, tem o exemplo animador e fecundo.

O homem anda lá fóra, na lucta, no trabalho, na investigação, na sciencia; vae vivendo e vendo como n'uma ascenção rude desvendarem-se-lhe todos os dias horisontes novos; vae estudando e sentindo como n'uma iniciação progressiva dilatar-se-lhe o espirito, clarear-se-lhe o entendimento. Ella, a mulher, a sua companheira, ignora os seus combates, as suas glorias, as acres delicias do seu sacrificio, os desanimos, as aspirações, as horas de impotencia, os arrebatamentos triumphantes da victoria. Percebe apenas se o marido está doente, se anda magro, se tem fastio, inventa-lhe pequenos pratos, persuade-o a que tome remedios caseiros, vigia para que lhe não faltem os commodos que elle aprecia, tem prodigios de invenção espontanea para o envolver n'aquelle bem estar necessario aos que se consomem n'uma actividade sem treguas.

De que se ha-de elle queixar?

De nada.

E' santamente amado, com um affecto inexgotavel e são.

Mas será elle feliz?

Não. A sua alma não se completa ao contacto de outra alma, vive na sua esfera intellectual inteiramente isolado d'aquella com quem quizera confundir-se sempre. Não, quando a esperança lhe estremece o coração, quando uma descoberta arrancada aos seios da sciencia em annos de lucta dolorosa, o faz palpitar de enthusiasmo e de orgulho, quando um espectaculo grandioso o commove e submerge n'aquella pensativa mudez dos grandes extasis, quando um pensamento elevado o transporta e delicia, elle não sente ao seu lado o espirito que o comprehenda, que partilhe as suas sensações, que lhe releve emfim, intima, absoluta, indiscructivel, essa união ideal que o casamento tem de ser para merecer este nome.

E' esta a mulher do luctador moderno, considerada na sua generalidade.

Subamos agora na escala social mais um degrau.

O trabalhador incansavel venceu.

O dono da fabrica fez-se capitalista, o chimico enriqueceu com a sua descoberta, o industrial ganhou um milhão,

Elle é simples e modesto, lembra-se dos dias melhores, não quer offuscar ninguem, não pretende humilhar os que ainda hontem eram seus irmãos.

Ella, porém, a mulher, que deixou penetrar na sua alma o veneno da vaidade, aquem o trabalho forçado já não absorve e a quem outras distrações elevadas e nobres são vedadas, ella que não pensa, que não medita, que não entende o bem na sua acepção elevada e digna, a missão exercida pelo marido, pois que se envergonhava da sua pobreza honesta, ei-la que opera a pouco e pouco, quasi imperceptivelmente, uma influencia funesta no homem que o corrompe e o arrasta.

Emquanto elle tinha as sensatas e robustas consolações do trabalho que a intelligencia illumina e a que a intelligencia preside, tinha ella apenas, na sua profunda escuridão mental, as pequenas humilhações, os despeitos contidos ás dissimuladas raivas.

Não podendo ter a consciencia do seu dever, o que a faria sublime, só tivera a consciencia da sua inferioridade julgando mesquinha e ridicula.

Chegára o momento da desforra; exigia-a completa.

Leitora, quando tu vires passar triumphante, grosseiramente desdenhosa, mal sentada nos flaccidos coxins d'um coupé *à huit ressorts*, coberta de velludos e de rendas a altiva burgueza dos nossos dias, lembra-te que é o fructo pernicioso da ignorancia combinada com a virtude.

Então aspira mais do que nunca a alcançar um verdadeiro e subido valor individual, independente das eventualidades de fortuna ou de posição, a instruir-te, a educar-te, a robustecer a tua alma, para que o teu esforço se communique em volta de ti como um contagio benefico, para que a geração de amanhã possa resgatar plenamente os erros da geração de hoje.

Lisboa. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

BORBOLETAS

(VERSOS DE 18 ANNOS)

São d'ouro e neve as tuas azas
E tu aquecel-as ao sol?!...
Não póde o fogo em que as abrazas
Do pó fundil-as, no crysol?

Não: quando o orvalho inunda as folhas
Vou n'elle o corpo mergulhar;
Depois, em crystalinas bolhas,
O atiro á luz para a apagar!

—Porém o sol, pobre vaidosa,
Corre abrazado atraz de ti.—
E eu então vôo e digo á roza:
Abre o teu seio, e fujo alli...

Porto. PEDRO DE LIMA

AO POVO HEBREU

Que mal fizeste, ó pallido semita,
O' filho de Judá, para disperso,
Viveres pela terra em luto immerso,
Illota das nações, raça proscripta?

E para, na penumbra das edades,
Que as gerações modernas precederam,
Te vermos nas fogueiras que accenderam
Contra os protestos impios das Verdades?

E como se temessem o contagio
De peste negra ou lépras dolorosas,
Te afastarem no *ghelo*, nas famosas
E solitarias ruas de teu agio?

E porem-te signaes e distinctivos?
E chammarem-te odioso, torpe, immundo!
Foi, castigar um roubador profundo
Que a revolta prégava entre os captivos!

Se foi, não tem razão os exegetas
Pois que se elle era o Deus, o que devia
Beber o amargo calix da agonia:
Tu foste o instrumento dos Prophetas.

Lisboa. TEIXEIRA BASTOS

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

(CONTINUADO A PAG. 23)

III

Leonor da Fonseca Pimentel nasceu em Roma pelos annos de 1752 a 1754.

Foi seu pae Clemente Henrique da Fonseca Pimentel, cujos parentes viviam em Beja na segunda metade do seculo passado. De Roma passou com sua familia em 1760 para Napoles, onde existia ainda no mez de novembro de 1777.

Qual fosse a profissão de Clemente Henrique Pimentel, quaes os motivos que o levaram e tambem a sua mulher, a mãe de Leonor, para Roma, quaes os que depois os obrigaram a domiciliar-se em Napoles, não o sabemos nós. Apenas consta que, por occasião de se romperam as relações de Portugal com a curia de Roma, em 1760, sahiram d'esta cidade para a de Napoles.

Dotada de superior talento e natural disposição para a poesia, Leonor da Fonseca Pimentel, logo aos dezeseis ou dezoito annos compunha versos que mereciam os louvores de Metestasio.

De suas obras poeticas vimos sómente algumas cantatas, odes e sonetos impressos, que se conservam na bibliotheca de Evora.

Entre essas composições menores ha um drama *(componimento dramatico)* em verso e dedicado ao marquez de Pombal.

Intitula-se—*Il trionfo della virtú.*

Na dedicatoria, datada de Napoles de 1777, a autora falla, com enthusiasmo de portugueza, de uma nação, «na qual não nascêra, mas da qual era filha. Menciona com palavras eloquentes os grandes descobrimentos dos portuguezes; a opulencia da nação até ao reinado de D. João III; a decadencia que se lhe seguiu durante o dominio de Castella; a gloriosa revolução que libertára Portugal d'aquelle pesado jugo, sem todavia lhe restituir a antiga força e prosperidade. Mostra depois como o genio reformador do marquez de Pombal dava outra vez á monarchia o antigo explendor, tornando-a por sabias leis uma das primeiras da Europa.

Ao drama, como a authora declara, deu assumpto um excerando attentado que puzera em risco a vida do grande ministro. Foi provavelmente o de João Baptista Péle, pouco depois da inauguração da estatua equestre, facto que tambem avulta no entrecho da composição.

Consta o drama de duas scenas. A primeira passa-se n'uma horrenda caverna.

A «Inveja» descreve ás «Furias» o odio que sente para com o marquez de Pombal por haver reedificado a cidade de Lisboa que ellas tinham destruido.

Communica-lhes o designio que formára de arrasar de novo aquella cidade e dar a morte ao marquez. Encarrega este ultimo golpe á «Traição» e ao «Rancôr».

A scena segunda é na praça do Commercio de Lisboa, adornada para a inauguração da estatua equestre. As «Bellas Artes», coroadas de livros e no acto de acabarem o monumento cantam:

Sorgi, o bronze avventuroso
Gran portento inogni etá;
No di te piú glorioso
Nonumento alcun non v'ha.

Apparece com suas companheiras a «Inveja», que, ao vêr a estatua rompe em terriveis ameaças. Acode a Virtude, seguida de «Genios», entre os quaes se destinguem o «Zelo e a Fidelidade».

Segue-se uma discussão entre as duas potencias sobre-naturaes. A «Inveja» despede suas serpentes. Treme a terra, bramam as ondas, prenunciando a destruição da praça e de toda a cidade.

N'este momento, a «Virtude» vibra o raio e a «Traição» cahe fulminada. Desapparece o côro infernal, ficando apenas a «Inveja» e o «Rancôr» vencidos e encadeiados pela «Virtude» ao pé da effigie do marquez de Pombal.

A «Virtude» canta o seu triumpho; segue-se depois o côro das «Deidades marinhas e o dos Genios». As «Nymphas do Tejo», alludindo ao desenvolvimento da agricultura, da industria fabril e do commercio, cantam em côro:

Nei nostri campi Cerere
Era da Bacco oppressa;
Cerere or-sorge anch'essa
I campi a ricoprir.
Le merci a noi veniano
Pria da'stranieri regni;
Or vanno i nostri legni
I regni ad arricchir.

O côro das «Bellas-Artes» allude á grande reforma e novos estatutos da Universidade de Coimbra e ao desenvolvimento das artes:

Prima l'eirror coprivasi
Col manto del saper;
Pra le scienze svelano
I puri rai del ver.
E le Virtuti abbellansi

Al nobile splendor;
E le Bell'Arti adornansi
Di non mai cinto allor.

As «Deidades marinhas da Asia», celebrando o estado vigoroso das possessões asiaticas, cantam em côro:

Quasi neglette figlie
Lungi versammo il pianto;
E'l primo onore intanto
In moi parea mancar.
L'antica gloria a sorgere
Or torna in moi sicura,
Già le nemiche mura
Torniamo a minacciar.

Enfim, as «Deiadas marinhas da America e da Africa», cantam as leis que declararam livres em Portugal os escravos e seus filhos e concederam aos subditos americanos as prerogativas de portuguezes:

E noi costrete a gemere
In dura schiavitù,
Ora godiamo in libera
Soave servitù.
Il laccio indissolubile
Passó del piede al cor;
Ch'ove virtute ha imperio
Ivi obbedisce amor.

Tal é muito em resumo o entrecho da composição dramatica *Il trionfo della virtù*.

Obra vasada nos moldes que mais se apreciavam no theatro no tempo em que foi escripta, deveria ser acolhida com enthusiasmo por aquelles a quem mais interessavam as reformas do grande ministro. Porém, não chegou de certo a representar-se em Portugal porque fallecendo el-rei D. José em 20 de fevereiro de 1777, o marquez de Pombal recebeu da rainha D. Maria I a sua demissão em 14 de março de 1777, na vespera do dia em que Leonor da Fonseca Pimentel assignava em Napoles a apologia em que o tinha por indispensavel á nação portugueza!

Emquanto a illustre poetisa imaginava encadeiador pela «Virtude», a «Inveja», e o Rancôr», elles, despedaçados os laços que os prendiam, arrancavam a effigie do marquez de Pombal do monumento que symbolisava as grandes reformas da sua gloriosa administração!

IV

Leonor da Fonseca Pimentel cultivou tambem as sciencias. Spallanzani elogiou seus conhecimentos em historia natural: e não falta quem lhe attribua o ter collaborado com este sabio na descoberta dos vasos lymphaticos.

Nem as sciencias theologicas lhe eram estranhas. Traduziu e annotou em italiano a «Analyse da profissão da fé», obra do padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Outros muitos factos e importantes, que não podemos descobrir, honram de certo a vida litteraria de Leonor da Fonseca Pimentel. Mas os da politica, posto que não occupassem senão os ultimos dias da sua carreira, deixaram na sombra tudo o mais.

D'esses tornaremos agora a fallar.

(Continúa). A. Filippe Simões

CANTARES

I

O val'ameno dá flores
O sol torrentes de luz,
E o catholicismo joias
Como o padre Santa Cruz.

II

Pobre «bonzismo»! No dia
Que triumphe a Ideia nova,
Ponde-lhe um ramo de flores,
Que vá sécio para a cova.

III

O tufão rev'lucionario
Investe sem descançar.
E' um vento irresistivel!...
Pobre throno e pobre altar!

IV

Cahem as folhas, e eu scismo,
Ao vêl-as ir arrastadas:
Scismo no triste futuro
Das cabeças coroadas!

V

Já ahi vem D. Republica
A' frente dos seus dragões:
Nos palacios dos senhores
Oh! que dantescas visões!

VI

O rei desmaia no leito,
O rei desmaia no banho,
O rei desmaia no throno...
Jesus, que medo tamanho!

Miranda do Douro. Manoel Sardenha

REVISTA LITTERARIA

A JORNADA D'AFRICA

Vae apparecer brevemente em publico um livro d'importancia litteraria, qual é A Jornada d'Africa por Jeronymo de Mendonça, editado pela Bibliotheca de Instrucção Historico-Litteraria.

Jeronymo de Mendonça foi um dos que acompanharam D. Sebastião a Africa ficando captivo na batalha de Alcacer-Quibir, e, depois de resgatado, voltou a portugal, escrevendo então a sua obra.

Passa em geral por bom estilista e emprega boa linguagem portugueza, e comquanto n'aquella época ainda não se tivessem nenhumas noções sobre o methodo critico da historia, parece que não despresou nenhuma das provas que tornassem sincera e verdadeira «A Jornada d'Africa.»

De resto diremos que Jeronymo de Mendonça era na-

tural do Porto, a bella cidade dos grandes emprehendimentos e das grandes edeias. Da sua obra destacamos um capitulo interessante, posto que ligado intimamente com o que se acha explanado no corpo da obra.

———

DA FUGIDA QUE COMMETEU VIRGINIA E DO SUCCESSO D'ELLA

Tambem n'esta geral desventura houve mulheres que tiverem intelligencia para se pôrem a salvo, que tudo com os mouros acabava o interesse; mas não aconteceu assim a uma moça italiana, de quem me pareceu bem fazer particular menção, por ser grande sua fé e boa sua vontade; e posto que o sujeito seja um pouco humilde, não é por isso bem que passe em silencio, que as maravilhas do animo, as obras de virtude, tanto são mais de estimar, quanto menos se esperam da pessoa; e porque melhor se entenda, é de saber que entre os capitães do terço do Marquez Esternuile, havia um que se chamava Hercules, o qual trazia uma moça muito bem parecida, com quem vinha desposado, segundo opinião de sua companhia, e nobre segundo o seu parecer, a qual, entre outras mulheres de differentes nomes, foi captiva de dous Alarves, que a traziam muito mal tractada, a pé e descalça, e descomposta de fórma que lhe foi necessario cobrir o que menos escusava de alguns baixos fatos; e caminhando d'esta maneira, passou acaso um poderoso Alcaide, o qual, entrado em um momento de sua gentileza, lançou arrebatadamente mão d'ella, tomando aos Alarves até a mais pequena peça de seu vestido, que se sua pessoa corria risco em qualquer parte, muito mais se arriscava n'esta, onde só reina a licenciosa maldade do seu Mafoma tão proclamada.

Logo o senhor absoluto tractou da moça a seu modo, satisfazendo a vontade tanto contra a sua, que chegou a perigo de morte em sua honesta defensão, o que se póde muito facilmente crêr, pelo que adiante diremos.

Seguindo pois o mouro seu caminho, de tal maneira se deixou levar d'esta affeição, que d'outra cousa não tractava. Sentiram muito isto dous filhos homens que o Alcaide tinha: alguns querem dizer que foi mais que mágoa de suas mães, mas talvez fosse uma e outra cousa.

Chegado este Alcaide a Fez, o qual se chamava Amubenselleme, começou a mortal inveja, com bem grande razão, a fazer seu officio, indignando-se as mulheres, e seus filhos por sua parte fazendo-lhe alguns queixumes; porém o mouro, a quem amor não dava licença para guardar justos respeitos, pisava tudo livremente, fazendo senhora da casa aquella que tanto contra sua vontade o era d'elle.

No meio d'estas bonanças, tão mal festejadas de quem as possuia, como um captivo do Alcaide Alichequito, elche portuguez, andasse muito desejoso de saber de seus successos, movido ainda da primeira mágoa que d'ella teve, vendo-a no caminho descalça, onde lhe valeu em algumas cousas o melhor que lhe foi possivel, veio a saber de seu estado, e procurou fallar com ella, assim para a consolar em suas ricas miserias, como para lhe fazer as devidas lembranças no perigo de sua alma; porém, como a casa de Alcaide fosse muito grande e respeitada, temia não succedesse algum desastre, havendo má suspeita de suas piedades, e assim lhe mandou dizer por um italiano, que lhe deu conta de sua vida, folgaria muito de a ver com a licença de Alcaide, fazendo-lhe saber quem era, e lembrando-lhe os beneficios que d'eile recebêra.

Deu-lhe o captivo conta d'isto, e ella lhe mandou dizer que muito seguramente pedia vir, porque o Alcaide não lhe tolhia cousa em que podesse imaginar seu gosto e consolação.

Com esta segurança foi o captivo visital-a, e como ella andasse em trajos de moura, ficou algum tanto sobresaltado, á primeira vista; mas o captivo italiano lhe disse que o Alcaide a não deixava andar d'outro modo, para poder significar que era tambem moura, desculpando-se em parte com as gentes do grande amor que lhe tinha.

Fulgou Virginia muito de ver este mancebo, e lhe disse: ó caro amigo, quanta alegria tenho, se em tal estado póde haver alguma, de vos ver com vida, e onde podeis ter esperança de remedio, e juntamente de achar em vós tão fiel testemunha da minha lealdade: estes habitos que vêdes (tristes agouros de mortaes blasphemias) me obriga a trazer este injusto possuidor de minha liberdade, inimigo cruel e forçoso amigo, que tanto contra seu consentimento goza do infeliz corpo, mas já póde ser que seja esta sua curiosidade ou dissimulação caminho a meu remedio, porque d'esta maneira tenho mais tempo e licença para poder tractar d'ella

Isto dizia Virginia com tantas lagrimas que bem mostrava a verdade de seu coração, a quem o captivo consolava o melhor que podia diante de um elche, velho castelhano, que era sua guarda: e mettendo mais a mão nas esperanças de seu remedio, lhe veio a perguntar pelo seu capitão Hercules, ao que ella respondeu: sabei que a fortuna o tinha mui bem feito commigo, senão fôra o descredito de minha forçada vontade, e o perigo d'alma, pois está em liberdade a melhor parte minha: Hercules, meu bem, e todo o meu remedio, está livre em Ceuta, posto que tambem reciprocamente assista em Fez.

D'esta maneira lhe foi Virginia significando as esperanças que tinha de sua liberdade, porque Hercules, além de a ter cotada em oito centos cruzados, entendendo quão mal podem ter preço contentamentos amorosos, pretendia por todos os meios sua liberdade, buscando mouros de guia com todo o favor e segredo possivel.

Quando Virginia isto dizia, pondo o captivo os olhos n'ella viu que se achava em estado de gravidez, e quizera dissimular o que descobrira; mas ella, que sentiu muito bem este pejo, disse com muitas lagrimas:

Bem sei que com razão foram sempre as obras mais dignas da Fé, que as palavras; mas eu, como verdadeira testemunha de mim mesma, ouso affirmar que foi isto que vêdes obra sómente da absoluta natureza, que se outra cousa suspeitára do consentimento da minha alma ou prazer dos meus sentidos, eu propria rasgára em minha vingança as mal occupadas entranhas, dando com a morte honrada satisfação a minha vida.

Estas disculpas dava de si Virginia, e realmente, se a boa philosophia dá logar, bem se póde ter que fallava verdade, pelo que mostrou por obras.

Depois d'isso, Virginia foi dando mais particular conta de sua vida a este mancebo, o qual se despediu d'ella com assás compaixão de suas mágoas o temor de seus successos.

Estava n'este tempo o capitão Hercules em Ceuta negociando o resgate de Virginia, e, de mil cruzados

que o Papa lhe mandou para o seu, dava elle oitocentos, porque quando esta mercê chegou estava já resgatado. E vendo que tudo isto não bastava para conseguir seu intento, determinou gastar este dinheiro, solicitando por outro modo, e teve taes intelligencias, que Virginia póde ordenar sua fuga com os mouros de guia, e com outras pessoas que a ajudaram a isso.

Chegada pois a noite de todos tão desejada, partiu Virginia em trajes de moura, em cima de um ginete, com seus companheiros, e seguiu a via de Melilha, que não era mal acertado conselho, pois era mais provavel que a aguardassem nas fronteiras.

(Continúa) JERONYMO DE MENDONÇA

OS MARTYRES DA SCIENCIA

Eu vejo-os caminhar na noute do passado
Ao lugubre clarão dos cirios e fogueiras,
Serenos como o bem, o olhar illuminado,
E erguendo com doçura as frontes sobranceiras.
São victimas dos crimes
Dos deuses sensuaes, de Roma a impudica
Que teve no seu seio os Neros e os pontifices,
Que amaldiçoa o Genio, o Vicio santifica,
E ruge rancorosa ao vêr nobres artifices
Abrir o fundo abysmo
Aos velhos ideaes, ás lubricas chimeras
Do christalino harem das mysticas formosas
Que o sultão poderoso embala nas espheras.
Elles seguem ávante em vias tebrosas,
Heroicos e sublimes,
Em busca da Verdade, e deixam no caminho
Como um rastro brilhante as grandes concepções;
E emquanto se contorce a crença em desalinho,
Vão destruindo a fé e as celicas visões
Do louco fanatismo.

No entretanto o tempo audaz recolhe ao infinito
Os oculos crueis do Jehovah terrivel
E vae-se esphacelando o monstruoso mytho
E vae-se desfiando o véo do incognoscivel.
E' que o dia chegou
Em que a terra se aquenta ao sol da intelligencia,
O espirito febril acorda e se delata,
E o bello Deus eterno — a limpida Sciencia
Um ramo de esplendor nos cerebros desata.
Sim. Foi a vossa mão,
Os sublimes heroes, philosophos magnificos,
Que no espaço imponente ou intimos da terra
Collocou os pharóes ardentes e vivificos
Como guias leaes na portentosa guerra
Que o Homem sustentou!
Se hoje a sombra revolve o torpe lodaçal,
E hypocrita desdobra as azas da maldade
Com que tenta empanar a aurora universal,
Ha-de ser fulminada aos pés d'esta trindade:
Sciencia, Bem, Razão.

Lisboa ANGELINA VIDAL

EDUCAÇÃO DA MULHER

DE MICHELET

I

O Sol, o Ar, e a Luz

(CONTINUADO A PAG. 18)

Fallei em um dos meus livros de uma arvore forte e robusta (um castanheiro, talvez) que eu via sustentar-se sem terra, unicamente do ar. Nós tambem collocamos em vasos suspensos certas plantas delicadas que vegetam egualmente sem outro alimento que o da atmosphera.

Os pobres homens do campo assimilham-se muito a essas plantas: pois quem tornou mais supportavel o seu fraco alimento? quem lhe concede emprehender trabalhos tão penosos e tão rudes, em comparação com as porporções da má alimentação, senão a pureza do ar que respiram, o poder que elle lhes dá de poder tirar d'este alimento todo o que elle tem de nutritivo?

Pois bem, tu que tens a felicidade de alimentar e educar as duas arvores do paraiso que são a mulher, que vive em ti, e o seu filho, que és tu proprio, — pensa bem que para que a mãe viva, floresça e alimente o querido filho com bom leite, é preciso que lhe dês, a ella, o alimento des alimentos, o ar vital. Que miseravel contradição, que desgraça não seria, deixares viver tua esposa modesta, querida e abençoada, n'uma atmosphera perigosa que fanaria todo o seu corpo, e a sua alma? Não, não é impunemente que um ser delicado, fino e impressionavel, recebe o terrivel merito de cem cousas viciadas e corruptoras, vindas da rua, o sôpro dos espiritos immundos, a confusão de evaporações, de exhalações fetidas e de más visões que pairam sobre as nossas cidades sombrias e melancolicas!

E' preciso fazer um sacrificio, seja por que preço fôr; é preciso dar a estes dous seres uma boa natureza, n'algum sitio bom onde possam viver. Se poderes, sae da cidade—verás menos vezes teus amigos, que se forem verdadeiros te irão visitar; não irás tanto a miudo ao theatro que importa! Os prazeres (enervantes e agitantes) são menos desejados quando se possue em casa, no seu lar, as alegrias e o amor, a sua «Divina Comedia»; não perderás tanto tempo nos bailes a fallar inutilmente, com adulação. Em recompensa, pela manhã, sadio e socegado, tudo o que não perdeste em palavras vãs, tu o empregarás no trabalho de alguma obra solidas de resultados duradouros que se não esvaecerão como o fumo.

Eu não quero um parque, mas um jardim, um pequeno jardim. O homem não se pode formar facilmente longe das suas harmonias vegetaes. Todas as lendas do Oriente principiam a vida n'um jardim. O povo dos fortes, e dos puros, a Persia, colloca o mundo n'um jardim de luz.

Se não poderes abandonar a cidade, habita sobretudo os ultimos andares. Nos quintos e nos sextos andares, podem-se formar facilmente jardins, em cima dos telhados. Ao menos, ahi a luz é em abundancia. Quero que a tua esposa, prestes a tornar-se mãe, tenha um vasto e dilatado horisonte por onde espalhe a vista, nas *revêries* da expectativa, durante as longas horas

de ausencia, e quero que, quando levarem á janella o teu filho, quero que os seus primeiros olhares caiam sobre os monumentos e sobre os effeitos magestosos do sol que os rodeia e lhe dá em diversas horas, aspectos differentes.

Quando se não tem para ver nem as montanhas, nem as altas sombras das arvores, nem as bellas florestas recebe-se dos grandes edificios (onde estão escriptas em pedra a vida nacional, e a historia da Patria) emoções precoces de que se conservam sempre impressões. As creancinhas não podem dizel-o, mas a sua alma libra cedo aos effeitos da architectura assim transfigurada. Um raio, um rasto de luz, que illumina a certa hora um templo, fica-lhes sempre na memoria.

Emquanto a mim, eu posso affirmar que não houve na minha infancia cousa que me fizesse mais impressão do que ter visto uma vez o Panthéon entre mim e o sol. Era de manhã. O interior do templo, patenteando-se pelas suas vidraças, irradiava como uma gloria mysteriosa. O azul, de uma vaga luz rosada, circulava entre as columnas ligeiras do esbelto templo jonico, tão enormemente erguido sobre grandes muros austeros e sombrios. Eu fiquei encantado, arrebatado, ferido, com mais sentimento que os grandes acontecimentos tem feito em mim, os grandes acontecimentos passaram; mas aquella luz ainda a conservo, e ainda me illumina.

Xavier Pinheiro

A MULHER

FRAGMENTO D'UNS VERSOS INÉDITOS

Quem des'do berço vos ampara e guia?
Quem desvelada vos enchuga o pranto
Affaga, ensina e ama?
Quem vos protege amiga noite e dia
E vos aquece d'affeição no manto
Do amor na viva chamma?

Quem vos amostra do Eterno a Omnipotencia
Quando sem medo a caminhar tranquilla,
N'uma senda d'abrolhos,
Sacrifica os sorrisos da existencia,
E d'alma carinhosa amor destilla
Sem lhe vêr os escolhos?

Quem, se a belleza vos negou o brilho,
Tem sempre uns olhos que vos acham bellos,
Á luz d'affecto enorme?
Quem da virtude vos aponta o trilho
Quem pezares e dôr troca em disvelos
D'alma que nunca dorme?

Quem se o crime nas garras vos aperta
E vos rouba a fragrancia, o dôce aroma
Das affeições mais puras
De novo á voz da honra vos disperta,
E alegre e forte pela mão vos toma
Nas veredas escuras?

Quem vos impelle á gloria e vos aponta
A porta do sanctuario aonde entrada
A vossa ambição quer?
Quem por vossos tropheus seus gosos conta?
Quem da ventura vos ensina a entrada?
Sempre, sempre a mulher!

Coimbra — Amelia Janny

Começamos hoje a publicação de um interessante romance, devido á penna do snr. Cunha Cardoso, auctor do livro de poesias: DEPOIS DO TRABALHO, que a imprensa acolheu de modo mais lisongeiro.

O PREMIO DA VIRTUDE

ROMANCE ORIGINAL

Entre as paredes nuas e sombrias d'um pequeno casebre, desmantelado e carcomido por essa miseria que se não exprime, vivia tristemente, e quasi ignorada, uma desventurada mulher, a quem a morte arrebatára o marido, e com elle as alegrias do lar.

Esta infeliz, que n'outro tempo gosára os dias luminosos d'uma existencia dourada pelo sol da felicidade, e que sentia pulsar-lhe no peito um coração verdadeiramente extremoso, onde abrigava as mais santas virtudes, vivia agora entre as amarguras d'uma pobreza inexcedivel, sem um sorriso, sem um afago, sem o conforto d'uma voz amiga.

Seu filho, ainda muito joven, e por isso mesmo incapaz de a consolar na tristeza infinita d'onde brotavam as suas lagrimas, era o unico sêr fadado pela Providencia para compartilhar os horrores de tão grande desgraça.

Ainda assim, esta criança, que era docil por indole, e começava a revelar pelas suas acções os dotes d'uma alma bem formada, servia de muito á pobresinha, porque havia tomado a seu cargo implorar para a mãe afflicta o obulo da caridade.

Na aldeia havia muito quem sympathisasse com aquelle ente desconhecido, precioso cofre de innocencia e affabilidade, que sabia captivar a estima de todos com as suas maneiras agradaveis e delicadas, e muito particularmente com o modo piedoso e commovente que mostrava, ao implorar o obulo da caridade para aquella a quem tanto estremecia.

Em face d'estes predicados, tão dignos e de per si tão recommendaveis n'uma criança de tão fresca idade, raras eram as casas, das poucas que havia no povo, onde o prestimoso innocente deixasse de colher o resultado que ambicionava da sua nobre tarefa.

Por algumas vezes chegaram a interrogal-o sobre a sua procedencia; mas o infeliz, para cumprir as instrucções de sua mãe, era indeciso nas suas respostas.

E' que esta miseria precisava de viver assim occulta nas dobras d'um véo mysterioso: as suas victimas sentiriam augmentar-se-lhe o flagello, se esse véo, desdobrando-se, revelasse em toda a nudez a verdadeira face d'este quadro desolador.

Quando, uma hora depois de haver sahido para a sua digressão quotidiana, o desventurado pequeno regressava para junto d'aquella que lhe déra o sêr, sempre a sorrir de contente por haver cumprido bem a sua missão, depunha pressuroso nas mãos de sua mãe o parco alimento angariado pelas habitações dos lavradores. Depois, servindo de meza o proprio regaço da tris-

te senhora, um e outro devoravam com avidez a minguada refeição que se lhes deparava.

Afugentado assim por algum tempo o espectro da fome, que inexoravelmente os definhava de dia para dia, a pobre mãe olhava então commovida o extremoso filho, e dirigia-lhe palavras de conforto, para o animar a supportar com resignação as agruras do destino que os perseguia. Em seguida oravam a Deus, e ao anoitecer iam repousar os membros esphacelados sobre umas palhas meio dispersas e apodrecidas, que jaziam a um canto da miserrima habitação.

Na manhã seguinte, porém, despertavam, para contar mais um dia de martyrio!

D'uma d'estas vezes, aquella criança, ao abrir tristemente os olhos á luz do dia, chorou com profunda amargura o desgraçado meio em que elle e sua mãe viviam, e por um momento chegou a desejar para si, como lenitivo a tantas dôres, a paz eterna do sepulchro.

(Continúa) J. DA CUNHA CARDOSO.

CONFISSÕES

A. LUIZ DE CAMPOS.

Eu tambem sei, tambem o que é o soffrimento,
Profundo como o abysmo incognito do mar;
Eu sei o que é a dôr, sei o que é o tormento
Do rugir da agonia e não poder chorar.
O' dôr, ó velho abutre enorme e famulento
Que nasceste com nosco e não morrerás nunca,
Eu conheço-te bem, abutre ensanguentado,
O teu bico de bronze e a tua garra adunca,
Que no meu coração tens tanta vez cravado!
Como o vento que chora em noites tenebrozas.
Quando o rei Lear anda incerto e desgrenhado,
Como choram na praia as ondas monstruosas,
A rollar, a estourar n'um continuo vai-vem
Como o exilado chora em pé no tombadilho,
Como choram os paes sobre o caixão de um filho;
Tambem, meu Deus, chorado assim tenho tambem!

Eu sei o que é andar n'esta prisão da vida
Em convulsões febris, como um leão numida
Dentro da jaula; eu sei o que é tombar desfeito,
Sentindo um coração maior do que o meu peito
A crescer, a bater com furia, com ardor,
Rio desordenado a transbordar do leito,
Mas um rio de morte e lagrimas, Senhor!
Eu já tenho vertido o pranto que retalha,
O pranto que calcina as nossas illusões,
Como o bronze inflamado a correr da fornalha,
Como a lava a correr das boccas dos vulcões.
Quantas vezes, meu Deus, á noite não succumbo,
Vendo prostado em terra o meu ardor leonino,
E a vida me parece um feretro de chumbo
E eu uma sombra vã, sem rumo e sem destino,
A marchar, a marchar pelo negro horisonte,
Sem ter como Jesus onde encostar a fronte,
Sem um olhar qualquer d'uma existencia pura,
Sem um riso que brilhe, um astro que desponte
Na profunda mudez da minha noute escura!
As chimeras de abril, ó pallido romantico,
Tenho-as visto cahir desfeitas uma a uma
Como cahem, bramindo, os vagalhões do Atlantico
Ao baterem na rocha em turbilhões de espuma.
A minha mocidade um plantano frondente
Onde vinham cantar á noute os rouxinoes,
E onde tremeluzia a luz do sol nascente,
Como a gloria que doura o sorriso aos heroes;
A minha mocidade esplendorosa, ardente,
Mais viva que o lampejo aereo das espadas,
Mais alegre que um rei e que um festim de noivos,
Eil-a morta no chão com as tranças douradas,
Ensopadas em sangue e cobertas de goivos!
Os meus sonhos ideaes, puros como camelias,
Eu tenho-os visto ir morrendo e perpassando,
Alcyones de luz em vaporoso bando,
Fantasmas juvenis, lacrimosas Ophelias,
Brancas apparições do adro d'um mosteiro,
Pelos rios da noute a boiarem cantando
Com as bocas de neve a canção do *Salgueiro*.

Mas o orgulho na dôr é o silencio profundo,
—A profunda mudez—
E a minha dôr cruel eu não a conto ao mundo,
Porque a não contaria á minha mãe talvez!

Lisboa GUERRA JUNQUEIRO.

OUVINDO-A CANTAR

Minh'alma dormia! nem sei que tristeza
Que funda amargura meu ser invadia;
Mas sei que não tinha nem riso, nem pranto,
E, como já morto, minh'alma dormia.

Ouvia uma historia de crimes e mortes,
Ouvia no céo ribombar o trovão,
Meu seio ficava de gêlo, qual era,
Nem sombras de pranto.... nem vaga emoção!

Entrava n'um baile; brilhavam os lustres,
E havia nos rostos a luz da alegria;
E, mesmo na festa, sentia-me triste
De vaga tristeza; minh'alma dormia!

A's vezes, cuidando achar o prazer,
Achava a amargura nas taças da orgia!
Tentava chorar, e debalde o tentava,
Já prantos não tinha! Minh'alma dormia.
Ouvindo que a turba sorria nas festas,
Eu ia com a turba, pensando folgar;
Esperança baldada! ou risos alegres
Ai! não, não podiam meu gêlo quebrar!

Um dia,—nem sei bem quando,—
Ouvi tua voz encantada
Um vago canto soltar,
E, pouco a pouco, desfez-se
O gêlo que me envolvia,
A cada nova harmonia
Que te ouvia modular.

Um prazer estranho e vago,
Um anhelo intraduzivel,
—Nova, etherea sensação,—
Acordou á vida o Lazaro,
Trouxe-me a esp'rança perdida!

Ergui-me cheio de vida....
—Tinha outra vez coração.—

Coração p'ra que? p'ra as magoas
De te ver tão bella e pura,
De te ouvir assim cantar;
E de ser como o mendigo,
Que tem fome, e frio, e sêde,
E a quem ninguem concede
Nem a esmola d'um olhar.

Coração p'ra que? p'ra amar-te
Como se ama a uma estrella,
Que se não pode tocar!
Coração p'ra que? p'ra as ancias
D'este desejo infinito,
Que não pode ser escripto,
E nem se pode cantar.

Antes minh'alma dormira
N'aquelle somno de inercia,
Que não tenha riso ou dôr;
Antes fôra meu caminho
Sosinho c'o a desventura,
Do que sonhar a ventura
N'um impossivel....no amor!

No amôr, que nasceu ouvindo-te
Aquelle canto sentido,
Aquella vaga canção.
Amor, que tu inspiras-te,
Que não revelo, nem digo;
Amor que guardo comigo
No templo do coração!

1878. JOSÉ DE NAPOLES.

A MULHER COMO ELEMENTO SOCIAL

Se ha algum assumpto que pouco tenha preoccupado a attenção dos sociologos, é indubitavelmente a poderosa influencia que a mulher exerce directamente pela educação, sobre o modo de ser da sociedade.

Assumpto perpetuo das adulações dos poetas, alvo incessante de bajulações banaes e sem significação, a mulher tem sido posta de parte como elemento social; a religião occupa-se d'ella superficialmente, e o direito canonico, na sua brutalidade triumphante, reserva-lhe o papel secundario d'ente cujo dever é submissão, obediencia inconsciente ás determinações do sexo forte.

O direito civil não vae mais longe, n'este ponto, do que o direito canonico; prohibe-lhes o exercicio da magistratura e a interferencia nos actos publicos, eliminando quasi a mulher como factor nas transformações e productos da sociedade.

Este é o papel que a mulher representa actualmente; mas se formos investigar o passado, caminharemos de maravilha em maravilha, ao ver a brutalidade para não dizer selvageria, com que o *ente soberano*, no seu subvejectismo desenfreado, põe a mulher a par do ilota, do parea, do ninguem social.

E comtudo, se pensarmos um pouco, não vemos razão alguma que auctorise estes actos d'um exclusivismo infundado, exclusivismo que talvez tenha contribuido para o estado d'anarchia e dissolução moral d'esta epocha em que os espiritos *nobres* se iniciam na restauração do mundo pelas balas das clavinas sobre as cabeças dos reis.

E' inexplicavel o procedimento da humanidade d'hoje, que animada de tão boas aspirações para a reorganisação do mundo baseada na egualdade e no direito, se tem sempre esquivado a reservar á mulher um papel, que continuado ha mais tempo, contribuiria rapidamente para a realisação dos seus sonhos febris.

Não se dá facilmente com a origem d'esta reserva, observa-se que é sem rasão de ser, mas não se aponta o antidoto para esterminar o mal.

Sem procurarmos investigar a origem, que, seja qual for, hade necessariamente ser tão desarrazoada como os affectos por que a aprendamos, indicaremos resumidamente qual o papel que desejariamos ver entregue á mulher do futuro.

Parece-nos que o melhor caminho a seguir é considerar a mulher debaixo do triplice aspecto por que a devemos encarar—como cidadã, como mãe, e como esposa.

O primeiro d'estes modos porque a mulher actua na sociedade, poucas ou nenhumas considerações tem merecido por parte dos que mais se tem votado ao estudo d'estes assumptos; o segundo e terceiro tem servido de thema ás inspirações mais ou menos felizes dos vates de todos os tempos.

Como cidadã, a mulher deve ter todas as garantias que o direito concede ao cidadão; o livre exercicio de todos os cargos do estado, de todas as carreiras scientificas, artisticas ou industriaes.

Embora isto pareça objecto de riso para muitos espiritos superficiaes que só encaram a mulher pelo lado idyllico e sentimental, pelos espiritos levianos e preconceituados a quem a luz da verdade deslumbra e offusca, não é isso razão sufficiente para desistirmos da nossa affirmativa e convicção, que tem por si o apoio de muitos homens considerados no mundo scientifice.

Parecerá uma transgressão aos habitos convencionaes da sociedede actual, a realisação do nosso desejo; mas, sinceramente, que rasão ha para que a mulher como cidadã não gose das mesmas garantias que o direito concede ao homem como cidadão?

A inferioridade intellectual, com que muitos poderiam querer derrubar a nossa affirmação, não é certamente; porque está demonstrado que a intelligencia da mulher em nada é inferior á do homem, mas perfeitamente egual.

A physiologia moderna parece que o tem demonsaté á evidencia; abstemo-nos por isso de carroborar mais uma vez aquillo que tem por si o apoio da verdade e da observação.

A fragilidade da compleição da mulher não é tambem motivo plausivel; o que ha então?

Ha o eterno predominio do direito da força sobre a força do direito.

O homem, como ente mais forte, subjuga a mulher como ente mais fraco; questão apenas dependente da propria natureza e consequencia quasi immediata da «selecção natural e da lucta pela existencia».

(Continua). M. OLIVEIRA RAMOS

O PREMIO DA VIRTUDE

ROMANCE ORIGINAL

Esta criança tinha então razão para chorar.

Na aldeia era dia de festa. A aurora começava de mostrar-se no horisonte, tão cheia de belleza e de esplendor como o raiar d'alva nas manhãs de estio. Reinava ainda o silencio inspirador da madrugada, e apenas o manso perpassar da brisa, rescendente de perfumes, parecia entoar um côro festival com o leve rumor da folhagem buliçosa.

Herminio, que assim se chamava a criança de quem nos havemos occupado, pareceu comprehender nas notas d'essa musica divina a revelação d'um prazer, que lhe não era dado gosar, mas que traria horas de felicidade para alguem.

Passado algum tempo, o sino da aldeia dava o primeiro signal de regosijo. A gente do povo começava de despertar; e pondo de parte a charrua, para dar treguas ás lides quotidianas, envergava o fato de gala, e estudava o melhor meio de passar alegremente aquelle dia.

As horas iam decorrendo; e como quem porfiava em não perder d'ellas um segundo, assim com o manso deslisar do tempo, que aos olhos da inquieta juventude parecia voar, se desenvolvia o prazer da festa em todos os lares, onde tão santa alegria se desentranhava em sorrisos e descantes.

No entanto, Herminio e sua mãe jaziam abandonados e esquecidos entre as paredes humidas e sombrias da sua mesquinha habitação; e assim, mergulhados na tristeza infinita de tão cruel isolamento, escutavam apenas esse rumor expansivo com que a gente do povo embriagava os ares.

Herminio, inspirado então n'esta felicidade alheia, avaliou melhor a desgraça em que vivia, e chorou de amargura a infeliz criança.

Imagine-se o estado de commoção e desespero em que ficaria a pobre mãe, ao escutar os cruciantes lamentos de seu filho. Por um momento não póde articular palavra, e algumas lagrimas, impellidas por uma dôr agudissima, lhe rolaram das orbitas pelas faces lividas e cavadas. Depois, passada a primeira impressão, que foi violenta e quasi fatal, acercou-se de seu filho, beijou-o carinhosamente, e disse-lhe com voz meiga, mas entrecortada de soluços:

«Filho da minha alma: Não quero por modo algum calar em teu peito a dôr intensa que ora te domina, porque augmentaria assim duplicadamente os males de que tens sido victima, e que com tanta resignação has supportado até hoje.

«Evitar a livre expansão de tuas mágoas, seria preparar-te um novo supplicio, para o qual talvez não chegassem as tuas forças; tenro como és, poderias succumbir a tão dura provação, como succumbe tristemente em meio da tempestade a planta debil que o tufão açoita.

«Por isso, chora, meu filho, embora as tuas lagrimas sejam outros tantos espinhos a cravarem-se-me no coração angustiado. Isto, porém, não deve importar-te, porque eu sou forte bastante para viver em lucta declarada com os revezes d'esta grande desventura.»

A este tempo, Herminio lançára um olhar compassivo a sua mãe, e um pouco mais socegado da dolorosa commoção que experimentára, dispunha-se a escutal-a silenciosamente.

Ella então continuou:

«Teu pae, que perdeste ao despontar da vida, foi um dos mais abastados negociantes até hoje conhecidos. O seu viver, porém, era bastante desregrado, e eu tive com isso desgostos, que não seria facil enumerar-te.

«Entregue a determinados vicios, em que muito a occultas gastava sommas valiosas, foi-se depravando em sentimentos, e desde então começou a tratar-me como escrava da sua vontade de ferro, que me impunha o dever de supportar em silencio o peso das suas acções indecorosas.

«As pessoas com quem tratava ignoravam tudo isto; mas eu previa que a hora tremenda do fatal desengano havia de soar inevitavelmente um dia.

«Pela minha parte, fiz tudo quanto humanamente é possivel fazer-se, para o trazer ao caminho da honra e do decoro, mas não consegui satisfazer sequer uma pequenissima parte dos meus ardentes desejos.

«Embriagado pelos prazeres mundanos, tinha por tal modo prostituida a consciencia, que todas as palavras, que tendessem o um fim justo e honesto, eram para elle como a lava incendiaria da indignação a exaltar-lhe o genio diabolico.

«D'este modo, vendo frustrados todos os meus esforços e perdidas todas as esperanças, descri abertamente de tudo, e dispuz-me a aguardar com resignação os funestos resultados d'aquella vida de ignominia.

«Passado tempo, notei, em certo dia, que teu pae andava excessivamente preoccupado, e que a pallidez cadaverica do seu rosto denotava claramente a profunda dôr que avassallava o seu espirito. Ainda assim, meu filho, receiando acordar a cólera do seu genio irascivel, não me atrevi a interrogal-o.

«A' noite, porém, vi-o entrar no seu quarto sem me dizer palavra, sentar-se e ficar horrivelmente triste e pensativo, com a fronte pendida sobre o peito e os olhos fitos no chão. O coração batia-lhe com violencia, porque o peito arfava-lhe d'um modo estranho; tinha lividas as faces, e os labios tão comprimidos, que nem por um momento sequer os descerrava para respirar mais livremente.

«Então, confesso-te que me assustei devéras, porque teu pae, meu bom Herminio, não era facil de commoverse com pequenos revezes, e eu via em todo o seu aspecto a sombra negra d'uma grande desgraça.

«A principio tive receio de o despertar d'aquella profunda meditação, em que elle parecia empenhado em resolver um dos maiores problemas financeiros da sua vida commercial.

«Por fim, depois de algum tempo de dolorosa hesitação, dirigi-me para elle, e, com modo affavel, interroguei-o sobre o motivo que tão sériamente o preoccupava.

«Contra a minha espectativa, teu pae lançou sobre mim um olhar repassado de bondade e de amargura, e balbuciou a custo estas unicas e fataes palavras:

— Estou perdido, mulher; ámanhã ficaremos tão pobres, que a nossa desdita tocará o extremo da miseria! O demonio da allucinação lançou-me n'este inferno da desgraça!...

«Ao ouvir-lhe tão tremenda revelação fiquei como petrificada de horror, e custou-me a acreditar que não fosse apenas um sonho o que acabava de passar-se entre mim e teu pae. Instinctivamente levei as mãos aos olhos, para me certificar de que não dormia; lancei em tôrno a mim um olhar inconsciente; fitei a médo o auctor de teus dias, e por fim, com palavras mal seguras, implorei-lhe,

banhada em lagrimas, que me repetisse a sua affirmativa de ha pouco.

«A final, meu filho, decorrido apenas um momento, vi-me compellida a acreditar na triste realidade da dolorosa situação que se nos antolhava! É que a hora fatal do cruel desengano, o momento supremo que eu tantas vezes previra, acabava de soar affim!

«Tu, meu filho, és ainda muito novo, para poderes avaliar a dôr cruciante que experimentei n'aquelle transe, o mais infinitamente amargurado da minha vida! Nunca os meus olhos derramaram lagrimas de tanto afflicção, nem jámais desejei a morte como n'aquella hora de tão estranho martyrio!

«Mas que havia eu de fazer, se me era impossivel luctar contra o destino, que acabava de traçar a vereda espinhosa, em que ainda hoje desgraçadamente nos encontramos?

«Tratando, consoante pude, de consolar teu pae, dirigi-lhe palavras affectuosas e animei-o a resignar-se com a sorte que nos estava preparada. Elle, porém, que me havia escutado sem proferir uma unica palavra, mostrou-se apparentemente mais socegado, mas não lhe foi possivel conciliar o somno n'aquella noite.

«No dia seguinte foi declarada a fallencia de teu pae, com um passivo d'algumas centenas de contos; facto este que encheu de verdadeiro panico a praça do commercio, porque mais algumas casas naufragaram com a nossa, em virtude das sommas avultadas de que teu pae lhes era devedor. Os annaes da vida commercial não registavam ha muito um acontecimento de tal natureza e importancia!

«Teu pae, convencido como estava de que logo que se procedesse á liquidação da sua casa havia de dar-se necessariamente pela falta de grossas quantias esbanjadas em vicios degradantes, não teve coragem para resistir a esta segunda provação, que cobriria d'opprobrio o seu nome até alli bemquisto, e pôz termo á existencia, tomando a infernal resolução de suicidar-se.

«N'este ponto, meu bom filho, confesso-te que não tenho palavras para descrever-te fielmente o estado de afflicção e de desespero a que cheguei, impellida pela mais suprema das agonias que póde sentir um coração humano!...

«Assim perseguida pela fatalidade, que em tão curto espaço me ferira com dois golpes d'uma crueldade e profundeza inexplicaveis, julguei que a morte ou a loucura seria o epilogo d'este soffrer immenso; e ainda hoje me admiro de como esta minha compleição tão fragil póde resistir áquelles tremendos vendavaes da sorte.

«Por fim, ao vêr-me privada de todos os recursos, e envergonhada por haver descido, da opulencia e da abundancia, ao derradeiro grau da escala da miseria, fui habitar para o extremo da cidade, em um dos bairros menos frequentados pelas pessoas, que podiam conhecer-me.

«Dias depois, alguns cavalheiros, tendo-se informado do meu estado de pobreza e da humilde residencia que me servia de abrigo e de refugio, resolveram-se a soccorrer-me com pequenas esmolas, em memoria talvez da sincera amisade que teu pae lhes consagrára nos seus dias de ventura. Como, porém, o sentimento da caridade não vive sempre nos mesmos corações com aquelle incendido amor do primeiro impulso, esse pequeno soccorro, que tanto me aproveitava á modesta e parca subsistencia, foi rareando por tal fórma, que já me era impossivel viver sem estender publicamente a mão á caridade.

«Em face d'este novo revez da sorte, que por todos os modos parecia caprichar em despedaçar-me o coração, lembrei-me de que tu, meu filho, criancinha como eras, conseguirias talvez melhor do que eu despertar nas almas dos transeuntes o sentimento do bem, implorando d'elles uma esmola para a nossa subsistencia; mas reflectindo ao mesmo tempo, como inspirada por Deus, que vagando a sós pela cidade, poderias, pelo contacto do viver corrupto da plebe, perverter os teus bons costumes, resolvi-me a tomar o expediente que mais seguro e adequado me parecesse á realisação de meu projectado fim. Foi então que, depois d'um dia de profunda meditação, abandonei o logar em que vivia, e vim abrigar-me á sombra d'este bom povo, onde presentemente nos encontramos.

«Pelo que acabo de expôr-te, Herminio, facilmente poderás avaliar as gravissimas faltas commettidas por teu pae, faltas que não só originaram a completa ruina de nossa casa, como tambem lançaram por terra o ri sonho futuro de muitas outras.

«Além d'isto, despresando os mais santos principios da vida conjugal, o auctor de teus dias deu-me um viver de martyrio, e jámais se commoveu com as minhas lagrimas, quando, prostrada a seus pés, lhe implorava o termo dos atrozes desgostos que me dava.

«Portanto, para que a sua alma tão maculada podésse ser acolhida pelo Todo Poderoso no reino da bemaventurança, era necessario que alguem n'este mundo expiasse as culpas por elle commettidas em detrimento da propria honra e da paz domestica.

«Esse alguem sou eu, Herminio; sim, sou eu, que tudo soffro resignada, por me animar a convicção de que este meu soffrer é proveitoso á alma de teu pae. O termo de meus dias marcará egualmente o termo de minhas penas, porque depois... oh! depois hei-de ir juntar-me no céo áquelle a quem na terra fôra ligada perante Deus e os homens.

«Tu, porém, meu filho, cumpres n'esta vida uma missão mui differente d'aquella que me impôz o Creador: tu soffres para bem do teu futuro; experimentas as agruras do infortunio para conquistares a palma do martyrio; e quando assim chegado ao extremo da desventura, julgares para sempre perdidos os ultimos vestigios da esperança, verás dissipar-se de mansinho a tormenta, para deixar raiar affim o sol da tua felicidade.

«Creio n'isto como creio em Deus. E sabes porquê?

«Porque aos olhos da Providencia não podem passar despercebidas as nobres acções do teu coração innocente. O amor que me consagras, os beneficios que me dispensas, com a bondade propria d'um filho exemplar, a pureza de tua alma, e a fé viva que te inspira a verdadeira religião do Crucificado, são dotes tão alevantados e de tão adoravel merecimento, que o premio para elles é certo, inevitavel.

«Por isso, meu filho, não descreias da infinita piedade do Supremo Sêr, que rege o mundo e nos domina; tu has-de ser feliz, muito feliz ainda, porque m'o diz o coração e porque os teus grandes merecimentos são dignos d'essa ventura.

«Oh! como eu hei-de abençoar-te, quando lá do céo contemplar um sorriso nos teus labios, ao atravessares os dias serenos e jubilosos que o destino te reserva!...»

Ao terminar estas palavras, a pobre senhora estreitou seu filho nos braços e imprimiu-lhe nas faces um beijo ardente.

Herminio, que havia escutado sua mãe com ar commovido, vertendo de quando em quando uma ou outra lagrima, que espontaneamente lhe rebentava das orbitas humedecidas, chorou muito quando ella o abraçou ao terminar a sua longa narrativa.

O pranto que então se lhe deslisava pelas faces, era como que a expansão da funda mágoa produzida pelas palavras de sua mãe. A infeliz criança ignorava tudo quanto ouvira, e por isso mesmo sensibilisára-se d'um modo extraordinario. No entanto, passada a impressão mais dolorosa, o seu espirito serenou-se, e Herminio pôde corresponder aos carinhos, que sua mãe lhe dispensava n'aquelle momento.

(Continúa). J. DA CUNHA CARDOSO.

A' obsequiosidade do nosso amigo Cunha Cardoso devemos as poesias seguintes, que, pelo conceito que cada uma encerra e pelo agradavel conjuncto de todas ellas, nos empenhámos em que figurassem nas columnas do nosso periodico:

A' PONTE METALLICA SOBRE O DOURO

(NO DIA DA SUA INAUGURAÇÃO)

Egregio monumento, arrojo insano
Da humana intelligencia,
Que esforço altivo e quasi sobrehumano
Te pôde conceber, erguer ufano
A' luz da Providencia?!

Eu sinto me guindado á phantasia
Dos mundos ideaes,
Em face d'esse extremo d'ousadia
Que impávido revelas na harmonia
Das fórmas colossaes!

Prodigio do saber, mais larga senda
Abriste ao mundo inteiro!
E o mundo, sempre em armas na contenda
Que ao facho do progresso a luz desvenda,
Saúda-se, altaneiro!

Ao Porto coube em sorte o possuir-te,
Padrão d'eterna glória!
Mas elle, que se ufana em vir sorrir-te,
Ha-de hoje venerar-te, ha-de esculpir-te
Nas paginas da Historia!

4 de novembro de 1877.

VERSOS D'UMA MENINA AO FELIZ CONSORCIO DE SUA MADRINHA

Quando as aguas do baptismo
Déram luz ao meu viver,
Tiveste vós o prazer
D'abençoar os meus dias;
Nas aras do christianismo
Foram p'ra vós meus vagidos
Como os harpejos nascidos
Das mais santas harmonias.

A sacra voz do levita
Erguia a prece ao Senhor,
E de voss'alma o fervor
Subia até Deus tambem;
Depois, sorrindo contente,
Como sorri a ventura,
Foste depôr-me mais pura
Nos braços de minha mãe!

Hoje, porém, que voss'alma
Sente um prazer mais intenso,
Terminando o curso immenso
Dos bellos sonhos d'outr'ora,
Venho segrar-vos, madrinha,
Como um penhor do passado,
Este innocente traslado
Dos meus affectos d'agora.

22 de Dezembro de 1877.

AO JESUITA!

NO THEATRO BAQUET, EM A NOITE DO BENEFICIO DA SOCIEDADE DOS TYPOGRAPHOS, COM O PRECIOSO DRAMA «OS LAZARISTAS»

É noite de prazer a noite d'hoje,
Sagrada com amor á Liberdade!
De novo se abre o templo da verdade,
Aonde a nobre causa é venerada!
Soberba, magestosa e delirante
De todos n'uma só a voz se eleva,
E ao ecco da ovação se esvae a treva
Que occulta a raça vil de Torquemada!

Envolve, jesuita, esconde a fronte
Nas dobras do teu manto côr da noite!
Procura uma caverna, onde se acoite
A horda de villões a quem dominas!
Não venhas perturbar os santos gosos
D'aquelles que te odeiam, miseravel!
Nem julgues que a um passado detestavel
Egualas o presente, que abominas!

Nunca!... Juro-o aqui, co'a ideia firme
N'Aquelle a quem offendes sem pudôr!
Jámais o tempo volta do terror,
Da forca e da fogueira, que te apraz!
E sempre que eu podér e tu conspires
No seio d'esta invicta e gran cidade,
Em nome bradarei da Liberdade:
—Arreda, jesuita!... para traz!

28 de junho de 1875.

OS ALUMNOS DA ORDEM DO CARMO

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DO FILHINHO DA SUA PRIORA E PROTECTORA

E' hoje dia de festa
P'ra vosso filho, senhora,
Lançam-lhe os anjos n'est'hora
As puras bençãos dos céos;
E os hymnos d'amor ardente,
Que em vossa alma revoam,
Como uma prece resoam
Junto do throno de Deus!

Senhora, se os mil affectos,
Que todos nós vos sagramos,
São prova de quanto amamos
A vosso filho tambem,
Dizei-lhe que os protegidos
D'aquella que o sêr lhe deu
Véem, em nome do céo,
Saudal-o em vós, que sois Mãe.

1 de julho de 1878.

A D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

Por occasião da sua visita a esta invicta cidade

Salvè! d'além mar ó magestade,
O' genio sublimado e portentoso!
Imagem d'onde brota a caridade,
Modêlo dos monarchas, venturoso!
A fama, que apregôa em som ridente
Virtudes que vos tornam memoravel,
Em nobres corações verteu affavel
O amor que vos tributa a lusa gente!

Nas galas que fluctuam magestosas
P'lo seio do lar patrio, que adoramos,
Mil provas achareis não mentirosas
Do affecto que nós todos vos legamos.
Trasbordam d'alegria os corações,
E a alma se extasia ante o prazer!
Oh! tudo assim é bello!.. e é um dever
Honrar quem tanto honra as gerações!

Bemvindo sêde, pois, ao berço amado,
Que martyr se tornou p'la liberdade!
Ao berço, onde á voz do Rei-soldado
Heroes tornaram forte esta cidade!
E aquelles que do Pae tão memorado
Possuem um penhor d'alta amisade,
Ao Filho saberão dizer, sorrindo,
—D. Pedro do Brazil, sêde bemvindo!

Porto, 2 de março de 1872.

NA CAMPA D'UM INNOCENTINHO

—Anjo d'amor e ternura,
Porque fugiste dos teus?

—Para lhes dar a ventura,
Rogando-a junto de Deus.

BOUQUET

(A UMA FORMOSA SENHORA)

São as flores da poesia,
Quando despontam mimosas,
Mais bellas que as frescas rosas
Que a mão do tempo desfaz:
N'aquellas vive a pureza
Do affecto que n'alma existe,
N'estas apenas assiste
Gentil aspecto fallaz.

Por isso, p'ra recordar-vos
De ventura o vosso dia,
No jardim da poesia
Singelo ramo colhi:
Se é humilde qual não mer'ceis,
Pobre d'aroma e belleza,
Haveis de achar-lhe a pureza
De quanto n'alma senti.

J. DA CUNHA CARDOSO.

ENTHUSIASMO

Amemos! amemos!
Sejamos sempre constante!
Quanto é bello o amor!
Quão lindo o nome de amante!

Porto. A. B. QUEIROZ.

REVISTA LITTERARIA

A JORNADA D'AFRICA

(CONTINUANDO A PAG. 29)

Tanto que amanheceu, e o Alcaide achou de menos Virginia, ficou tão furiosamente desatinado, que não lhe lembrando obrigações, nem dignidade, começou a correr a terra, com todas as justiças e mais gente de sua casa, cuidando que não podia ser a fuga de uma delicada moça mais que até seus visinhos; porém, achando alguns indicios de mais longa viagem, se tornou para casa, tão triste e descontente, que se se podéra por este respeito haver piedade d'elle fôra muito bem empregado.

Logo acudiram as mulheres, muito consoladas de sua desconsolação, com fingido semblante, dizendo que se não agastasse, que tudo tinha remedio, e assim a déra Deus a Virginia como ellas o desejavam, não por bem d'ella, mas por quietação d'ellas. Emfim, o Alcaide expediu logo muitos mouros de cavallo para todos os logares onde podia haver suspeita, com grandes promettimentos, porque além das saudades que amor lhe solicitava, bastantes a não deixarem logar a outro sentimento, lastimava muito, como mouro que era, que seu filho viesse ao mundo em parte onde podésse ser christão.

Não faltavam n'este tempo aos filhos do Alcaide algumas lembranças para o indignarem, mas o mouro ha-

via mister mais consolação e remedio que ser persuadido que menos pretendia.

Passados emfim alguns dias (que nunca duram muito alegres esperanças) foi Virginia tomada no caminho de Melilha, sendo desamparada de seus guias, que para se livrarem da morte lhes foi assim necessario; e como além do respeito que o Alcaide mandou que se tivesse para com ella, sua gentileza se fazia respeitar em toda a parte, foi tractada com toda a cortezia, e trazida á presença do Alcaide nos mesmos trajes em que fugira.

Chegou emfim Virginia, triste, cançada, e quasi esmorecida, a casa do Alcaide, que por uma parte estava muito contente, e por outra muito sentido de tal determinação; e assim, entre mágoa e melancolia, lhe disse:

Ó féra ingrata, se o devido respeito a esse innocente fructo, que de nossas vontades amorosas devêra ser um dôce nó, te não póde mover a piedade, porque te não moverá aquelle amor tão sem limite, que te fez, sendo captiva, livre domadora de um senhor escravo? Se minha altiva sorte, antevendo quiçá o que amando mereço, me quiz enriquecer com tua pobreza, que culpa tenho eu na desventura que me fez feliz? Se não te offendi n'isto, em que pude offender-te, que com tão vil desprezo pretendeste deixar-me? Não vês, ingrata escrava, antes cruel senhora, como por teu respeito, depois de me alhear a mim mesmo, tudo puz em alarma, procurando-te por toda a parte, idolo d'alma, alma d'esta vida, e pizando (triste de mim), com desatinada ousadia, a justa observancia da lei em que vivo? Se tanto desejo tinhas de não ser senhora onde nunca pareceste captiva, eu te fôra muito fiel guia, que pois quiz amor que por ti não tivesse liberdade em parte alguma, pouco importava mudar estado e vida, a troco de te ver contente. Mas tu, como deshumana, usando mal de minha singeleza e sacrificio, não só me desprezaste, mas, excedendo os limites de toda a crueldade (em meu damno admiravel), desmentiste o poder da natureza, que nunca fez cousa bella para causar tristes effeitos. Se por ventura minha fealdade me faz sem culpa ser de ti aborrecido, o sol, que o céo serena, e dá luz ás estrellas, tambem anda com os raios pelo chão. Mui bem poderão teus ingratos olhos, assim como traspassem minhas entranhas, descobrir n'esta alma tanta formosura, que bastará a encobrir minha torpeza.

Isto dizia o mouro, e outras muitas cousas, em arabigo, que em portuguez vem a ser o que havemos dicto, pouco mais ou menos, as quaes foram narradas por um judeu de nome Dinar, que se achou por interprete no lastimoso caso. Chorava a triste Virginia, ouvindo estas palavras, com bem differente mágoa, porque a não tinha mais que de sua curta ventura, e d'este modo se recolheu, tão aborrecida de si mesma, e tão cançada, que adoeceu de uma grande enfermidade; e em breve tempo, com os sobresaltos e trabalhos passados, se aniquillou aquelle infeliz fructo d'esse amor que ella tanto repudiava. Sentiu o Alcaide grandemente este desastre, assim pelo trabalhoso accidente, como por temer Virginia mais endurecida e menos penhorada; e n'estas desconfianças, bem solicitadas de seus filhos e mulheres, passou alguns dias o mouro, entre esperança e temor, até que Virginia, deliberada outra vez a não soffrer tal vida, não cessando os intelligentes officios que lhe procurava o seu capitão Hercules, tornou a fugir quasi da mesma maneira.

Sentiu este desprezo e ousadia o Alcaide, de modo que, já de si aborrecido, mandou seus filhos que a fossem buscar com a costumada gente de cavallo, e que a pozessem em parte onde se resgatasse, porque não sentia seus olhos capazes de tanta agonia; e como os filhos estivessem tão promptos na ira como estimulados de suas mães, não quizeram mais que uma pequena licença para sua desejada vingança. Partiram logo, e posto que alguns dias pôde a triste Virginia occultar-se de seus inimigos, mettida em brenhas, soffrendo mil miserias, emfim veio ás suas mãos, e trazida a casa do Alcaide, meia morta e consumida, foi posta em prisão, onde o mouro não quiz ir vel-a. Notando isto os filhos e mulheres do Alcaide, foram carregando a mão em suas culpas, de maneira que o mouro começou totalmente a perder as saudades d'ella—que tanto póde um desamor em um peito barbaro.

Vendo isto as mulheres, e o bom principio que levavam seus crueis propositos, ajuntaram á infeliz moça falsamente novas culpas, por onde o mouro, como ellas fossem sobre paixões amorosas, perdeu a paciencia totalmente, dizendo que não apparecesse mais diante d'elle, de tal modo que seus filhos e mulheres ousaram commetter a crueldade que logo veremos.

O' sorte indigna da belleza humana, que foi na vida Lucrecia, Helena, e Hero, mais que ferro, incendio e precepicio! quem viu esta moça no nosso campo, tão bella que arrebatava os olhos de todos, e a vê agora condemnada de sua propria belleza, tão pobre só por muito enriquecida, é cousa certo digna de grande mágoa, principalmente tendo-se libertado as mais das mulheres que como ella foram captivas!

Mas tornando a nosso proposito, digo que os filhos do Alcaide, movidos do mortal odio das mães, que presentes estavam, e de sua bruta e natural ferocidade, tiraram a triste Virginia da prisão onde a encerraram, estando fóra da cidade o desesperado e aborrecido Alcaide; e com estranha furia, sem piedade alguma, lhe ataram as mãos tão cruelmente, que ella conheceu muito bem os fins de seus dias; e como estivesse já tão cançada da vida, que apenas se sustentava n'ella, vendo a visinha morte que os agudos alfanges promettiam, começou a dizer em altas vozes:

O' ministros crueis do indigno mandamento, promptos cobardes na vingança injusta, com quanta mais razão esses agudos ferros poderam exercitar-se no piedoso soccorro de minha triste vida, que na vil façanha da innocente morte de uma miseravel captiva, desamparada e estrangeira! Se minha triste sorte, a que vós chamaveis alta ventura, turbou alguma hora vossa paz e socego, Deus sabe que nunca em tal estado solicitei vossos desgostos. Que lei tão rigorosa condemnou jámais estranhas culpas, em quem de vontade livre carecesse? Por buscar minha honesta e justa liberdade, e por vos deixar na quietação da vossa, estou em tanta miseria; e quando com pias entranhas devêra ser soccorrida, ou perdoada ao menos, vejo triumphar de minha morte aquelles de cuja vida eu podéra ser senhora. Mas pois meus licitos desejos, honrado presupposto, aborrecido estado, são os verdadeiros cutelos que dão fim a esta triste vida, e não esses cobardes alfanjes, não vos quero lembrar mais vossos erros, nem mostrar minha innocencia.

Isto dizia Virginia diante das assanhadas mulheres do Alcaide, a quem o mortal odio não dava logar a piedade alguma, antes incitavam seus filhos ao cruel acto, os quaes arremetteram a ella de maneira que não póde quasi n'este amargoroso transe pronunciar, como quizera, o sancto nome de Jesus que invocava. Descem os agudos alfanjes sobre as madeixas de ouro, cobre-se a pallida neve do corrente sangue e sahe da formosa

bôca o brando espirito, com o doce amado nome juntamente!

Assim acabou Virginia; e como todos em casa estivessem da parte de seus inimigos, foi dicto ao Alcaide que morrêra de sua morte natural, sendo enterrada por alguns captivos, com grande mágoa de todos. O que Hercules sentiu d'este successo, que por amor da desditosa dama havia muito tempo que estava em Ceuta, do lastimoso caso se póde colligir.

Pareceu-me bem dizer aqui o fim que teve este Alcaide, permittindo-o assim Deus, por ser o maior inimigo que os christãos tiveram. Sendo mandado pelo Xerife ao reino de Guago, nova conquista, veio de lá por suas culpas preso, e acabou miseravelmente, tanto que um captivo bem honrado me affirmou que chegára a darlhe esmola.

Foi este o unico mouro que não deu gasalhado aos fidalgos, porque todos os mais os tratavam com grande respeito, pelo conhecimento que de seu valor tinham em nossas fronteiras; e até o mesmo rei dizia que não eram seus captivos, senão seus devedores.

JERONYMO DE MENDONÇA

UMA NOITE DE INVERNO

No meu ninho de amor; lá fóra a tempestade!
A ver o teu olhar, e ouvindo ao longe o vento!
O rio a soluçar, e a nossa mocidade
Na doce embriaguez que dá o sentimento!

Que chore a terra, o ceu; tambem a humidade
Do teu labio, ó flôr, afoga o pensamento
Do meu louco cuidar em cousas de saudade
Que não querem morrer no mar do esquecimento!

E como eu estou bem, sonhando nos teus seios,
Entre teus braços nus, uns tremulos enleios,
E Deus a disparar as cobras de Jove!...
....

—Acorda, minha amante; expande o teu sorriso,
A voz de rouxinol e a luz do paraizo...
—Ai que somno tão bom! Vê lá se ainda chove!

SERGIO DE CASTRO.

SAUDADES IDYLLICAS

I

Tu eras tão pueril e alegre como as aves
Que soltam de manhã as saudações ao Sol;
E os teus olhos leaes, tão negros, tão suaves,
Tinham um movimento humedecido e molle!

II

Quantas vezes soltaste a caprichosa trança
Occultando-me a fronte fulvos turbilhões,
Cheirosos como nectar que exhalla uma creança,
Brilhantes como a luz de mil constellações?

III

A tua mão setinea—um lyrio acarminado—
Quantas vezes pousou na minha mão tremente
Na tepida emoção d'um beijo demorado,
No irritante calor d'uma caricia quente!

IV

E não te lembras já das calmas noites bellas
Que passamos fallando em coisas immortaes,
Banhados pelo alvor das lividas estrellas
Ouvindo o mar ao longe em consternados ais?

V

Não te lembras da lua illuminando a medo,
Entre nuvens d'espuma, os nossos bons passeios,
Atravez do silencio escuro do arvoredo,
N'aquelles juvenis e vagos devaneios?

VI

Como passou depressa—oh pomba que eu lamento—
Aquelle tempo bom da augusta mocidade!
Deixou vestigios só na fria realidade
Como um astro que cae no Azul do firmamento.

VII

Nunca mais sentirei o pezo desejado
Dos teus braços febris coroando-me d'amor...
Não mais me cobrirá o teu cabello amado
Como em manto de rei n'um dia d'esplendor...

1878. GASPAR DE LEMOS.

IDEAL

Não me roubes os caros devaneios,
O doce imaginar,
Embora te eu pareça um pobre louco,
Oh! deixa-me sonhar!

Oh! deixa-me sonhar! A vida é bella,
Tem doces illusões,
Se as azas do ideal nos arrebatam
A ethereas regiões.

Não me apontes, por Deus, a realidade!
E' torvo o aspecto seu!
Eu quero, em devaneio, imaginar-te
sentada ao lado meu.

Eu quero imaginar que te ouço as fallas
Cheias de melodia,
E que meus olhos fito no teu rosto
De suave magia.

A's vezes, alta noite, solitario,
Me encanto ao peitoril
Da janellla, alongando os olhos avidos
Por esses ceus d'anil.

E penso então que tu talvez n'ess'hora
Tambem contemplarás
As longinquas estrellas e, saudosa,
D'alguem te lembrarás.

Talvez... mas calem labios o que o peito
Anceia por dizer...
Almas irmãs, no ideal voando,
Devem-se compr'hender.

Anjo, bem sabes como é bella a vida
Passada a imaginar!
Os poetas são sempre uns pobres loucos...
Mas deixem-nos sonhar!

ALBERTO CARLOS.

?

Um canto? um canto aqui? minha senhora!
Aqui! tudo é festa, como a aragem
nos laranjaes em flôr?
E eu! trovador da tarde; eu, que n'est'hora
depuz a pobre lyra, aos pés da imagem
de um quasi doido amôr!

Eu já não tenho cantos; tenho a préce
que a Deus entoa o triste que encontrára
o seu amor fatal!
aquelle amor que mata, que endoidéce...
sentir, que nenhum vate ainda cantára
em verbo divinal!

Se eu já não tenho cantos, quando á tarde
vejo, ao calor do sol, pela campina
a immensa solidão!
Tenho só este amor, que mata, que arde...
este impulso fatal da minha sina...
Só este amor volcão!

Cantos? Pois tem lá canto a tempestade!
do raio o crepitar por sobre o monte,
que as iras insultou?
Pois este amor! — amor — immensidade! —
este anceio sem fel, sem horisonte
quem foi que o já cantou?

Nem eu sei que haja canto, que haja metro,
sonhado verbo, accentuação vehemente
que o podesse cantar!
Existe um canto só, sem voz, sem plectro,
ouvi palavras até... o que a alma sente
n'um mundo ajoelhar.

Não tenho cantos, não, minha senhora.
Se outr'ora louco fui cantor, coitado!
de vermes que encontrei,
hoje, deante esta redemptóra,
a lyra do cantor desatinado
para sempre quebrei!

Ponte do Lima. José Caldas.

A MULHER NA FAMILIA

(extractos d'um discurso)

Ao Dr. José Baptista Zagallo

O trabalho de educação não é exclusivo da mãe. Mais tarde o pae exerce uma acção natural sobre a creança, porém todo complementar: vivifica-a com a sua energia moral, rubustece-lhe a intelligencia com noções mais largas, inicia-a na sociedade. Mas quem prepara o terreno, o desbrava, abre os fundos sulcos onde se lançam as sementes que hão de germinar, florescer, fructificar? E' a mãe. Ella está sobrecarregada com todo o peso da educação, e por isso é a mais responsavel pelas faltas do filho. O pae tem a dispender um rude trabalho, quer no escriptorio, fabrica, ou officina, porque tem a seu cargo a sustentação da familia, está quasi todo o dia ausente do filho, de modo que, quando chega a casa, á tarde, cançado, exhausto, saudoso por aquelle pequenino ser rosado e loiro que o espera á porta balbuciando, o pouco tempo que o tem ao pé de si é para o encher de beijos, caricias, recompensando-o assim das tristezas da ausencia. Portanto o pae está impossibilitado da primeira educação. Para isso exije-se uma continua convivencia com a creança, uma grande impassibilidade, uma grave serenidade, mas tambem não se conclua d'aqui que quem aconselha os preceitos de educação se deve revestir d'um frio tom authoritario. Não. Requer-se uma amoravel gravidade afim de que a creança vá encarando esta existencia como uma coisa seria, importante. Desde os primeiros annos se deve ir mostrando que as suas relações entre os homens consistem n'uma completa troca de deveres, aos quaes correspondem eguaes direitos, crescendo estes proporcionalmente áquelles. Ora o ensino d'estas primeiras noções moraes cabe á mãe. Ella tem, na realidade, um poderoso trabalho de pasciencia, e precisa d'uma intensa penetração e d'uma variada educação intellectual, porque não tem só a dar á creança principios moraes, tem tambem a instruil-a nos primeiros conhecimentos das coisas. A mulher é muito preferivel ao homem na primeira educação intellectual. Como o cerebro da creança é demasiado impressionavel, o ensino primario consiste apenas na fixação da imagem dos objectos, e ninguem melhor de que a mulher para esse ensino. A sua imaginação viva fal-a dar ás coisas uma cor intensa e pelo seu finissimo espirito de «detalhe» penetra mais do que o homem o concrecto, porque este, dotado d'um rigoroso poder de generalisação, não toma um objecto isoladamente, descobre pontos de contracto que o ligam a outros. Ora para a comprehensão d'estas verdades é indispensavel a faculdade de abstracção bastantemente desenvolvida, o que só se attinge no estado adulto. Demais a mulher insinua-se carinhosamente, tem o dom de persuazão, não abala o aguado e molle cerebro da creança, identifica-se com ella, sabe proporcionar-lhe o ensino adequado. Estas «nuances» de temperamentos, tendencias, não as apanha tão facilmente o homem. Elle vê simplesmente o «substratum» a essencia.

Em geral a mulher não tem o cerebro tão possante como o homem, não tem as suas poderosas faculdades conceptivas, mas é capaz de comprehender todas as verdades, todos os inventos com que os homens, dia a dia, vão enriquecendo o farto thesouro das sciencias, das lettras e das artes. Realmente não ha memoria de que a mulher tenha sido a descobridora de qualquer verdade, de qualquer invento. Falta-lhe uma attenção tenaz, uma fixidez de ideias de que ella não é susceptivel pela sua immobilidade constante que resulta d'uma imaginação viva, irrequieta. Mas o ensino primario consiste apenas de noções simples que ella sabe dizer com clareza, com persuazão, o que é o essencial, porque sendo a creança toda sensibilidade, tudo o que a impressionar se apodera da sua alma. Todos sabem que o que mais vivamente nos serve em creança é o que nunca mais se esquece.

Effectivamente seria d'um grande «alcance» social se a mãe entre nós tractasse cuidadosamente da educação do seu filho. Um facto notavel nos serve d'exemplo — a immensa superioridade da França é devida ás mães. São ellas ali as primeiras educadoras.

A atmosphera moral em que o homem moderno respira é toda formada d'interesses, egoismos, vaidades, odios, invejas, e tudo isto lhe esterelisa a alma, dá logar ao tedio, ao desdem, mergulha-o, ás vezes, n'um infinito mar de tristezas.

N'este alluir estrondoso d'antigas crenças que o sustinham de pé, n'este desapêgo profundo pelas ideias que lhe fortaleciam o espirito n'esta desoladora epocha de transição que uma sociedade sceptica atravessa, sociedade que no dizer de Guerra Junqueiro—«perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a correcção scientifica»— o unico apoio moral que resta ao homem é a familia, é a mulher. Só ella com a sua pureza immaculada, porque vive no casto mundo recatado da familia, onde não entram as dessecantes paixões, com a sua natureza consoladora, suaves conselhos, ternas meiguices, e, sobre tudo, um resto juizo que n'estas occasiões a illumina como uma inspiração subita, só ella, o póde fortalecer, restituir-lhe a serena paz, o alegre «humoros,» banhar-lhe a alma n'um oceano de bondade. Só ella póde influir beneficamente para que o homem não esmoreça n'esta lucta constante de todos os dias. Ella é como uma copada arvore que se ergue no arido caminho da vida e estende sobre nós a sua larga sombra protectora.

Quando a mulher tracta cuidadosamente da sua casa, do seu marido, cultivando ao mesmo tempo o seu espirito e o seu coração para estar armada contra todas as tentações, adquire innegavelmente uma incontestavel superioridade sobre o homem, superioridade que embora elle reconheça, nunca deve ser imposta por ella. Toda a mulher que por um momento se julga superior a seu marido quebra fatalmente a harmonia que resulta da força do homem com a delicadeza da mulher. Um dos traços caracteristicos do homem é a força—por isso a authoridade da familia reside n'ella—diz Janet. A mulher possue a delicadeza, a graça, o sentimento da bondade.

E' do equilibrio da força e da delicadeza que se estabelece a perfeita harmonia de familia. Ora para que este facto se dê é preciso que—«os que se unem para sempre devem procurar se os seus corações se correspondem. Breve é a illusão, eterno o arrependimento.» —exclama Schiller no explendido Canção do Seno.

O homem trabalha, lucta, vence, explora a terra, perscruta o céo, dobra os mares, estuda a evolução dos seres, julga os segredos da vida, faz reviver as gerações extinctas, dá vida ao marmore, expressão á tela, sentimento ao som, eloquencia e paixão á palavra, mas apezar d'este rigor cáe prostrado na calumnia que o fere, na inveja que o morde. E' então que a mulher que nunca desanima, que não tem a força para luctar, mas tem-a para soffrer, reanima-o, consola-o, accende-lhe a extincta fé, impulsiona-o para o campo, onde a Humanidade eternamente batalhando irá dia a dia, destruindo injustos preconceitos, velhas crenças, falsos systemas, mas implantando generosos sentimentos, elevando solidas verdades, armando justos principios sociaes, finalmente, afastando-se cada vez mais do estreito reino das Trevas e aproximando-se ao longo reino da Luz! Não será este pois um glorioso papel de mulher?

Na verdade, a mulher que cumpre a sua missão, isto é, que possue na sua alma a força sufficiente para elevar o marido, educar o filho, ennobrecer constantemente a familia, é um dos factores mais vivos da civilisação. Portanto o que urge fazer é dar á mulher uma educação tal que lhe mostre claramente quaes os seus deveres, esposa, filha e mãe. Educar a mulher é educar a propria sociedade, disse Michelet, um justo. A mulher é a pedra angular da familia, e d'esta procede a sociedade. Ora o homem cultivando a mulher como o seu pensamento, dedicando-lhe um coração amante e fiel, glorificando-a com acções nobres, communica-lhe uma tal força que dentro em pouco ella o egual-a e d'este modo se estabelece a mais perfeita harmonia, a felicidade d'ambos é completa.

Porto, maio de 1879.

FRANCISCO CARRELHAS

A VIDA FUTURA

Surge d'um lado em rima, emparelhada,
A positiva ideia um Deus negando;
Crê n'um futuro exacto e memorando,
Mas tam ermo d'encantos como o nada.

Vêm d'outro lado, em mystica toáda,
Profundo dogma outro Deus provando;
Crê no inferno á tôa, de horror nefando,
Qual Dante o concebeu na mente irada.

Eis o vasto problema em tudo enorme,
Aos floridos salões, á triste esp'lunca
Patente em solução tremenda, informe.

De mil flores a campa eil-a se junca,
Disse, atheu ou pio mil conceitos forma,
Tal questão resolver, ao certo nunca.

Bragança 25 de junho de 1879.

J. VALENTIM CARNEIRO.

DECLARAÇAO

Por absoluta falta de espaço, e não por outro motivo, deixamos de publicar n'este numero uma declaração que se acha em nosso poder.

Se fosse só a declaração, bem estariamos nós e os declarantes; porque, não occupando ella mais espaço do que o empregado n'este cavaco—como em verdade não occupa—era com toda a certeza inserida no presente numero.

Dá-se o caso, porém, de nos ser forçoso juntar á referida declaração meia duzia d'observações nossas, e por este motivo, que nos fez prever não chegaria para tudo uma columna do periodico, resolvemos dar conta d'uma e d'outra coisa no proximo numero da *Mulher*.

O PROPRIETARIO.

EPIGRAMMA

Qual foi a mais bella flôr
Que o homem alliviou?
Foi o santo e puro amor
Que a mulher lhe doou.

Porto. A. A. FIGUEIREDO.